

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

RUTE LEIA AUGUSTA DA SILVA

UMA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA DOS MODOS DE SER SURDO
IMPLANTADO COCLEAR

VITÓRIA
2020

RUTE LEIA AUGUSTA DA SILVA

**UMA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA DOS MODOS DE SER SURDO
IMPLANTADO COCLEAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos.

Orientador: Professor Dr. Hiran Pinel

Fonte financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

VITÓRIA

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S586d Silva, Rute Leia Augusta da, 1982-
Uma descrição fenomenológica dos modos de ser surdo
implantado coclear / Rute Leia Augusta da Silva. - 2020.
100 f. : il.

Orientador: Hiran Pinel.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Fenomenologia. 2. Surdez. 3. Implante Coclear. 4. Modos
de ser. 5. Mundos: Circundante, Humano e Próprio. 6. Quarto
Mundo. I. Pinel, Hiran. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



RUTE LEIA AUGUSTA DA SILVA

**UMA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA DOS MODOS DE SER
SURDO IMPLANTADO COCLEAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Educação, na Linha de Pesquisa de Educação Especial e Processos Inclusivos.

Aprovada em 25 de novembro de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

**Professor Doutor Hiran Pinel
Universidade Federal do Espírito Santo**

**Professor Doutor Rogério Drago
Universidade Federal do Espírito Santo**

**Professor Doutor Vitor Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo**

**Professora Doutora Silvia Moreira Trugilho
Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória**

Ausência...

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje **não** a lastimo.

Não **há falta** na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada

nos meus braços, que rio e danço e invento

exclamações alegres, porque a ausência, **essa ausência**

assimilada, ninguém a rouba mais de mim.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE; grifo nosso)

RESUMO

A presente dissertação de mestrado em Educação, inserida na linha de pesquisa “Educação especial e processos inclusivos” do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), tem por título “Uma descrição fenomenológica dos modos de ser surdo implantado coclear”. Nela, tentamos descrever inspirados na fenomenologia, o "que é" e "como é" ser surdo implantado coclear. Descrevemos os modos de ser nos mundos circundante, humano e próprio de Joana e Malu Estrela (nomes fictícios dos dois sujeitos colaboradores desta pesquisa), bem como trouxemos a lume, a uma reflexão existencial sobre os atravessamentos do corpo surdo e a influência do mundo capitalista na produção do discurso introjetado pelo ser no mundo do implantado, sobre seus supostos corpos saudáveis e corpos doentes, uma dicotomia produzida social e historicamente (mundo indissociado ao ser). Tecemos uma produção sobre os conceitos de vivência, experiência, criatividade e adoecimento existencial *versus* saúde existencial, partindo da Psicologia Fenomenológica de Forghieri e sua aplicação na Educação/Pedagogia do corpo, do auto educar-se num projeto de ser. Ao descrevemos a subjetividade e a produção de um quarto mundo do surdo implantado coclear, percebemos ao término dessa pesquisa, o indivíduo surdo como uma existência marcada pelas questões dos mundos circundante, humano e próprio, e que o processo de transformação do corpo por meio do implante coclear é um processo transcriativo de si, revelando mais 'modos de ser'.

Palavras-chave: descrição fenomenológica; modos de ser; ser no mundo; surdez; implantado coclear.

ABSTRACT

The present master's dissertation in Education, inserted in the research line "Special education and inclusive processes" of the Graduate Program of the Federal University of Espírito Santo (UFES), has the title "A phenomenological description of the ways of being deaf implanted cochlear". In it, we try to describe inspired by phenomenology, "what is" and "how is" being deaf implanted cochlear. We describe the ways of being in the surrounding, human and proper worlds of Joana and Malu Estrela (fictitious names of the two collaborating subjects in this research), as well as bringing to light an existential reflection on the crossings of the deaf body and the influence of the capitalist world. in the production of the discourse introjected by the being in the implanted world, about his supposed healthy bodies and sick bodies, a dichotomy produced socially and historically (world inseparable from being). We weave a production on the concepts of living, experience, creativity and existential illness versus existential health, starting from Forghieri's Phenomenological Psychology and its application in Education / Pedagogy of the body, of self-education in a project of being. When describing the subjectivity and the production of a fourth world of the deaf implanted cochlear, we realize at the end of this research, the deaf individual as an existence marked by the issues of the surrounding worlds, human and own, and that the process of transformation of the body through the cochlear implant is a self-transcriptional process, revealing more 'ways of being'.

Keywords: phenomenological description; ways of being; be in the world; deafness; cochlear implant.

RESUMEN

La presente tesis de maestría en Educación, insertada en la línea de investigación "Educación especial y procesos inclusivos" del Programa de Posgrado de la Universidad Federal de Espírito Santo (UFES), tiene el título "Una descripción fenomenológica de las formas de ser sordo implantado coclear". En él, intentamos describir inspirados en la fenomenología, "qué es" y "cómo es" ser sordo implantado coclear. Describimos las formas de ser en los mundos circundantes, humanos y propios de Joana y Malu Estrela (nombres ficticios de los dos sujetos colaboradores en esta investigación), además de sacar a la luz una reflexión existencial sobre los cruces del cuerpo sordo y la influencia del mundo capitalista en la producción del discurso introyectado por el ser en el mundo implantado, sobre sus supuestos cuerpos sanos y cuerpos enfermos, una dicotomía producida social e históricamente (mundo inseparable del ser). Tejemos una producción sobre los conceptos de vivir, experiencia, creatividad y enfermedad existencial versus salud existencial, a partir de la Psicología Fenomenológica de Forghieri y su aplicación en la Educación / Pedagogía del cuerpo, de la autoeducación en un proyecto de ser. Al describir la subjetividad y la producción de un cuarto mundo del sordo coclear implantado, nos damos cuenta al final de esta investigación, del individuo sordo como una existencia marcada por las problemáticas del mundo circundante, humano y propio, y que el proceso de transformación del cuerpo a través de la El implante coclear es un proceso de autotranscripción que revela más "formas de ser".

Keywords: descripción fenomenológica; formas de ser; estar en el mundo; sordera; implante coclear.

LISTA DE GRÁFICOS E ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1- Produção do Banco de Teses CAPES de 2014 a 2018	19
QUADRO 2- Trabalhos levantados para revisão de literatura	23
FIGURA 1- Os caminhos do som no ouvido humano	38
FIGURA 2- Escala dos Decibéis	39
FIGURA 3- Localização Implante Coclear (receptor externo)	40
FIGURA 4- Anatomia do ouvido humano sem intervenção do IC	40
FIGURA 5- Anatomia do ouvido humano após a intervenção do IC	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 IMPLANTE COCLEAR: REVISITANDO ESTUDOS E ENTENDENDO CONCEITOS	18
1.1. As pesquisas sobre implante coclear como uma figura-fundo do modo de ser-sendo surdo implantado coclear	19
1.2 O corpo como objeto de si: uma breve reflexão sobre surdez, audição e implante coclear	37
1.3 Breve resumo da história do implante coclear no mundo	41
1.4 1990: o nascimento do implante coclear no Brasil	45
2 TRILHAS: TRAÇANDO UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISA	50
2.1 Ética na Pesquisa	51
2.2 Apresentação dos colaboradores da pesquisa	51
2.3 Metodologia	52
2.4 Instrumentos para a compreensão de dados	56
2.5 Uma interrogação persistente nos diálogos da orientação	56
3. JOGOS DE ESPELHOS E A POÉTICA DO CORPO: O QUE É E COMO É SER SURDO IMPLANTADO COCLEAR A PARTIR DE FORGHIERI	60
4. ESPELHOS D'ÁGUA: A IMAGEM DE SI, NARRADA NO RETORNO ÀS COISAS MESMAS	69
4.1 Escuta visual: João e Malu Estrela, flores de onze-horas	71
5. PÓS-ESCRITOS	88

REFERÊNCIAS	90
ANEXO	96
APÊNDICE	99

INTRODUÇÃO

Somos existência no mundo! E, como tal, caminhamos tendo como objetivo concretizar o projeto original que há no íntimo de cada um de nós: viver em plenitude. Assim, cada passo que damos é uma busca de compreender a nós mesmos, de compreender o mundo e, neste processo, de sermos autores de nossas próprias histórias. Pincelar o que se almeja ser é o desafio de todos os seres humanos.

Assim sendo, eu não poderia iniciar esta trajetória de pesquisa sem, antes, num trabalho introspectivo, revisitatar minha história. É que o meu passado tem, de certo modo, grande influência no meu ser-sendo pesquisadora no aqui-agora. Este aqui-agora é um processo de revelação-descrição das vivências de um indivíduo as quais serão descritas no presente, não apenas como uma memória, mas como um constituinte do próprio indivíduo. Nisso, a fenomenologia me ampara, me sustenta, por ser uma ciência que visa ao retorno à coisa mesma.

Revisitando meu passado, resgato lembranças que me trazem a compreensão dos sentimentos de empatia, respeito e unidade que tenho para com o povo surdo. E conforme vejo, as experiências e vivências dessa população surda, no Brasil, ao longo da história, são permeadas por situações de exclusão, dúvidas, angústias, incertezas, resistência, reafirmação e busca permanente da conquista de uma consciência de si, enquanto sujeito de direitos, o que se identifica com muitas situações do meu próprio existir, porque,

[...] ser no mundo significa, existir pra si e para o mundo, não apenas o mundo da natureza, configurado em termos humanos, mas também, é claro, o mundo social em que o ser com os outros assegura a realidade no modo da coexistência (AUGRAS, 1986, p. 21).

Preciso confessar que escrever sistematicamente, do modo como se propõe uma pesquisadora, tem sido para mim um grande desafio, que procuro superar. Tenho o vício particular de narrar parte de mim, como parte da composição do processo de fazer pesquisa. Numa tentativa de escrita-ensaio, tento escrever um texto que se aproxime do estilo dos textos poéticos e literários. Mergulho na poesia que permite (ou não) uma escrita leve, com estéticas outras, num processo de ir-voltar, compor, pensar, problematizar questões cotidianas do corpo surdo inserido no mundo, buscando sentir na poesia a sensibilidade de ser no mundo. Valho-me de Paz (2017,

p. 49), no que diz “[...] o ser ama ocultar-se: a poesia se propõe a fazê-lo reaparecer”, pois,

[...] de algum modo, em algum momento privilegiado, a realidade escondida levanta-se da sua tumba de lugares comuns e coincide com os homens. Neste momento paradisíaco, pela primeira vez e única vez, por um instante e para sempre somos de verdade (FORGHIERI, 2017, p. 49).

Sou alguém cuja existência está atrelada a mudanças. Na infância, as mudanças de endereço eram frequentes, sempre em busca de melhorias do mundo circundante, quer fosse relacionado à estrutura física do lar ou em busca de um lugar com mais segurança e liberdade no processo de ir e vir. E foi numa dessas mudanças de bairro, num movimento de fuga da violência, do tráfico e da pobreza, que tive meu primeiro contato com os surdos. Esse encontro ocorreu em um evento religioso na Primeira Igreja Batista de Guarapari. Ali, ao encontrar pessoas surdas e me encantar com elas, percebi o uso do corpo como instrumento de arte e encantamento, onde concreto e abstrato se compilam num movimento de significante e significado, fazendo da língua um corpo e do corpo a própria língua, a LIBRAS- LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS. Na Libras, “[...] corpo, afeto e linguagem são organizadores da nossa condição humana, do nosso encantamento sensorial e histórico, na infinita de tarefa de imprimir sentido aos acontecimentos” (NÓBREGA, 2010, p. 87).

Ao tomar consciência do fenômeno de ser surdo, quis aprender a língua e decidi tornar-me parte da comunidade surda local, não por semelhança de corpos, mas pela semelhança de ser existência no mundo, num processo de entrelaçamento e imbricação das realidades de mundo vividas. Frequentar o curso de Libras ofertado pela primeira igreja Batista de Guarapari impunha como condição ser membro da igreja. Aceitei a condição imposta, tornei-me membro da Igreja e mergulhei nesse novo e enigmático mundo. Ali tudo era mágico: os cultos, os ritos, as mãos tomando formas, criando sentido, o corpo entregue à tradução do mundo, um conjunto de parâmetros formando o som do vento, da chuva, um ponto, uma vírgula, um carro, uma curva.

A Libras foi para mim uma descoberta de construção de cenários encantados, imaginados e mistificados. E foi deslumbrada pela beleza e vigor das expressões corporais, que me atentei para o corpo surdo de forma ainda mais sensível; transgredido-transgredindo, atravessando o mundo e enfrentando a realidade de ser-

sendo junto ao outro – o ouvinte. E se é verdade que o caminhante faz o caminho, aqui estou, diante da tela, enquanto Ester (minha estrela) dorme, eu escrevo – *poiesis*-, recorte de uma vida, de uma história.

Ao decorrer do curso de Libras, minhas mãos foram tomando vida e, aguçada pela curiosidade do novo, da paixão, estreitei laços, desenvolvi relação, despertei o amor, provoquei paixões, amizades, romances, sexo, rompimentos, confidências, conhecendo o outro e conhecendo-me. Nesses atravessamentos, quantas mudanças! Quanto medo e (in)exatidão! Somos existências estéticas e sensíveis, no bom *sentido*, uma vez que

[...] o sensível não é aparência confusa que precisa ser eliminada pela consciência, nem a simples objetividade da matéria física. O sensível é a realidade constitutiva do ser e do conhecimento, que se manifesta nos processos corporais (NÓBREGA, 2010, p. 83).

Encantada pela Libras, dediquei tempo de qualidade à comunidade surda de Guarapari, na qual havia crianças, jovens, adultos, homens, mulheres, gays, heterossexuais, trabalhadores, desempregados e outros muitos, para além dos rótulos. Nesses momentos vividos entre o falado e o não-ouvido, meus olhos perceberam um processo de controle do corpo, num jogo de relação em que poder e inocência são peças constantes na relação entre surdo e ouvinte; afinal, “[...] para qualquer pessoa, o poder não é teoria, mas realidade onipresente que deve enfrentar, usar, gozar, e sofrer centenas de vezes ao dia. Toda pessoa é, ao nascer, um feixe de potencialidades” (MAY, 1981, p. 99).

Nesses encontros cotidianos de minhas vivências e experiências com a comunidade surda, pude me descobrir por meio do outro. Amava conhecer a história de vida de cada um, seus conflitos pessoais, os processos de superação, e, em cada narrativa visualizada, eu descobria não apenas a beleza da língua, mas também a magnitude de ser sendo surdo, e de todo aquele processo de ser escutador-conhecedor do outro. Assim, a compreensão de Augras (1986, p. 82) de que “a fala, enuncia o encontro”, não está restrito à língua falada e escrita, à língua portuguesa, mas estende-se a Libras. Na medida em que um indivíduo se expressa, sua intencionalidade é sempre comunicativa, porque a expressão implica a extensão da coexistência.

A paixão e o respeito que sempre tive para com o sujeito surdo concederam-me, dentro da comunidade surda local, o cargo de conselheira (e implicitamente

confidente). Aprendi, nesse processo, que a relação com o outro no mundo humano pode nos tornar sujeitos mais sensíveis às causas alheias. Não raras vezes, angustiei-me por não saber lidar com situações de injustiças e preconceitos que cada um de meus amigos surdos me confidenciavam. Hoje, percebo o quão importante foi me colocar no lugar de “escuta-dor(a)” do outro e perceber, nas histórias que contavam sobre si, a inevitável experiência da dor no processo de ser surdo no mundo.

Ali, do lugar privilegiado que pude usufruir nessa relação com o surdo, pude concluir que há histórias sobre os modos de ser surdo que precisam ser percebidas a partir da narração do próprio surdo. Por isso, ao construirmos o projeto para a presente pesquisa, pensamos - meu orientador, Hiran Pinel, e eu, Rute Silva - que descrever os modos de ser de surdos implantados cocleares poderia consistir num processo de reconhecimento, no qual o surdo poderia falar sobre si, e essa autoexpressão ser percebida como uma potencialidade de ser. E foi entre confidências, confidentes, e revelações de segredos, que vivenciei uma conversa¹ oralizada com Analice (nome fictício), surda, e usuária de LIBRAS:

-Rute como é ouvir...?

-Ouvir é usar o ouvido, é perceber o som. (Respondi-lhe)

- Rute, como é o som...?

-O som é um conjunto de sentir que passa pelo corpo quando faz barulho... (Tentei ser o mais didática possível).

-O som é bom, né...?

-Você acha que é? (Devolvo-lhe a pergunta, tentando incitar a dúvida, desfazer uma verdade única).

-Eu acho, você é feliz...

-E você...? (Pergunto, querendo mesmo saber!)

-Seria mais se pudesse ouvir [...]

Até essa conversa com Analice, eu nunca havia parado para pensar sobre como é ser surdo e ser ouvinte. Analice rompeu meu estado de encantamento, levando-me a pensar na realidade do mundo vivido de um surdo, no domínio da cultura ouvinte sobre corpos surdos. Daí em diante, estive por muito tempo pensando sobre minha postura

¹ Elegemos como padrão para citação de diálogos, depoimentos e demais falas envolvendo sujeitos dessa pesquisa o uso de fonte Arial, tamanho 10, com destaque em itálico, espaçamento simples e com recuo de 4 cm a partir da margem do corpo de texto.

diante da inquietação de Analice, e do fato de que, mesmo sendo intérprete e tradutora de LIBRAS, eu nada lhe disse para desfazer sua angústia, quanto ao fato de se perceber surda num mundo predominantemente ouvinte.

Essa inquietação me acompanhou por muito tempo, pois sempre desejei ouvir do próprio surdo implantado coclear a sua história de vida e o caminho percorrido até o processo de escolha pelo implante coclear. Para Augras (1986, p. 13), “[...] ameaça e restabelecimento são componentes da existência na busca de restabelecimento de si mesmo no mundo”, e foi nessa ambiguidade de ser que encontrei motivações para continuar minha busca pela compreensão dos modos de ser surdo implantado coclear.

Compreender o outro é antes de tudo compreender a mim mesmo, e perceber o modo e motivo pelos quais assumo determinadas posições na vida. Analice provocadora de corpos encantados! Quem mandou me doar novos sentidos? Agora sou isso: uma aprendiz (de) pesquisadora.

No processo de ser com o outro no mundo humano é que seguimos rumo ao mundo próprio; no mundo de ser para si; num processo de busca do pertencimento do próprio corpo, da compreensão dos próprios sentimentos, do direito de poder acolher a si mesmo naquilo que se é; naquilo que se pode ser, dada determinada circunstância em que um indivíduo está inserido; nisso tudo e em muito mais do que apenas isso, é que desejamos descrever os modos de ser surdo implantado coclear.

A pesquisa que desenvolvemos intitula-se **“Uma descrição fenomenológica dos modos de ser surdo implantado coclear”**. Dado isso, tomamos por ponto de vista basilar o olhar do sujeito surdo implantando coclear. Nesse contexto, os estudos relativos à surdez desenvolvidos por renomados pesquisadores surdos - dentre os quais Campelo, Stunpf, Perlin, Claudio, Moraes, Strobel, Farias, entre outros - vieram nos confirmar que, para o sujeito surdo, é um grande desafio viver em um mundo construído prioritariamente por e para ouvintes. Sua existência é sempre colocada em questão como uma existência que necessita de ser tutelada pelo outro para que possa se solidificar. Como pesquisadores de viés fenomenológico, temos o compromisso de evidenciar o fenômeno que é cada modo de ser surdo. E angustiados pelos entraves que a existência surda encontra no processo de sua constituição como sujeito de direito em nossa sociedade, buscamos validar nossa questão de pesquisa: **o que é e como é ser surdo implantado coclear?**

Em busca de respostas para nossa questão central de pesquisa, e almejando descrever os modos de ser surdo implantado coclear, elegemos como **objetivo geral compreender fenomenologicamente o que é e como é ser surdo implantado coclear.**

Desse objetivo geral, derivaram dois outros, de natureza mais pormenorizada, os denominados objetivos específicos. Assim, descrever os modos de ser no mundo circundante, humano e próprio, significou trazer a lume a forma como o mundo circundante pode (ou não) influenciar na construção da subjetividade do surdo implantado coclear; nesse processo, também envidamos esforços no sentido de refletir e ou tentar analisar existencialmente os atravessamentos que são produzidos e recebidos nas relações interpessoais, no processo de ser com o outro.

Capturamos nas narrativas advindas dos participantes desta pesquisa, que o mundo próprio do surdo implantado coclear - no processo de tornar-se pessoa no mundo, *indivíduo*, no sentido de pensar o cidadão surdo sem a concomitante tutela de um ouvinte - emerge entrelaçado ao mundo circundante e mundo humano.

Ao final, acreditamos, e somente ao final, pensamos que emergiu uma possível "suposição de pesquisa" ou a "nossa tese", quando, como sempre, nos envolvemos existencialmente e nos distanciamos reflexivamente das pessoas que colaboraram com nossa investigação de inspiração fenomenológica, e foi nessas condições o seu possível aparecer. Vejamos... Ora, o ser surdo no mundo, eles mesmos estão marcados por esse mesmo ao redor de si, o mundo como cultura, sociedade, história etc. Eles estão penetrados em seu ser, e como percebemos com sentido, estão em uma sociedade majoritariamente produzida/ criada para e com os ouvintes e pouco atenta aos surdos, que pode repercutir no que estamos a criar como um quarto mundo. Nesse quarto mundo, é onde a pessoa surda pode (e deve) subverter e resistir contra o estabelecido como verdade inquestionável, aquele imposto como verdade única presente nas padronizações advindas, especialmente do Estado e suas exigências ideológicas dominantes. Essas verdades únicas, pouco móveis, que tem um imenso impacto, algo concreto, nos cotidianos vividos, e os sujeitos se revelam resistentes, contra a opressão e à exclusão, ainda que desvelando uma luta solitária, assim como uma luta, que pode esboçar o coletivo, uma procura de informação, desejo de denunciar o desumano e anunciar o humano etc.

1 IMPLANTE COCLEAR: REVISITANDO ESTUDOS E ENTENDENDO CONCEITOS

Fazemos, aqui, um levantamento dos estudos que têm sido realizados no Brasil, relacionados ao tema “implante coclear”. Nesse mister, buscamos no banco de teses da CAPES, no recorte temporal de 2013 a 2018 (uma vez que não encontramos produções em 2019), lá encontramos 229 produções, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado. Dentre estas, selecionamos seis que possuem articulação com o nosso tema, pois problematizam o implante coclear e discutem o conceito de corpo perfeito e normalidade. As demais produções, listamos, como curiosidade, por área de concentração. O descritor usado foi “implante coclear”. As produções que não trouxemos para essa pesquisa foram excluídas pelo fato de serem relacionadas somente à área médica e, talvez por isso, estarem relacionadas estritamente à reabilitação da fala e da audição, desconsiderando qualquer abordagem tocante à subjetividade do indivíduo no processo de tornar-se ouvinte.

Por meio dessas leituras, buscamos realizar dois movimentos: o de aproximação e o de afastamento para com a nossa pesquisa. Surpreendemo-nos com a ampla gama de produções, que nos levaram a inferir que o tema “implante coclear” desperta interesses e abre debates em diversas áreas de conhecimento e pesquisa em nosso país. Ocorre que, quanto ao tipo de abordagem, constatamos que a maioria expressiva das pesquisas vem sendo realizada por estudiosos de áreas relacionadas à saúde, o que pode ser percebido a partir dos dados no quadro 01.

Produções do banco da CAPES (2014-2018) por área de produção

Área de concentração	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Fonoaudiologia	3	5	4	2	8	22
Psicologia	2	2	2	1	3	10
Medicina	0	2	1	2	3	8
Otorrinolaringologista	2	4	0	7	4	17
Ciência da Reabilitação	1	1	0	3	1	6
Saúde da comunicação humana	0	0	1	2	1	4
Neurociência e biologia celular	0	0	0	0	1	1
Ciência da saúde	4	2	1	1	0	8
Distúrbios da comunicação	0	0	1	2	1	4
Reabilitação do equilíbrio corporal e inclusão social	0	1	0	0	0	1
Memória social	0	1	0	0	0	1
Letras	0	0	1	0	2	3
Linguística	0	2	1	1	4	8
Bioengenharia	0	1	0	0	0	1
Engenharia biomédica	0	0	0	1	0	1
Engenharia mecânica	0	0	0	1	0	1
Educação, arte e história da cultura	0	1	0	0	1	2
Educação	2	2	1	1	0	6
Educação especial	0	1	1	0	0	2

Fonte: a autora.

Dos 106 trabalhos descritos, conforme o quadro 01, constatamos que a educação, sobretudo a educação especial, apresenta-se de forma tímida no que se refere à reflexão sobre o corpo do indivíduo surdo implantado coclear e que ainda, as produções acerca dessa temática tiveram uma queda brusca nos últimos anos, chegando ao número de nenhuma produção. Assim, pensamos que Forghieri (2017) nos traz a possibilidade de refletir o surdo implantado coclear como um tema que ainda precisa ser visibilizado considerando sua existência no mundo, não como um indivíduo passível, um corpo objeto da ciência, mas como uma existência lançada no mundo que produz e recebe afetos, que significa o outro tanto quanto é por ele significado.

1.1 AS PESQUISAS SOBRE IMPLANTE COCLEAR COMO UMA FIGURA-FUNDO DO MODO DE SER-SEND O SURDO IMPLANTADO COCLEAR

Em nossas buscas no banco de teses da CAPES, encontramos um total de 292 produções que nos levaram a acreditar que a problemática sobre o implante coclear ainda tem sido um território onde a área clínica é predominante. Assim, é possível afirmar que os discursos que permeiam a existência do ser surdo e a questão da autonomia do sujeito surdo sobre o próprio corpo, bem como a subjetividade particular

destes indivíduos, têm sido abordados no bojo de um viés discursivo que prima pela normalização.

Nesse contexto, pesquisar sobre o surdo implantando coclear é, conforme concebemos, um meio de produzir mais reflexões sobre como a surdez vem sendo concebida no espaço da ciência. Esse caminho de pesquisa precisa ser trilhado para que seja possível compreender a revelação do fenômeno do corpo surdo nas suas variadas maneiras de se perceber no mundo. Nossa posição, aqui, é a do pensar no outro como um sujeito que possui corporeidade e liberdade, sem, contudo, desconsiderar que somos existências constituídas nos *três mundos*: circundante, humano e próprio. É, portanto, de certo modo um movimento de resistência. O corpo do surdo é seu mundo. Cabe a ele decidir a estética de si, o recurso de que se quer valer, e se deseja ser usuário da LIBRAS, exclusivamente, recorrer ao implante de dispositivo coclear, ou até mesmo ser um usuário da LIBRAS dotado de implante coclear.

Sabemos que as diversas situações de sujeitos surdos envolvem inúmeras e também diversas situações, sobretudo, aquelas que se referem à tutela legal dos pais sobre filhos menores de idade e/ou não emancipados. Por essa razão, optamos não incluir em nossa pesquisa os indivíduos surdos com idade inferior a 14 anos, já que ensejamos focar em algo que, via de regra, ocorre a partir dessa idade: a busca pela autonomia no modo de ser sendo pessoa surda.

A LIBRAS, em si, é um instrumento de resistência. Conhecemos a história do povo surdo no mundo e no Brasil, temos consciência da questão que se coloca diante da língua e respeitamos isso. Contudo, não podemos ser ingênuos e florear o cenário atual. Sabemos que o não-ouvir em mundo de sons, de barulho e entrecortado por discursos é um desafio. Para além, mesmo que a Lei 10.436/2004 e o Decreto 5626/2005 estabeleçam propostas de difusão, uso e ensino da LIBRAS no Brasil, ainda não podemos considerar que somos *de fato* uma nação bilíngue, pois a LIBRAS ainda não é utilizada como segunda língua de modo estruturado e permanente, nos sistemas de ensino dos órgãos educacionais. Estamos a muitos (muitos!) passos de diminuir a distância linguística entre surdos e ouvintes.

Em caráter de esboço de uma revisão de literatura, centralizamos nossa busca por apontamentos de pesquisas no recorte temporal dos cinco anos que ora nos antecedem. Uma pesquisa, porém, realizada no ano de 2008, chamou-nos

particularmente atenção, pois levanta questões próximas à nossa inquietação. Trata-se de uma dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Luterana do Brasil-ULBRA, sob o título “Implante Coclear, discurso e processos de normalização dos sujeitos surdos” (ELERT, 2008), a qual levanta questões sobre identidade, autonomia, cultura, resistência e bionização do corpo. Essa pesquisa revela ainda outro aspecto não satisfatoriamente explorado em discussões sobre o implante coclear: os interesses das grandes indústrias tecnológicas. A autora assevera que

Importa destacar que o imaginário ciborgue modificou os horizontes daquilo que um corpo pode ser, e que este aponta para o artificial como o estaleiro em que se modifica e se constrói o corpo. Pode-se dizer até que o conceito de ciborgue não problematiza apenas o hibridismo de carne e metal, mas, também, as complexas questões fronteiriças sobre onde termina o humano e começa a tecnologia (ELERT, 2008, p. 16).

Como se vê, a autora deslinda uma importante discussão acerca das novas identidades surdas que vêm sendo constituídas a partir do IC²- Implante coclear -, e destaca a identidade de implantados como sendo resultado do desejo, da busca e da concretização do imaginário de se tornar ouvinte. Assim, para Elert (2008), esse grupo surge numa condição de reconstrução do próprio modo de ser, e que se constitui de um modo diferente do surdo e do ouvinte. Logo, o IC concretiza novos modos de se viver a surdez, e, por que não dizer, a audição.

Para Elert (2008), o IC não pode ser considerado apenas como um objeto que possibilita ao surdo ouvir, mas como uma escolha que atravessa os modos de perceber e de ser no mundo. Assim, o implante coclear é algo que atravessa o corpo, modificando-o, movendo-o e possibilitando alterações no pensar sobre o que é ser no mundo. Por isso, interfere nas vidas de surdos, tanto para os que optam pelo uso, quanto para aqueles que se posicionam de forma contrária. É possível dizer que,

A ciência, no desejo de produzir conhecimentos capazes de explicar o desconhecido, mapeou e inventou a surdez através da introdução de uma série de práticas entre as quais estão as da classificação das perdas auditivas em graus, tipos e níveis, bem como através de cálculos de probabilidades de sua ocorrência, a partir da investigação de fatores hereditários ou, em alguns casos, do levantamento de caracteres ambientais adquiridos (ELERT, 2008, p. 23).

² A partir deste ponto, substituiremos em alguns pontos do texto a expressão por extenso *implante coclear* pela abreviação IC.

A pesquisa de Elert (2008) nos mostra que a surdez é também um fato histórico, e que as tentativas de normalização de surdos é uma busca permeada pela aflição de ser no mundo desde muito tempo. Para a autora, os aparelhos auditivos vêm sendo constituídos sistematicamente ao longo da história, com o objetivo de ocultar o corpo deficiente. Sua pesquisa aponta ainda as fragilidades da educação ao lidar com o sujeito deficiente como algo que também atua como fator propulsor que induz o sujeito deficiente a buscar a normalização do próprio corpo.

Ao refletir sobre esse assunto, deduzimos que, na verdade, toda essa busca pela normalização é permeada também - e, em alguns casos, principalmente - pelas aflições de terceiros, de sujeitos ouvintes e das angústias deles no intuito de incorporar a alteridade surda ao status de *mesmo*, *igual*, extraíndo-o da pecha de *diferente*. Segundo Lévinas,

[...] a “compreensão”, inteligibilidade, que nossa sociedade presta às alteridades. A de incorporação do diferente ao padrão do portador do estatuto de *normal*. [...] Inteligibilidade, entendida como solução do antagonismo do Mesmo e do Outro, não pode ter outra significação que a redução ou da conversão do Outro ao Mesmo, a partir do Outro que se presta ao Mesmo (LÉVINAS, 1997, p. 236).

A partir de Elert (2008), temos pensado sobre como a subjetividade do sujeito surdo é constituída no contato com o ouvinte, até culminar no desejo de ser surdo implantado coclear. Daí, buscamos pensar o processo de descrição de uma subjetividade ressignificada após o implante coclear. Trouxemos Elert (2008), pois acreditamos que sua inquietação se aproxima do nosso tema de pesquisa. Por outro aspecto, observamos que a pesquisa se distancia daquilo que propomos no sentido de descrever o surdo numa proposta de descrição fenomenológica, aplicando envolvimento existencial e distanciamento reflexivo. Ainda assim, reafirmamos o valor dessa pesquisa enquanto produção riquíssima em rigor, inquietações e movimentos reflexivos sobre os modos de ser surdo. E, apesar da distância temporal entre essa produção e as pesquisas mais modernas, bem como a distância em relação ao recorte temporal aqui demarcado, não pudemos deixar de mencioná-la nem de considerá-la como sendo uma bibliografia ainda muito atual para se pensar as questões sobre o IC.

Embora cada pesquisa tenha seus pontos de aproximação e distanciamento em relação ao presente estudo, buscamos considerar para fins de composição de um

arcabouço específico as reflexões referentes ao dispositivo implante coclear e a relação para com os sujeitos que se submetem à intervenção necessária para usufruir da audição. A revisão de literatura foi uma mola propulsora da nossa reflexão para se pensar o implante coclear, nosso critério de exclusão se deu no sentido de trazer para esse trabalho as pesquisas que têm em seu *corpus* uma discussão e reflexão acerca do direito sobre o corpo e dos atravessamentos que o surdo sofre na sua constituição enquanto indivíduo.

Quadro 02: Trabalhos selecionados para revisão de literatura

Ano	Autor	Tema
2013	SILVA	"A Educação da criança surda com implante coclear: reflexões sobre a família, a clínica e a escola".
2014	RIGAMONTI	"Constituição psíquica e implante coclear: linguagem e psicanálise no Programa Espaço Escuta"
2015	GARCIA	"Estudos concernentes à biopolítica, ao biopoder e ao biocapital em III volumes".
2017	VIEIRA	"Enfrentamento da surdez em adultos usuários de implante coclear: uma busca de independência e autonomia".
2018	CLARO	"Diretrizes de Seleção e o perfil dos pacientes que receberam o implante coclear em um serviço público de saúde auditiva".
2018	LIMA	"TV Globo e a surdez: compreensões acerca do discurso sobre o implante coclear".
2018	MAIA	"Direitos fundamentais e deveres dos pacientes com implante coclear: revisão jurídica para (re)habilitação auditiva".

Fonte: a autora.

A Universidade Federal do Espírito Santo- UFES tem sido um importante espaço de discussão sobre a LIBRAS, e o Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGE possui, em seu banco de teses e dissertações de mestrado, importantes pesquisas sobre essa temática. Sobre o implante coclear, encontramos uma dissertação de mestrado do ano de 2013. Não pudemos disfarçar nossa alegria em saber que esse espaço já se inclinava no sentido de discutir sobre o IC. Também não há por que negar nossos orgulho e entusiasmo por termos retomado essa discussão no ano de 2018-2020.

Silva (2013), em sua dissertação de mestrado em Educação intitulada “**A educação da criança surda com implante coclear: reflexões sobre a família, a clínica e a escola**”, explicitou que as discussões sobre o IC no Brasil vinham se dando de forma tímida, centrando-se principalmente na esfera clínica. Buscando com mais profundidade o conhecimento sobre o implante coclear, a autora, debruçou-se sobre as temáticas do corpo implantado, do ouvido biônico e dos atravessamentos do outro sobre a existência do corpo surdo. Buscou, ainda, compreender como o país vinha se posicionando em relação às cirurgias de implante de dispositivo coclear.

Embora o sujeito de pesquisa de Silva tenha sido uma criança dotada de IC, suas descobertas e reflexões se aproximam de nossa proposta, pois evidenciam que os laços entre a clínica, a família e o sujeito surdo são questões ainda pouco discutidas quando em pesquisas sobre o indivíduo surdo. Por tudo isso, sua pesquisa nos permite pensar onde fica a liberdade do corpo nos processos de desejo, busca e opção pelo IC. Seu estudo traz outras questões que nem sempre são consideradas, como a construção dos mitos que permeiam o IC, tais como as ideias de que a surdez será curada mediante a cirurgia, ou de que a LIBRAS pode ser um ponto negativo para a criança surda implantada, ou até mesmo a ideia de separação de grupos, pois,

Há surdos que militam por seus direitos e defendem sua cultura e identidade coletiva. Há alguns casos em que surdos com implante coclear são excluídos pelos que não utilizam esse recurso por acreditarem que o implante rompe com a identidade surda (COSTA, 2015, p. 46).

Nesse ponto, cabe um esclarecimento. As separações de grupos acontecem porque, não raro, quem faz implante coclear é excluído de comunidades surdas, sendo considerado um traidor das causas surdas. Destarte, novos grupos se formam, voltados para comunidades de surdos implantados cocleares.

Silva também analisou os impactos que o IC traz para a vida do surdo implantado, sobretudo na infância. Nesse sentido, aponta que para o sujeito surdo ter um bom resultado, quando se trata de criança implantada, deve evitar contato com a LIBRAS e com outros surdos, para não se arriscar a comprometer o tratamento.

O ponto de afastamento entre a pesquisa que ora desenvolvemos e a mencionada publicação de Silva residem sobretudo na idade dos participantes de pesquisas, já que a autora se concentrou na infância e fez uma análise sobre os dados encontrados, e nós nos propomos a investigar, ancorados no método fenomenológico, o surdo

implantado, bem como sua subjetividade nos mundos circundante, humano e próprio. Em todo caso, consideramos ponto comum cada momento em que, no processo de descrição do fenômeno, surgiram memórias da infância, percepções sobre a escola e enfrentamentos vivenciados no cotidiano de cada um dos nossos colaboradores de pesquisa.

Vieira (2017), em sua tese de doutoramento intitulada “**Enfrentamento da surdez em adultos usuários de implante coclear: uma busca de independência e autonomia**”, analisou o processo de “enfrentamento” da surdez por indivíduos com implantes cocleares. Nesse estudo, formulou um modelo representativo teórico com base na experiência vivida por esses sujeitos. Nesse sentido, nos aproximamos da autora, pois buscamos descrever a experiência vivida por dois surdos com implante coclear.

Ao descrevermos as vivências, buscamos trazer a lume o aqui-agora³ de cada um dos colaboradores dessa pesquisa, revelando na escrita memórias afetivas de dor, alegria, prazer, bem como os modos de produção de resistências e os atravessamentos que possibilitam a cada um deles ser-sendo antes e após o implante coclear. Outro ponto que aproxima Vieira da nossa pesquisa é o interacionismo simbólico que propôs, buscando trazer à tona fatos particulares de cada sujeito de pesquisa. Assim, nós buscamos, por meio da fenomenologia, descrever sistematicamente o vivido por cada participante dessa pesquisa durante a compreensão de dados.

O ponto de afastamento foram os instrumentos de pesquisa, pois Vieira (2017) optou por entrevistas semiestruturadas com perguntas diretivas, e nós trabalhamos com compreensão de dados onde buscamos descrever o revelar do fenômeno no seu modo de ser-sendo. Optamos por essa proposta por acreditarmos que os participantes têm a liberdade de escolher o modo pelo qual desejam revelar-se ao outro, sem caminhos pré-estabelecidos. Para além, não traçamos um tempo específico para uso de implante, pois nosso propósito centrou-se na tarefa de descrever os caminhos percorridos por cada sujeito, cada qual com seu modo particular de ser.

A análise de dados nos leva a concluir que nos aproximamos de Vieira (2017) no que diz respeito às representações das experiências como categorias, e que as

³ Aqui-Agora é um termo descrito segundo o método fenomenológico como articulação produzida por um indivíduo ao narrar sua existência, trazendo a lume memórias como parte elementar do seu modo de ser.

repercussões da surdez são fatos que ocorrem também na vida adulta. Também concordamos quanto ao fato de que a escolha pelo IC é também um caminho para “resolução” do problema da deficiência do corpo surdo, como um dos elementos facilitadores no enfrentamento das repercussões do uso do implante coclear na vida adulta e sobre dificuldades encaradas após o implante de dispositivo coclear.

Há um ponto importante a ser dito sobre a produção de Vieira (2017), no que tange à percepção da ausência do sentido da audição: o corpo surdo carrega consigo o estigma da *surdez inoportuna*. Nas palavras da autora:

[...] A surdez impacta profundamente as experiências sociais humanas, acarretando mudanças e dificuldades que oneram o indivíduo, a família e a sociedade. No entanto, o implante coclear intervém de forma revolucionária na vida dos seus usuários, possibilitando viver com uma nova perspectiva, resgatar a autoconfiança e a autoestima, comunicar-se e interagir de modo mais eficaz, maior segurança, apreciar música e outros entretenimentos, retomar projetos e fazer planos para o futuro. Propiciando assim o resgate da independência da vida adulta. Apesar disso, o implantado ainda possui dificuldades e limitações, como: agilidade para interagir, reinserção no mercado de trabalho, voltar a estudar, localizar sons, preconceito e discriminação, usar o telefone, alterações no equilíbrio e presença de zumbido, custos com a manutenção do dispositivo, não ouvir em situações em que precisa estar sem o IC, ouvir música, entender entretenimentos, falta de suporte familiar, de tecnologia assistiva, e de continuidade na reabilitação de atendimento psicológico, social e de treinamento auditivo. Todas essas dificuldades precisam ser identificadas e administradas pelos profissionais que o acompanham para que possam ser superadas (VIEIRA 2017, p. 24).

Não há uma cura da surdez. Na verdade, o que se consegue a partir da cirurgia é produzir um novo modo de ser surdo: ser *surdo implantado coclear*, a quem só é possibilitado ouvir por meio de um dispositivo tecnológico implantado no corpo. Assim, pensamos que esse sujeito transita entre ser surdo e ser ouvinte. Logo, concordamos que a melhor forma de dizer sobre o que se pode ser ao ter o corpo e a tecnologia imbricados, é que ele é um ser ciborgue.

O termo ciborgue foi escolhido aqui não para afirmarmos de que o ser humano é um organismo dotado de partes carnis e cibernéticas, antes, nos apoiamos no que diz Haraway (2009, p. 91) afirma que "o corpo é concretamente o ser que se constrói a partir da organização entre hierarquia e dominação". Assim como Haraway (2000) pontua, nós utilizamos o termo ciborgue de modo metafórico, para descrever os processos de transformação do corpo surdo a partir de aparatos tecnológicos como o implante coclear, pensando no ser humano carnal, mental e emocional, indissociados. Trata-se da pessoa como aquela que existe, pois enfrenta seu mundo

de si (mundo próprio), o mundo do outro e dos outros e o mundo natural e artificial, das coisas (ciborgue). Desse modo, descrevemos o ser humano como sendo uma pessoa vivendo e sobrevivendo no seu espaço-tempo, que mesmo que se pareça máquina, simbolicamente engolido por um mundo maquinado e fascista, consegue enganar esse mesmo mundo nazista, dizendo "sou máquina", mas, uma falsa máquina, pois é o meu querer/desejo em ser e atuar como autor principal da minha própria vida que escolhe por este artefato tecnológico, qual seja, o implante coclear. É um sobrevivente que respira representando existencialmente, não como um ator ou atriz, mas como carne mesma, que sabe também mentir em um mundo que nos engana.

A pessoa ciborgue é teatral (real) apenas para viver. O nosso "ser ciborgue" é uma máquina desmaquinadamente humana, uma anti-máquina, mas que maquina (de modo transitivo direto e indireto) para tentar cuidar de si, e não se transformar em corpo-coisa, potencializando temas existencialmente humanos como a ética, a liberdade, a felicidade, a utopia, o projeto de vida sonhado e real, a democracia, a escola inclusiva etc. O corpo ciborge, de um ponto de vista próximo ao existencialismo educacional, é aquele que nas aparências recorre a um maquinário (implante coclear) para "reparar" as deficiências que o Estado capitalista selvagem insiste em dizê-lo "corpo deficiente", por desprezá-lo.

Não há deficiência em ser surdo, antes a deficiência é do Estado que classifica o indivíduo como deficiente, fazendo com que numa dimensão do mundo próprio, do cuidado, a pessoa busque diante do desenvolvimento científico uma modificação do modo como os outros o veem, construindo e realizando seu projeto (o sonho) de ser como o outro, sem estigmas, sem classificação; logo, o surdo implantado coclear é aquele indivíduo que recorreu ao uso de maquinários, tornando o implante coclear um aparato maquinado porém humanizado, pois esse implante se torna uma extensão do próprio corpo vivido. Nesse sentido, a tecnologia do implante coclear se torna vivamente humana pela relevância que o indivíduo surdo lhe dá, pelas memórias deixadas como experiências de vida. por essa razão, nos apegamos às coisas e submetemos nosso corpo a modificações, usando a tecnologia para sermos algo almejado por nós e pelo outro; e nessa trajetória de transformação tudo está imbricado: o ser humano e a tecnologia, ambos entrelaçados, encamados".

Talvez, essa afirmação traga uma possibilidade de resgate desse indivíduo de um limbo existencial, transportando-o para um *entrelugaridentitário* onde ele é aquilo que escolher para si: nem surdo marcado pela clínica, nem máquina produzido pela indústria tecnológica. Ele é um ciborsurdo⁴, e aí reside sua capacidade criativa: na possibilidade de ser para além daquilo que o outro ou a área médica determinou.

Claro (2018), em sua dissertação de mestrado intitulada “**Diretrizes de Seleção e o perfil dos pacientes que receberam o implante coclear em um serviço público de saúde auditiva**”, observou as características de pessoas que receberam o IC. Trouxemos essa pesquisa para a revisão de literatura por acreditarmos que ela se aproxima de nossa proposta de pesquisa no que se refere aos processos de seleção para o implante coclear. Buscando desconstruir o mito da cura da surdez (tendo em vista que o IC tem sido apresentado como uma possibilidade ao alcance de todos os surdos e sabemos que não é bem assim), existem critérios de seleção para que a cirurgia e a ativação do IC sejam um sucesso. Ao trazermos esses critérios, estamos também denunciando todo um sistema elaborado de atravessamento e venda de algumas falsas possibilidades. A indústria tecnológica é um espaço que angaria muitos recursos, não somente com o investimento feito por um determinado governo como também pelo lucro que a criação e disseminação de um dispositivo tecnológico pode gerar no mercado. Além disso, o desenvolvimento tecnológico pode significar um lugar de reconhecimento para o país no cenário mundial.

Para a autora, o IC é um importante recurso, e insere novamente os sujeitos com deficiência auditiva no mundo. É um passo a mais na busca pela cura do corpo surdo, já que os aparelhos convencionais não propiciaram um resultado satisfatório. A pesquisa foi desenvolvida em um centro de referência em implante coclear da Santa Casa de São Paulo, e revela que a ausência de um levantamento histórico mais apurado sobre a atuação desse centro de referência impossibilita a exatidão do perfil atendido nesse local, mas, mesmo assim, é possível que seja traçado um perfil.

Claro (2018) expõe os critérios de seleção dos candidatos ao IC como um processo rigoroso, o qual para que se estabelecesse como padrão, contou com a valiosa contribuição das políticas públicas de saúde. Assim, a autora levanta um importante questionamento: “o quanto somos atravessados pelas políticas públicas, e como tais

⁴ Daqui em diante utilizaremos o termo ciborsurdo, fazendo alusão ao corpo surdo implantado coclear.

políticas criam subgrupos sociais, entre aptos e não aptos?” Ou seja, até mesmo para ser deficiente há de se ter uma autorização do outro - nesse caso, do Estado. Eis aí o ponto de aproximação com nossa pesquisa, pois a descrição do ser-sendo surdo implantado coclear, em nossa pesquisa, trouxe a descrição de uma subjetividade na objetividade. Somos o que escolhemos ser, porém a nossa escolha sempre será resultado do modo como percebemos o mundo em que habitamos. Percebemos que

[...] Foram realizadas 373 cirurgias de IC. A distribuição do número de cirurgias foi bastante variável, sendo o ano de 2010 com 55 cirurgias e em 2015 com cinco cirurgias. A variabilidade etária foi de 08 meses a 81 anos; 53,4% do sexo masculino; 80% tinha grau de perda auditiva profunda; 39,7% com etiologia desconhecida; 74,2% a surdez ocorreu em fase pré-lingual e 100% fizeram uso de AASI anterior ao IC por pelo menos 6 meses. O tempo de espera para a cirurgia variou de 2 a 25 meses; 60,6% receberam o IC na orelha direita e em 41,3% dos casos, os pacientes fazem uso de AASI contralateral (estimulação bimodal) (CLARO, 2018, p. 13).

A partir dos dados levantados por Claro (2018), é possível conjecturar sobre o tempo de espera como um período gerador de muitas expectativas que podem facilitar uma existência saudável ou produzir adoecimento existencial por um processo que não é controlado pelo próprio indivíduo, antes, é um processo que tem sempre a interferência do outro.

Durante a escuta visual das narrativas de vida de cada participante da nossa pesquisa, capturamos o processo de desenvolvimento pessoal nesse tempo em que era aguardada a cirurgia de IC.

Maia (2018), em dissertação de mestrado intitulada “**Direitos fundamentais e deveres dos pacientes com implante coclear: revisão jurídica para (re) habilitação auditiva**”, traz em sua pesquisa estudos sobre inclusão social, normalização e lacunas entre o desejo do surdo e o desejo do outro sobre o que é melhor para a inclusão do surdo. Ela denuncia ainda a fragilidade do Estado no sentido de acompanhar surdos implantados, no processo de reabilitação e manutenção do IC. Trouxemos este trabalho, não porque concordamos com o Estado coercitivo, mas porque pensamos que é necessário refletir sobre os modos como a surdez e o direito da pessoa surda vêm sendo discutido nas pesquisas acadêmicas atualmente; pensamos ainda, que a produção de Maia (2018) nos leva a pensar sobre o cuidado que o surdo e a família precisam ter a fim de preservar a vida útil do IC, de modo que há também a necessidade de um processo educativo imbricado diretamente nas

questões do implante coclear. Para Maia, é necessário que ocorra uma reformulação, que permita acompanhar o surdo implantado, uma vez que as políticas públicas em saúde são em grande parte custeadas pela sociedade. Assim, Maia (2018) nos diz que

A abrangência do IC é muito extensa, tanto em aspectos sociais como financeiros, por esse motivo é fundamental almejar a criação de uma Lei Federal que estabeleça direitos e deveres dos pacientes com IC, de modo a gerar uma reflexão sobre a importância da garantia de direitos fundamentais do deficiente auditivo. Essa Lei deverá impor, inclusive, medidas disciplinares frente a condutas negligentes/omissivas ou pela falta de zelo na manutenção desse dispositivo eletrônico (2018, p. 13).

Entretanto, percebemos um ponto de afastamento da nossa pesquisa, pois descrevemos os modos de ser surdo a partir da percepção que nossos fenômenos de pesquisa têm de si mesmos. Isso porque, merecem consideração aqueles indivíduos que, após serem implantados e viverem a experiência de ouvir, desejam retornar à surdez e retirar o implante. Nesses casos, há uma produção de situações de enfrentamento familiar. Consideramos que o processo de compreensão das histórias de vida de cada indivíduo surdo candidato ao IC deve ser um processo minucioso e empático, dando ao surdo a liberdade de se perceber no mundo ao seu modo de ser- sendo.

Rigamonti (2014), em sua dissertação de mestrado intitulada “**Constituição psíquica e implante coclear: linguagem e psicanálise no Programa Espaço Escuta**”, nos inquieta ao lançar o debate acerca da reabilitação do corpo por meio da aquisição da fala e da audição. Agregamos à nossa pauta de pesquisa, mas tendo de antemão a clareza de que é fundamental considerar a constituição psíquica dos surdos candidatos ao IC. Essa produção nos vale, ainda para pôr em debate a importância que a clínica como espaço de escuta dos surdos e dos familiares constitui-se num lugar onde, se bem articulado, pode acontecer um processo de consideração à liberdade do surdo de decidir sobre o próprio corpo. Consideramos que o processo de *escutar* o surdo no contexto de candidatura ao IC, deve ser o primeiro passo numa caminhada para se arbitrar um sim ou um não ao implante coclear. Rigamonti comenta que

Muito tem sido estudado nas áreas da Medicina e Audiologia no que concerne a comunicação e aquisição de linguagem de crianças usuárias de implante

coclear, assim como as melhores formas de acompanhamento e atendimento pré e pós-cirúrgico. Com o crescimento das pesquisas nessa área, a Psicologia também tem se voltado para a intervenção com crianças surdas tanto candidatas ao implante coclear, como também crianças já usuárias do dispositivo (RIGAMONTI, 2014, p. 13).

Lima (2018), em sua dissertação de mestrado intitulada “**TV Globo e a surdez: compreensões acerca do discurso sobre o implante coclear**”, nos trouxe uma consoante contribuição, pois a reflexão sobre os discursos produzidos sobre o que é e como é ser surdo, permearam nossa reflexão em todo o tempo de pesquisa. Buscamos capturar os sentidos que têm sido incorporados ao IC nos discursos produzidos pela área da saúde, e analisar como estes discursos têm sido apresentados à sociedade por meio da televisão. Para além, buscamos tecer reflexões sobre a influência que a mídia tem acerca da estética do corpo julgado perfeito, um corpo *imaculado*. Para Lima (2018), a posição-sujeito da medicina possui um status privilegiado e, uma vez ocupando o lugar de fala, alcança uma grande parcela da sociedade, numa condição em que o debate é praticamente unilateral. Essa comunicação assíncrona resulta numa condição de apagamento do ser surdo, ou do que pensamos ser a liberdade do corpo.

Lima (2018) aborda, além disso, a questão do imaginário coletivo, apontando que, nesse contexto, os discursos científicos têm sido uma influência poderosa para a escolha de se tornar surdo implantado. Para nós, sua pesquisa é um grande achado, por nos permitir pensar sobre o sonho de ouvir e empreender esforços na tarefa de detalhar com maior esmero cada cenário imaginado no aqui-agora dos nossos colaboradores de pesquisa.

Somos, de certo modo, frutos da produção discursiva do outro sobre nós. Dado isso, temos pensado sobre o quanto o discurso social sobre corpo perfeito e corpo deficiente tem impactado nas escolhas de ser ciborgue. Inquieta-nos que questões relacionadas ao corpo do surdo possam ser tratadas como produtos que se manipulam ao bel prazer dum *outro* qualquer.

As pesquisas de Garcia (2015), expostas em sua tese de doutoramento em Educação, Arte e História da Cultura intitulada “**Estudos concernentes à biopolítica, ao biopoder e ao biocapital em III volumes**”, exploram questões de subjetividade na objetividade. Trazem à tona não somente questões de identidades surdas, mas também o modo como estas identidades são atravessadas até o ponto de se tornarem

num novo sujeito. Dentre todas as produções que agregamos para a presente dissertação, essa é a que mais se aproximou de nossa pesquisa, apesar de nossa base teórica não ser estabelecida sobre conceitos de Foucault. A obra é dividida em três volumes dos quais exploramos o segundo e o terceiro, por tratarem da temática do *corpo ciborgue*. O volume I traz questões de discursos, controle do corpo, identidades e outras, que para nós são pertinentes, e que os trabalhos propostos ao longo desse capítulo vêm abordando com grande capacidade técnica.

Durante a compreensão de dados, descrevemos a narrativa do caminho que o sujeito surdo percorre até o ponto de se tornar outro sujeito, e nesse percurso capturamos sentidos que nos levam a acreditar que o indivíduo surdo ocupa um entre lugar entre ser surdo e ser ouvinte após o implante coclear. A ideia de se pensar num *entrelugar* deriva do fato de acreditarmos que o surdo implantado coclear é uma figura emergida das lacunas relacionais entre surdos e ouvintes. Definindo assim sua existência, como indivíduo que transita entre ser surdo e ouvinte, pode ocorrer de se situar em um lugar indefinido, mas não sentir pertencimento a nenhum desses espaços culturais: mundo surdo e mundo ouvinte. Pode, enquanto ser surdo, sentir pertencimento à cultura ouvinte; ou ouvir com o IC e sentir pertencimento apenas à cultura surda.

Ao capturarmos as nuances desse *entrelugar*, imaginamos que emerge um novo modo de ser permeado pelos três mundos: circundante, humano e próprio. E é a partir desse conceito que pensamos em um quarto mundo, que se coloca entre o imaginário possível e a realidade concreta.

A discussão sobre o conceito de quarto mundo ancora-se na teoria de Pinel (2018) sobre modos de ser-sendo no mundo, onde, achamos que o autor sugere que as condições existentes nos três mundos podem produzir um novo modo de ser para si junto-com. Segundo Pinel,

O mesmo aparelho ideológico que prende, é o mesmo que, não dando conta total dos seus objetivos, liberta. Nem todos conseguem lutar contra, pois não são organizados coletivamente, mas ainda assim há saídas individuais de acordo com as variáveis ao seu em redor (PINEL *et al*, 2016, p. 12).

Ao pensarmos no surdo implantado coclear, é comum associarmos, num contexto ciborsurdo, do corpo modificado pela clínica, e que somente por meio da clínica ele possa ser constituído. Ocorre que Pinel (2018), sem desaproveitar a importância da clínica como componente da ciência, convida-nos a pensar na subjetividade como

algo inerente ao modo de ser. Ao afirmar que o contexto social de exclusão da pessoa dita deficiente, produz uma subjetividade na objetividade, Pinel (2019) está a nos dizer que o espaço (lugar ocupado pelo corpo) é o único lugar onde o corpo pode se concretizar. Desse modo, o indivíduo surdo, ao ter sua surdez questionada, provocada e transgredida, pode se perceber como alguém que precisa ocupar um espaço na sociedade majoritariamente ouvinte. E aí surge o questionamento: “Como fazer isso, tendo um corpo surdo, deficiente, inapropriado?” e uma hipótese de resposta: “Transcriando o próprio corpo, tomando posse do corpo que inicialmente é constituído pelo discurso ouvinte, de corpo *deficiente*, para transformá-lo em um corpo *eficiente*!”. Só que, ao torná-lo eficiente, evidencia-se a deficiência mais uma vez, pois que interfere no processo natural do estado físico.

Essa busca por um novo *design* do corpo é, claramente uma tentativa de ocupar um espaço ante o sentimento de não pertencimento. Temos acompanhado algumas redes sociais para conhecer melhor o mundo do ciborsurdo. Em uma das redes em que mais somos ativos, detectamos que há uma organização de um espaço social que não pertence à cultura surda, nem à cultura ouvinte: pertence somente aos surdos implantados cocleares! Mais intrigante ainda, é o fato de que todo o assunto ali discutido não se dissocia do mundo real. Cotidianamente são levantadas questões dos mundos circundante, humano e próprio, como também confissões do que é e como é ser surdo numa sociedade ouvinte.

Colocam-se ali questões que vão desde a narrativa de vivências e experiências a apontamentos relacionados à mecânica - ou dinâmica - de ser um implantado coclear. Assim, de um lado observamos discussões sobre os altos custos dos aparelhos; os procedimentos para trocas de pilhas; as transações comerciais malsucedidas na aquisição de baterias; as faixas, microfones e outros componentes do IC, onde as narrativas sobre as aflições de ser surdo implantando coclear se revelam conforme anexo nessa pesquisa. Doutro lado, presenciemos, também, relatos sobre problemas de relacionamento: frustração por não ouvir; questionamento da qualidade da audição propiciada pelo IC, etc. Há, inclusive, grupos dos quais terminantemente só pode fazer parte quem for surdo implantado, ou representante de marcas de IC ou fonoaudiólogo. Isso evidencia que existem, claramente demarcados, espaços aos quais os corpos surdos, renegados pelo ouvinte, podem pertencer sem ser tutelados. E aqui cabe uma confissão: nós entramos clandestinamente nesses grupos, para descobrir um pouco

mais sobre os modos de ser surdos implantados cocleares, e percebemos que a interação a qual se expande para encontros físicos, são de indivíduos que ao se perceberem num corpo ciborsurdo, organizam-se estrategicamente para reafirmar a autonomia sobre o corpo e reafirmar a sua condição existencial enquanto surdos implantados cocleares. Recentemente houve até um concurso para eleger o Mister Surdo Implantado Coclear. Foi um evento de grande recepção e que despertou o interesse de muitas pessoas que buscam compreender os modos de ser surdo implantado coclear ou que buscam, de modo sutil, apropriarem-se de corpo transcriado mais uma vez, oferecendo os mais variados serviços como faixas para IC, acessórios de camuflagem do IC, entre outros.

Como informamos no início deste capítulo, encontramos 292 produções acadêmicas (teses e dissertações) sobre o implante coclear. Porém, por uma questão de logística, foi necessário selecionar alguns destes trabalhos que se aproximassem mais de nossa pesquisa. Selecionamos as pesquisas que trazem reflexões sobre o que é ser surdo, o que é ser ouvinte e quais os papéis da escola, da família e da igreja, por exemplo, na decisão de se tornar ciborsurdo.

O implante coclear é um tema que precisa ser discutido em maior escala por pesquisadores de outras áreas, para além da clínica. É importante pensar caminhos para possibilitar um diálogo efetivo entre os diferentes campos do saber. Acreditamos que a descrição fenomenológica sobre os modos de ser surdo implantado pode contribuir ricamente para que novos olhares possam ser considerados na discussão do tema. Também cremos que, por meio desta pesquisa, possamos pensar sobre os modos de ser surdo sem produzirmos um assíndeto sobre os modos de ser. Como dizia o *poeta*,

Tem que ser selado, registrado, carimbado / Avaliado, rotulado se quiser voar!
/

Se quiser voar / Pra Lua: a taxa é alta / Pro Sol: identidade /

Mas já pro seu foguete viajar pelo mundo / É preciso meu carimbo dando o
sim /

Sim, sim, sim" (SEIXAS, 1983).

É necessário reconhecer qual corpo surdo tutelado, selado, registrado, vem sendo marcado por decisões que nem sempre são perfeitamente aprovadas pelo indivíduo

surdo. E, sendo assim, faz-se imperativo considerar que a pesquisa sobre os modos de ser surdo implantado coclear constitui-se relevante e imprescindível, dada a necessidade de que a surdez seja discutida melhor do que vem sendo historicamente. Encontramos a confirmação disso em “O Tratado de Implante Coclear e Próteses Auditivas Implantáveis” (BENTO *et al*, 2014), obra na qual a surdez vem sendo abordada como uma incapacidade existencial, ou seja, digna de ser tratada sob o viés da área médica, clinicamente, sempre numa vertente normalizadora.

A resistência surda na busca pela liberdade do uso de uma língua natural, a língua de sinais, culminou em uma reorganização do pensamento sobre a surdez, justificada pelo fato de que “[...] quase todo mundo luta, de uma forma ou de outra, para construir ou proteger seu amor-próprio, seu sentimento de significar algo como pessoa humana” (MAY, 1981, p. 25).

A afirmação de May (1981) contribui, aqui, para expandir a reflexão sobre o direito do surdo sobre o próprio corpo. Essa reflexão busca não só novas pesquisas que se aproximem da temática sob uma proposta educacional, contrapondo não só a opinião clínica sobre o corpo. A construção do diálogo entre diferentes áreas, como a educação, figura, nesta dissertação, como uma proposta de enfrentamento às problemáticas sociais sobre o corpo.

A motivação para a presente pesquisa emerge da necessidade de refletir sobre o processo de decisão entre se tornar ouvinte ou reafirmar a própria surdez e o direito sobre o corpo. A partir dessa provocação, lançamo-nos a produzir cogitações sobre o implante coclear, o atravessamento da clínica na concepção do homem ideal e as possibilidades de diálogo entre a clínica, a sociedade e a educação.

No meu existir, sempre tive a sensação de poder do outro sobre mim, sobre minha trajetória, limitando e ditando os caminhos que meu corpo deveria seguir. Conhecer o povo surdo e perceber sua existência sendo concebida e norteadada por outrem (um *outrem* plural!), trouxe-me a possibilidade de refletir minha própria existência.

Levantamos as discussões aqui propostas não para, como diz o popular, *lavar a nossa alma*, mas sim para trazer a lume questões que não são possibilitadas no dia a dia dos sujeitos surdos. O espaço acadêmico é reconhecidamente um lugar de reflexão e produção de sentidos sobre as problemáticas do cotidiano da sociedade. Deste modo, sentimos gratidão por poder contribuir com a ampliação das discussões sobre a

surdez pois refletir sobre os atravessamentos da clínica sobre os corpos surdos, é relevante por abordar questões relacionadas ao exercício de poder na concepção do conceito sobre corpo perfeito e sobre corpo imperfeito.

Por conhecermos a importância de seguir o rigor da fenomenologia no que afirma sobre voltar às coisas mesmas, ou seja; de descrever o fenômeno na autenticidade em que ele se revela, consideramos que a história de vida do colaborador de pesquisa é algo que precisa ser considerado como fator de relevância imprescindível no processo de compreensão de dados.

Fomos inspirados pela obra fílmica “**Narradores de Javé**”, no processo de pensar o perfil do pesquisador que utiliza a fenomenologia como método. No filme “Narradores de Javé”, uma grande empresa desafia um pequeno povoado a comprovar a importância da preservação de sua pequena vila que está prestes a ser inundada para importante obra de desvio do curso de um rio. Para tanto, é designada aos habitantes de Javé a tarefa de produzir um registro escrito sobre a história da Vila, a importância de sua existência na construção da subjetividade de cada morador, bem como a sua característica de lugar de habitação da existência de cada um dos personagens da história.

A tarefa, contudo, não pôde ser cumprida, pois apenas um morador da vila (Antônio Biá) sabia escrever, e ante a seu descaso com a realidade ali vivenciada, Antônio negou aos moradores de Javé o direito existencial de narrar e ter registrada a própria história de vida no processo de ser no mundo. Assim, Javé foi inundada e seus moradores perderam seu lugar de habitação. A Antônio, restou o lamento tardio, por não ter tido a capacidade de se envolver existencialmente e se afastar metodologicamente no processo de descrever o fenômeno do que é e como é ser morador de Javé.

Ao final do filme, Antônio se encontra frustrado, tentando suprir as lacunas de um livro em branco. Do outro lado, os moradores de Javé seguiam sofrendo por terem sido expulsos do seu lugar de habitação e história, sem o direito de narrar a própria existência.

Assim como no filme, nós compreendemos a importância de uma perspectiva científica na produção de uma pesquisa. E, nesse ínterim, descrevemos os modos de ser surdo implantado coclear. Fazemos isso no intento de que, por meio de suas

histórias de vida, o povo surdo do Brasil tenha reconhecido o seu próprio corpo como patrimônio cultural, individual e intransferível.

1.2 O CORPO COMO OBJETO DE SI: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE SURDEZ, AUDIÇÃO E IMPLANTE COCLEAR

O corpo humano é dotado de sentidos naturais. A visão, o paladar, o olfato, o tato e a audição são sentidos que permitem ao homem perceber o mundo por meio do corpo. Historicamente, há uma construção social que liga os sentidos à condição de um corpo perfeito, e alimenta o mito de que é impossível viver plenamente na ausência de um destes sentidos, “[...] eis uma verdade fundamental do mundo humano: somente isso pode ser ordenado. As coisas não são classificáveis senão à medida que deixam de ser nosso Tu” (BUBER, 2009, p. 72).

Assim surge a construção da ideia de deficiência e a separação dos homens em *capazes* e *incapazes*, propondo uma diferença entre semelhantes e criando, concomitantemente, uma relação entre dominante e dominado. Em tal relação, o poder é detido por quem tem todos os sentidos, que, supostamente percebe o mundo de modo mais completo, logo é mais capaz de guiar o *outro*. No caso desta pesquisa, pontuamos sobre uma dominação do ouvinte sobre o surdo.

Segundo Perlin (2013), o “ouvintismo” é sempre um jogo de relação de poderes, em que a surdez é colocada como algo que precisa ser normalizado, para findar o estranhamento do corpo, permitindo que o ritmo do mundo, a marcha capitalista, não seja “atrasada” por um corpo que precisa ser cuidado.

Quanto ao mundo circundante “[...] caracteriza-se pelo determinismo e por isso a adaptação é o modo mais apropriado para o homem se relacionar com ele” (FORGHIERI 2017, p. 27).

O sentido da audição capta os sons e permite a um sujeito o entrelaçamento de significantes e significados das palavras. Há também a percepção de outros tipos de sons, como o barulho do mar, do vento, do latido do cão, do miar do gato, do gorjeio dos pássaros, do ruído de um objeto caindo, do toc-toc do sapato na calçada, do ranger da porta ao se aberta, da buzina do carro, do som de pneus riscando o asfalto, do zigue-zague da máquina de costura em movimento, do chiado da chaleira com

água fervente, de cada gota de chuva caindo sobre o telhado, do ruído da resistência que aquece a água do chuveiro, do estalar das juntas endurecidas como sinal do nosso corpo frágil, do som de tudo que soa no mundo. Tudo é captado e traduzido em formas de se perceber o mundo. Numa relação de significante e significado o mundo é construído, é percebido e compreendido pelas pessoas. Em vista disso,

[...] o mundo circundante abrange os condicionamentos aos quais estamos sujeitos, de certo modo, por eles determinados, por vivermos concretamente num ambiente, e pela limitação decorrente de nossa corporeidade, e nossa animalidade (FORGHIERI, 2017, p. 30).

A orelha externa, que em muitas culturas usa adornos e enfeites como brincos, é parte de um processo que pouco é pensado no dia a dia. Ela protege o canal auditivo, impedindo o Acesso de impurezas. O som segue pelo canal auditivo, sendo captado por intermédio dos pelos auriculares em suas potências grave, leve ou aguda; passa pelo tímpano, toca o martelo que bate na bigorna que o envia ao estribo; o estribo envia o som para os canais semicirculares, que são os caminhos para cóclea; e na cóclea o som se mistura com o líquido coclear, que produz as ondas sonoras, sendo enviadas ao nervo auditivo. O nervo auditivo é a ponte entre o ouvido e o cérebro. E é esse mesmo nervo que, na maioria dos casos de surdez, serve de interrupção ao som, rompe com o processo de ser ponte (Figuras 1 e 2):

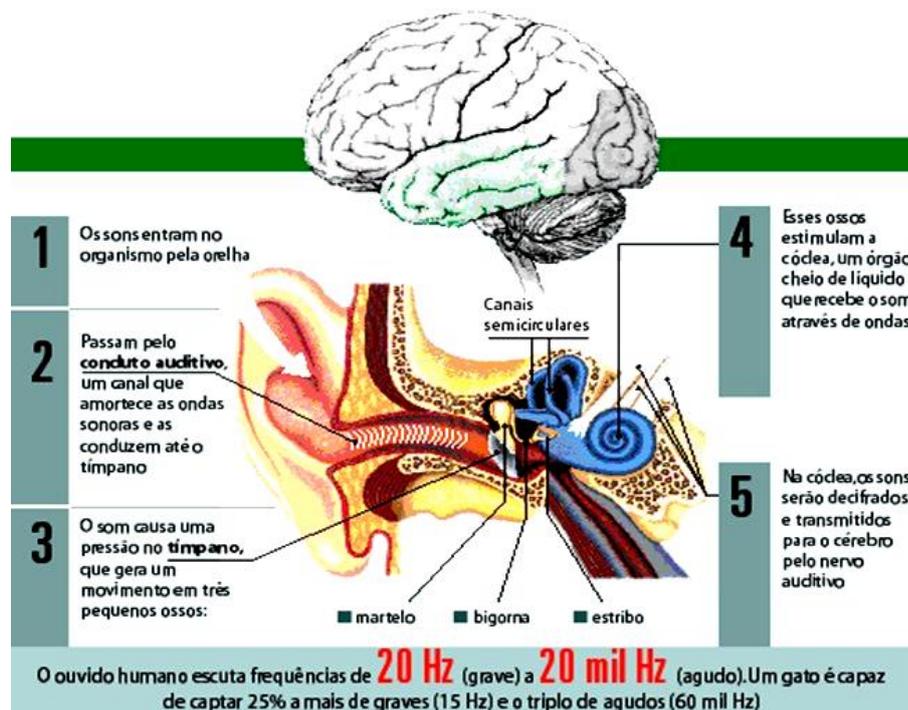


Figura 1- Caminhos do som no ouvido humano

Fonte: slideplayer. Disponível em: <<https://slideplayer.com.br/slide/341844/>>. Acesso em 23 de ago. 2018.

Figura 2- Escala de Decibéis



Fonte: blog.nossosdoutores.com.br. Disponível em: <https://blog.nossosdoutores.com.br/perda-auditiva/>. Acesso em: 23 ago. 2018.

Quando alguns componentes do sistema auditivo responsáveis pelo caminho do som se encontram impedidos de executar sua função, a percepção de mundo por meio da audição se torna impossibilitada. Assim, nos casos em que é possível ouvir por meio de uma intervenção cirúrgica, o implante coclear é a escolha para o restabelecimento do sentido da audição e, assim, inserir o sujeito surdo no mundo circundante, pois

[...] há um movimento dialético entre o ser humano e o mundo circundante; o homem precisa, essencialmente, adaptar-se ao mundo circundante, mas está sempre tentando e, de certo modo, chega a conseguir exercer alguma ação sobre a natureza e sobre o seu próprio corpo (FORGHIERI, 2017, p. 30).

O implante coclear é uma prótese eletrônica parcialmente implantável, fixada no osso temporal e na cóclea com a finalidade de reabilitação auditiva para indivíduos com perda auditiva severa ou profunda, quando estes não são beneficiados com a AASI (aparelho de amplificação sonora individual). O implante coclear substitui a função do órgão auditivo e estimula eletricamente as células ganglionares e terminações nervosas do nervo auditivo. Assim, nos casos em que o AASI não produz resultado quanto à discriminação dos sons da fala, o IC vem como uma possibilidade de substituição da função do ouvido, captando as ondas sonoras e traduzindo os sons em fonemas para surdo implantado, adaptando o corpo para viver no mundo circundante.

Na figura 3, podemos observar como o IC se incorpora à estrutura do corpo, tornando-se parte do sujeito surdo, integrando-se mutuamente num processo de significação entre homem e máquina.

Figura 3- Localização do receptor externo do IC.



Fonte: noticiaalternativa.com.br. Disponível em: <https://noticiaalternativa.com.br/implante-coclear/>. Acesso em: 24 ago. de 2018.

Nas figuras 4 e 5, temos duas imagens que nos permitem perceber a forma como o implante coclear, reproduz a função do aparelho auditivo:

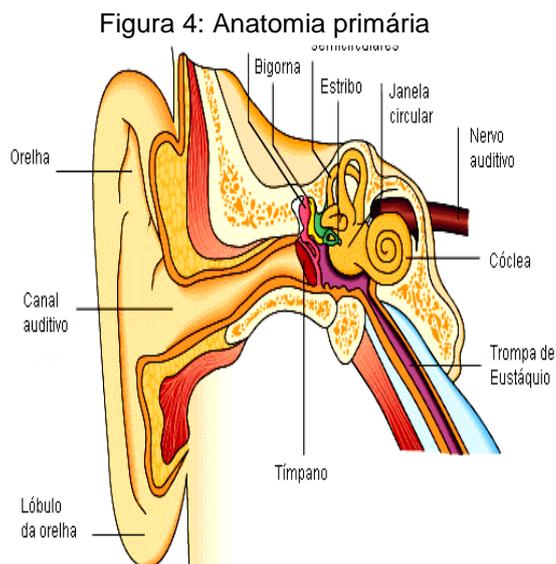


Figura 5: Anatomia secundária



Fonte: ortalotorrinolaringologia.com.br
Disponível em: <http://portalotorrinolaringologia.com.br/Cirurgia-de-implante-coclear.php>. Acesso em 25 ago. 2018.

Os modelos de implante coclear se dividem em analógico e digital. Nos modelos analógicos o som é convertido em sinal elétrico e amplificado, entretanto, não há tratamento do sinal, e o som não é ajustado ao perfil do indivíduo. Assim, a potência do sinal é semelhante ao sinal produzido pelo ambiente externo. No modelo digital, o som é captado, processado e adequado ao perfil do surdo, sendo possível ajustar a frequência do som, bem como minimizar o ruído. O IC pode ter nonoeletrodo ou multieletrodo⁵, quanto maior a quantidade de eletrodos, maior é a estimulação coclear.

1.3 BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DO IMPLANTE COCLEAR NO MUNDO

A reflexão sobre o implante coclear tem ganhado bastante evidência na atualidade. Essa tecnologia tem sido utilizada já há algum tempo e vem sendo reformulada até culminar nos modelos e funcionalidades nos aparelhos que são utilizados atualmente. A história do desenvolvimento do IC nos mostra que a otologia vem se transformando, com a introdução das próteses auditivas. Assim, a impossibilidade de ouvir passou a ser contestada com o desenvolvimento tecnológico dos aparelhos auditivos.

Os aparelhos tradicionais conhecidos como AASI (aparelho de amplificação sonora individual) sofrem melhorias gradativas desde sua concepção no século XIX. Mas os registros revelam que as primeiras tentativas de estimular a audição por meio de próteses auditivas se deram a partir do século XVIII. Alessandro Volta foi o precursor dessa trajetória, seguido por Duchenne (1855) e Brenner (1968), e todas essas experiências científicas eram invasivas ao corpo. Somente a partir de 1930, é que Wever e Bray inovaram na concepção das próteses auditivas, por meio da inserção de válvulas nos aparelhos externos. Entretanto, Graham Bell é a figura emblemática quando se trata de invenção da prótese auditiva externa, já que a partir da invenção do telefone tornou-se concretamente possível pensar em melhorias para descobrir os caminhos dos sons e assim melhorar a projeção dos aparelhos auditivos. Mais tarde, Graham Bell e Thomas Edison melhoraram a capacidade de funcionamento das próteses já existentes (BENTO *et al*, 2014).

⁵ Nonoeletrodo: apenas um canal de estimulação, Multieletrodo: Múltiplos canais de estimulação.

De acordo com Bento *et al* (2014), há outros importantes nomes no desenvolvimento dos aparelhos retroauriculares, com o Ferdinand Alt, Michel Ratchinson e Hanas Demand. Todos esses nomes citados foram importantes no aprimoramento da área da audiologia, muito embora a história nos conte que os profissionais da audiologia foram se tornando adeptos dessa tecnologia posteriormente, atuando com certa resistência. Há, ainda, outras descobertas importantes que influenciaram a produção dos modelos que conhecemos hoje. Como exemplo, citamos a descoberta de Gersuni e Volokhov (1936) sobre a possibilidade da audição mesmo ante a ausência do tímpano. Cabe destacar que, mesmo diante de tantos investimentos, as próteses auditivas extra auriculares chegam ao limite máximo de 30 db, impossibilitando – dependendo do nível de perda auditiva – a compreensão total dos sons da fala (BENTO *et al*, 2014).

Bento *et al* (2014) ainda destacam Stevens e Jones, os quais remodelaram o conceito das próteses a partir da estimulação elétrica, em que a produção do som se dava a partir do movimento de vibração na membrana basilar e se propagava até as células ciliares, mas a sensação auditiva continuava sendo rudimentar na audição. Essa técnica não era eficaz em indivíduos com surdez de percepção total, pois nesses casos é necessária uma estimulação localizada nas fibras do nervo auditivo.

A busca pela melhoria na propagação do som culminou em próteses mais sofisticadas não somente na sua capacidade técnica, mas também na estética. Ora, os aparelhos auditivos têm sido construídos historicamente não apenas com o objetivo de romper com a deficiência do corpo, mas também na tentativa escondê-la.

Apesar de todos os esforços, as próteses auditivas não beneficiam a todos os indivíduos surdos ou deficientes auditivos no processamento dos sons e palavras. Para além disso, a prótese auditiva gera descontentamento em razão da qualidade do som, que não se aproxima do aparelho auditivo biológico, quer pela perda estética, pelo incômodo doloroso do ruído ou pela limitação do estilo de vida (por exemplo; a restrição à prática de alguns esportes). Há, ainda, os casos de impossibilidade do uso da AASI em razão de doenças crônicas como as otites externa e média.

A partir dos anos 1940 e 1950, Bento *et al* (2014) relatam a investida do resgate da audição por meio de incisão cirúrgica realizada por Ludenberg, com o objetivo de estimular o nervo auditivo por meio de uma corrente elétrica sinusal. A primeira experiência resultou em um caso que não obteve sucesso, já que o paciente relatou

ouvir somente ruídos. Em estudos mais detalhados, Djourno e Eyries realizaram em 1957, um procedimento de inserção de uma bobina no nervo auditivo onde era aplicada uma corrente elétrica. Num primeiro momento, o paciente foi capaz de ouvir ruídos semelhantes à roleta de um cassino e posteriormente sua capacidade de reconhecimento fonético lhe permitiu compreender os sons de algumas palavras. O corpo desse paciente, contudo, rejeitou a bobina, sendo necessário sua retirada.

Bento *et al* (2014) mostram que muitas outras tentativas foram realizadas por diversos pesquisadores da área de saúde, como Doyle (1964), Michelson e House (1961). As cirurgias realizadas por House (1961), até o ano de 1972, resultaram em muitos problemas pós-cirúrgicos para muitos dos voluntários de seus experimentos. Isso porque a conexão entre a parte externa e interna do implante coclear era estabelecida por meio de um fio condutor, sendo necessário que houvesse um ponto de incisão desse fio sob a pele, razão pela qual muitos indivíduos adquiriam graves infecções. Esse experimento era somente para fins de pesquisa, e a tecnologia do implante coclear ainda não fazia parte do mercado tecnológico.

No ano de 1972, de acordo com Bento *et al* (2014), Jack Urban, um engenheiro que atuava junto com House, aprimorou sua técnica e criou um processador de fala com interface para o implante coclear com transmissão transcutânea, denominado implante coclear House 3M (implante mono elétrico), sendo inserido no mercado de vendas em 1972.

Em 1980 mais de mil equipamentos foram vendidos e, com o sucesso pós-cirúrgico, a faixa etária de candidatos ao implante caiu de 18 para 2 anos e centenas de crianças receberam o implante coclear. No ano de 1984, a Food and Drug Administration (FDA) dos Estados Unidos formalizou a comercialização do IC.

Importa destacar que houve outras pesquisas sobre o IC para além das de House, – e simultaneamente a elas – como as pesquisas na Itália e na Austrália. Contudo, em razão de os experimentos do doutor House terem sido os primeiros a serem reconhecidos e comercializados é que trouxemos com mais ênfase as pesquisas dele.

Em 1980, Clark *et al.* (citados por BENTO *et al*, 2014), desenvolveram o primeiro implante multicanal, sendo denominado de Nucleus, tornando-se o modelo mais usado nas cirurgias de implante coclear. Os modelos multicanais e multieletrodos foram reconhecidos pela FDA em 1985 para adultos e 1980 para crianças. Esses

modelos ampliaram a percepção de fala, trazendo mais qualidade na compreensão do som para os sujeitos implantados. Posteriormente foram desenvolvidos novos modelos. O avanço da tecnologia propiciou uma maior estimulação da cóclea, bem como a criação de multicanais analógicos, qualificando os sinais das ondas sonoras e adaptando-os para os perfis e tipos de surdez de cada pessoa atendida

No Brasil, os experimentos iniciaram-se por volta de 1989, quando Bento *et al.* (2014) desenvolveram um modelo com 16 canais e monoelétrodos, implantando nove surdos. O experimento foi um sucesso e a equipe responsável contava com Adolfo Lener, Carlos Nunes e Milton Oshiro (engenheiros), Maria Valeria Goffi Gomes (fonoaudióloga) e Heloísa Nashala (psicóloga). Na década de 1990, esse experimento abriu caminho nas pesquisas para os resultados do implante coclear no Brasil. Assim, pode-se dizer que o implante coclear é resultado da busca permanente da melhoria das próteses auditivas.

Na necessidade de romper o limite do corpo para aproximá-lo do outro, o ouvinte demonstra que o homem é um ser social, e que a ligação entre indivíduos no mundo humano é sempre entrelaçada por relações de poder. Nesse caso, a cultura ouvintista estabelece modos de ser na cultura surda. Consoantemente, Merleau Ponty destaca que o “o homem se define, em oposição à pedra, que é o que é, como um lugar de inquietação, como um esforço constante por se recuperar e conseqüentemente pela recusa em se limitar a qualquer uma de suas limitações” (*apud.* ZUBEN, 1984, p. 73).

O implante coclear que se tem na atualidade é resultado de cinco décadas de pesquisas em várias partes do mundo. Deixamos aqui registrado que os avanços das pesquisas nessa área só se expandiram com o investimento das empresas privadas e principalmente do governo (com merecida ênfase a Austrália).

O reconhecimento da capacidade e benefício que os aparelhos podiam proporcionar só se tornou possível devido ao grande sucesso de vendas das empresas de tecnologias na área audiológica. Na atualidade, os estudos da audiologia têm tido um importante destaque nas melhorias desses aparelhos, pois as pesquisas dessa área no Brasil, em grande parte, se relacionam à qualidade de vida que os surdos implantados adquirem pós implante.

A medicina tem um papel de destaque nesse contexto, mas cria um paradoxo: ao mesmo tempo em que busca a cura da surdez, constrói conceitos que podem adoecer

existencialmente aqueles que não podem se beneficiar do IC e não se identificam com a LIBRAS.

1.4 1990: O NASCIMENTO DO IMPLANTE COCLEAR NO BRASIL

No Brasil, o implante coclear surge como resultado dos trabalhos desenvolvidos pelo centro de pesquisas audiológicas do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo- USP. Esse trabalho foi iniciado, em 1989, pelo Dr. José Alberto de Souza Freitas, que desenvolvia atividades clínicas relacionadas à deficiência auditiva e tinha foco na reabilitação audiológica, como diagnóstico, indicação e adaptação de AASI, bem como a reabilitação auditiva. Segundo Yamada *et al* (2014),

O implante coclear não cura a surdez, mas provê a sensação à criança com deficiência auditiva, com a qualidade necessária para a percepção dos sons da fala, o que constitui um ganho extraordinário para ela, cujo Acesso ao mundo sonoro foi impedido pela surdez (YAMADA *et al*, 2014, p. 24).

Assim, de acordo com Yamada *et al* (2014), com o crescimento dessa ação, houve a ampliação nos atendimentos, culminando no atendimento à saúde auditiva, surgindo o LEAL (Laboratório de estimulação da audição e da linguagem). A partir daí o Dr. Freitas, propôs à USP a criação de um curso de Fonoaudiologia. Mais tarde, esse curso se tornou uma escola de aplicação em que o Dr. Orozimbo Alves da Costa e a Dr^a. Maria Cecília Belivacqua, componentes da equipe de Freitas, ficaram encarregados de articular o curso de fonoaudiologia e estruturar os serviços de saúde auditiva do HRAC (Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais).

Yamada *et al* (2014) pontuam que, entre 1980 e 1990, as primeiras pesquisas sobre o implante coclear - que já vinha sendo utilizado em outras partes do mundo, sendo considerado desde o início como uma tecnologia de alto padrão de inovação - começam a fazer parte da pauta do HRAC. As motivações dos doutores Costa e Belivacqua foram fatores preponderantes para a estruturação do implante coclear, representando um grande avanço na área médica no Brasil.

Assim, no ano de 1990, surge o CPA (Centro de Pesquisas Audiológicas) do HRAC/USP, consolidando-se nos anos seguintes como serviço em saúde auditiva e centro de pesquisas audiológicas. Dois anos depois, o CPA passa a fazer parte do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). A explanação histórica do CPA é de extrema relevância nesta pesquisa, visto que o Sistema Único de Saúde (SUS) começa a ofertar o implante coclear, permitindo que uma parcela mais carente da sociedade possa usufruir da possibilidade da intervenção cirúrgica para o referido implante.

Yamada *et al* (2014) destacam, ainda, as atividades do CPA que fomentam também outras ações visando à formação de profissionais para atendimento clínico no processo cirúrgico, entre eles estão: psicólogos, fonoaudiólogos, médicos e outros. Na América Latina, sobretudo no Brasil, o CPA é referência em pesquisas sobre implante coclear.

A logística do CPA é dividida em três etapas: pré-cirúrgica, cirúrgica e pós-cirúrgica. Ao detalhar essas três etapas, objetivamos levantar a percepção de que o processo de ser surdo implantado coclear é também um processo de *trans-formar-se*, numa imbricação com o mundo, com o outro e com a tecnologia. Aqui, representamos a palavra *trans-formar-se*⁶, numa acepção diferenciada da que encontramos nos dicionários de língua portuguesa, que é, basicamente, o conceito de transformar. É que acreditamos que o processo de transformação é um processo contínuo, porém gradativo, que acontece à medida que vamos sendo afetados por vivências e experiências. Dado isso, buscamos no latim a origem da palavra e o seu processo etimológico e morfológico de formação e encontramos a seguinte definição: *transformare* (executar uma mudança no aspecto e forma) +*trans-*, (através), + *formare* (dar forma). O uso do hífen para juntar as palavras baseia-se em Pinel (2019), quando afirma que “[...] o homem é um ser no mundo, e o seu processo de tornar-se pessoa só pode se dar no modo de ser-sendo”. Assim, o processo de *trans-formar-se* é um processo de ser-sendo no mundo, imerso nas vivências e experiências que nos atravessam ao longo de nossa história de vida.

Yamada *et al* (2014) avultam que a etapa pré-cirúrgica é o momento em que são realizadas as avaliações que buscam confirmar a deficiência auditiva, e se o paciente

⁶ Utilizamos o termo do modo itálico e hifenado com o seguinte sentido: aquele que está no mundo num processo criativo de criação e transcrição do próprio ser.

é um candidato ao IC. O médico otorrinolaringologista é responsável pela análise audiológica do sujeito e também faz os encaminhamentos para as demais áreas: pediatria – quando em caso de crianças – neurologia, genética, psicologia, assistência e serviço social e outras, quando necessário.

Segundo Yamada *et al* (2014), é possível perceber que cada processo envolve uma equipe multidisciplinar; cada área se incumbem de sistematizar parte do processo para que tudo ocorra bem com o indivíduo. Desse modo, a clínica atravessa o corpo surdo buscando não apenas modificar a sua natureza inicial, mas também transpor os limites da própria existência do homem, na busca de superar quaisquer limitações. Todo o corpo do surdo é uma nuance que se divide em território de si mesmo e em território do outro - a clínica. O corpo revirado, vasculhado, entregue ao outro que, nesse caso, personifica-se entre tantos: o neurologista que examina cada risco, cada possibilidade de sucesso; o geneticista que classifica o tipo de surdez; o psicólogo que busca propiciar o equilíbrio emocional e outros profissionais que se dedicam ao sucesso desse trabalho clínico.

O corpo é também propriedade da máquina, nos exames de tomografia de alta resolução, na ressonância magnética dos temporais, o surdo desnudo, tendo, milímetro a milímetro, o corpo atual sendo manipulado como objeto, em busca de um possível futuro corpo saudável. Tudo isso revela o quanto de nós tem sido ressignificado sobre o olhar do outro. Esse processo resgata e evidencia o conceito de corpo doente, inapropriado, ao mesmo tempo em que cria um paradoxo, pois é somente a partir da verificação da deficiência que se cria a possibilidade de ouvir.

Não nos colocamos em posição de julgamento. O que pretendemos é trazer à reflexão o fato de que o implante coclear é uma nova possibilidade de ser quando algo está aparentemente posto, como no caso da surdez. Pensamos que esta é a jornada do homem: ultrapassar o limite do próprio corpo e ir sempre um passo à frente da geração que nos antecedeu, pois

[...] O homem não é algo pronto, e sim um conjunto de possibilidades que vai se atualizando no decorrer de sua existência. Ele é livre para escolher entre muitas possibilidades, mas a sua escolha é vivenciada com inquietação, pois a materialidade de seu existir não lhe permite escolher tudo. Cada escolha implica a renúncia de muitas possibilidades (FORGHIERI, 1984, p. 17).

Nesse contexto, o próprio dispositivo do implante coclear é ressignificado, deixando de ser apenas um dispositivo tecnológico, desfazendo-se a condição de ente, perdendo a característica de objeto que está entre o corpo surdo e os mundos circundante, humano e próprio para tornar-se parte do ser surdo implantado, permitindo ao surdo não apenas um novo modo de ser, mas sim um novo ser: um homem ciborgue, uma criatura fênix produzida pela clínica, pela indústria tecnológica, pela expectativa familiar, pela estética social etc.

Embora o IC seja uma escolha, quando a liberdade está ao alcance do candidato ao IC ou mesmo quando o IC resulta do querer de outrem, conforme nossa percepção do mundo, deduzimos que um novo corpo emerge das condições que lhe atravessam e corajosamente se recria: torna-se um surdo implantado coclear.

Por meio de Yamada *et al* (2014), resgatamos até aqui um pouco da história do implante coclear no Brasil e no mundo.

Para completar, não podemos deixar de lado a história do implante coclear no Espírito Santo. Assim, fizemos um levantamento no site da UFES/HUCAM (Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes) e os dados que encontramos foram bastante contundentes para nos situar sobre o cenário capixaba quanto ao tema de nossa pesquisa. Isto posto, por já termos descrito o processo cirúrgico do implante coclear, iremos aqui nos ater a situar o leitor sobre como se organiza o centro de implante coclear da HUCAM.

Em pesquisa nos sites do HUCAM/ UFES, não foi possível identificar a data de início do atendimento, a não ser pela data de criação do centro de referência, 2014. A equipe atualmente é composta por fonoaudiólogos, otorrinolaringologistas, neurologista, psicólogo, assistente social, enfermeiros entre outros. Contempla os seguintes profissionais: Dra. Carmen Silvia Carvalho Barreira Nielsen (Coordenadora), Dra. Aline Neves Pessoa Almeida, Liliane Perroud Mülher, Mabel Almeida, Bruna Lillian Telles (Fonoaudiólogas), Ruth Rocha dos Santos Herbst (Assistente Social), Dr^a. Alessandra Brunoro Motta Loss (Psicóloga), Dr^a. Luziene Dalmaschio Biasutti de Oliveira (Neuropediatra), Dr. Henrique Ramos, Dr. Bernardo Faria Ramos (Otorrinolaringologistas), M^a. Paolla Gabrielle Nascimento Novais e M^a. Sara Gonçalves Luiz (Enfermeiras).

O programa oferece serviços que vão desde a triagem dos candidatos, até o encaminhamento para a cirurgia, processo cirúrgico e acompanhamentos psicológicos e fonoaudiológicos no pós-cirúrgico. Todo o processo é subsidiado pelo SUS. Os encaminhamentos são feitos pelos centros de referência em saúde auditiva, que são a Universidade Vila Velha (UVV), e o Centro de Reabilitação Física do Espírito Santo (CREFES), também localizado em Vila Velha/ES.

O programa segue as Diretrizes Gerais para a Atenção Especializada às Pessoas com Deficiência Auditiva no Sistema Único de Saúde (SUS) – Portaria GM/MS nº 2.776, de 18 de dezembro de 2014.

2 TRILHAS: TRAÇANDO UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISA

Por desejar ampliar minha presença frente ao contexto da existência surda, busquei me profissionalizar quanto ao conhecimento da LIBRAS. Assim, após três anos de conclusão da graduação em nível de bacharelado em Letras-LIBRAS, tentei o mestrado em Educação nos anos de 2015, 2016, 2017 e ufa! Aqui estou, que prazer poder afirmar isso! Quando recordo das etapas e resgato um pouco da minha própria existência, percebo que, posso compreender o meu momento de aprendizagem atual. No que diz respeito a me tornar pesquisadora, Forghieri (2017, p. 44) me ajuda com a cogitação de que é como “[...] recobrar o contato com a vida e com o que ela tem de mais espontâneo e originário; voltar à fonte primeira da qual brotam não apenas a ciência, mas todas as manifestações da vida”.

Conheci e procurei sentir, devido minha aprovação no mestrado em Educação, na linha de pesquisa Educação Especial e Processos inclusivos, o método fenomenológico, e tentar seguir-lhe as pegadas na simbólica areia. Tenho, desde que (des)cobri o método, buscado mergulhar em suas entranhas a fim de conhecer e compreender cada característica que envolve os modos de ser pesquisador fenomenológico, e aqui assumindo uma inspiração. Nessa passagem da minha vida, sou guiada pacientemente pelo meu querido orientador Hiran Pinel. No mesmo trajeto, Yolanda Cintrão Forghieri me trouxe maior conforto no entendimento do conceito de mundo; esse conforto que senti não se refere a uma comodidade no processo de se fazer uma pesquisa, mas no sentido de me identificar com um modo de escrita e sentir que a partir dessa identificação o caminho percorrido tornar-se-ia prazeroso. Também acredito que ter a autora como escolha para o marco teórico desta pesquisa, contribuiu para meu direcionamento, diluindo a minha aflição própria a uma aprendiz de pesquisadora.

A imersão à teoria proposta foi um grande desafio; senti-me rasa muitas vezes e ainda caminho com a hesitação de quem se percebe em uma trajetória na condição de aprendiz. Desenvolvi uma condição de afeto com minhas leituras, motivo pelo qual li por mais de uma vez cada obra e artigo mencionado no marco teórico. Meus livros, todos riscados, marcados, refletem o meu próprio existir: sou sendo uma aprendiz, envolta por condições do mundo circundante, buscando no mundo humano os afetos e atravessamentos que me inspiram a pensar o outro, pensar o mundo, a fim de que

seja possível ir e voltar ao mundo próprio. Estou em constante composição, pois minha existência é sempre junto com o outro, em meio a diálogos e em busca de respostas à minha própria inquietação.

2.1 ÉTICA NA PESQUISA

Inspirando-me na Resolução 510/2016, do Ministério da Saúde, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (BRASIL, 2016), inferi a necessidade de elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, comprovando a disposição em participar desta pesquisa, bem como firmamos nosso compromisso na preservação da identidade de cada colaborador. Também sempre fui marcada com a Resolução 510/2016 que descreve um código de ética para orientadores educacionais, que destaca postura ética, moral, psicológica (escuta, por exemplo), a potência do sigilo profissional, que em pesquisa correspondente a não identificação dos sujeitos da pesquisa e sua autorização final acerca dos dados prestados etc..

Como me considero uma pessoa comprometida comigo mesma e com o outro como ser no mundo que sou, mantive uma atitude fenomenológica de respeito à privacidade do ser humano, no tempo e no espaço, especificadamente, de cada um dos envolvidos nesta pesquisa - fiquei sempre atenta, solícita, empática etc. Dentro desse contexto de sentido recorremos a uma postura ética para e com os dois sujeitos que colaboraram com a pesquisa, aberta ao diálogo, às mudanças que desejavam etc. O termo respeito, além das definições oficializadas, foi produzida nas relações honestas e transparente que foi constituída no clima empático, de aceitação incondicional do ser humano e na honestidade sincera e amorosa.

2.2 APRESENTAÇÃO DOS COLABORADORES DA PESQUISA

Nossos colaboradores nesta pesquisa são dois surdos implantados coclear.

Em analogia com o personagem João, do conto João e Maria, chamaremos de Joana uma de nossas colaboradoras de pesquisa. No conto infantil, João é uma criança

expulsa de casa, **abandonada** à própria **sorte**. João da história “João e Maria” amava seu lar e, sabendo de que, por algum motivo, seria expulso de casa por mais de uma vez, ele **criou estratégias para não esquecer o caminho de volta** para casa. Assim também caracterizamos Joana nossa colaboradora de pesquisa. Suas memórias, **a saudade** do corpo surdo, e seu modo de ser no mundo por hora, **é** um modo de manter **pista para encontrar o caminho de volta** à sua casa. Joana, nossa colaboradora, é uma mulher adulta, de 40 anos, mãe de dois filhos, recém separada, implantada coclear há 21 anos.

Já a pessoa que para fins de manutenção da identidade optamos por aqui denominar Malu Estrela é uma adolescente de 15 anos, recém implantada coclear. Estudante do nono ano do ensino fundamental, é uma jovem de poder aquisitivo médio, estuda em escola pública, reside com seu pai e a esposa dele -que embora não seja a mãe biológica de Malu Estrela- tem uma importante e valiosa participação no desenvolvimento pessoal de Malu Estrela, a vida familiar é ainda agraciada com uma linda menininha de olhos de jabuticaba e sorriso de algodão doce; a irmã mais nova de Malu Estrela. Porque Malu Estrela? Porque no seu modo de ser sendo, ela brilha e ilumina o próprio existir com sua capacidade de atuar num tempo/espaco sendo autora da própria história, seus sonhos são seu projeto de ser, nisto ela se assemelha a uma importante atriz da Teledramaturgia brasileira, ao final, **Malu é uma Estrela!**

Ambas, Joana e Malu Estrela, residem no Município de Patrimônio⁷, uma cidadezinha pequena, onde é possível caminhar ao pôr do sol, sentir uma leve brisa tocando o rosto e produzir no contato com o outro, nas relações interpessoais, um modo poético de ser no mundo.

2.3 METODOLOGIA

Para que possamos caminhar com tranquilidade durante toda esta pesquisa, creio ser fundamental discorrer sobre o método fenomenológico pois é nele que busco inspiração para descrever os modos de ser surdo implantado coclear.

O método fenomenológico foi fundado por Edmund Husserl, influenciado por Franz Brentano. Foi sobre a noção de “intencionalidade”, que Husserl dedicou seus estudos

⁷ Nome fictício para fins de preservação da identidade dos colaboradores desta pesquisa.

a fim de compreender como ocorre o processo de investigação “sem pressuposições”. Para ele, nenhuma realidade pode ser descrita completamente pelas ciências naturais, pois estas se ancoram em princípios limitadores na investigação de um fenômeno humano. Em outras palavras, a partir de Husserl é possível pensar que o modo mais eficaz para descrever a realidade subjetiva e objetiva do homem, é buscando descrever o fenômeno de ser humano, carregado de intenções e dotado de capacidade para sonhar, realizar e construir uma trajetória de existência que lhe permita vivenciar cada fôlego de vida.

E é permeado pelo desejo de apropriar-se da própria existência que se forma a consciência do homem sobre si, sobre o outro, sobre o mundo. Aí reside a intencionalidade do homem de dar significado às coisas e aos eventos, dando sentido ao mundo concreto, constituindo-se simultaneamente como criador e criatura do mundo num processo de se conscientizar da própria experiência. Para Giorgi,

A fenomenologia influenciou a Arte, a Cultura, a Estética, a Literatura e a Ciência Contemporânea. Trata-se de um alinhamento de pensamento que extravasou os limites da ação filosófica inicial, permanecendo activa até aos dias de hoje, não cessando de questionar múltiplos quadrantes da vida intelectual, científica e social (GIORGI ; SOUZA, 2010, p. 33).

Acredito, ainda, ser necessário, mesmo que de forma breve, falar sobre a pesquisadora fenomenológica que tenho buscado amadurecer em mim, quanto alguém que está a descobrir os caminhos formais da pesquisa acadêmica, para que ao debruçar-se sobre a leitura, o leitor possa capturar a importância de dois movimentos cruciais para a descrição de um fenômeno: envolvimento existencial e distanciamento reflexivo. Forghieri (2017) enfatiza que o processo de descrição de um fenômeno é antes de tudo um ato de ser com o outro, pois todos nós estamos no mundo, e desse modo somos afetados de um jeito singular, porém comum a todo homem, pelos acontecimentos dos mundos circundante, humano e próprio.

Ser uma pesquisadora, é também ser uma existência corpórea onde a vida pulsa e, diante disso, torna-se inevitável o processo de envolver-se existencialmente com o fenômeno.

Somos seres de completude, mas é na relação com o outro que encontramos significação em ser; juntos partilhamos do desejo de sermos considerados dignos de

valor e cuidado, como sujeitos que necessitam de condições básicas inerentes ao existir como: saúde, segurança, educação, moradia. Mas também juntos partilhamos do sentimento de ansiedade, pavor e angústia quando não encontramos condições que nos propiciem sentimentos de pertencer a uma sociedade.

É por isso que o envolvimento existencial é uma postura inerente ao processo de descrição do fenômeno, pois o contexto descrito anteriormente cria em nós um sentimento de empatia, que a partir do outro, podemos também pensar a própria existência, uma vez que

Este momento requer que o pesquisador, preliminarmente, procure colocar fora de ação os conhecimentos por ele já adquiridos sobre a vivência que está pretendendo investigar, para então tentar abrir-se a essa vivência e nela penetrar de modo espontâneo e experiencial. É preciso que ele não apenas se recorde dela, mas, procure nela emergir para revivê-la de modo intenso; é necessário, portanto, que procure ter com ela uma profunda sintonia. Em outras palavras, o pesquisador precisa iniciar seu trabalho procurando sair da de uma atitude intelectualizada para se soltar ao fluir de sua própria vivência, nela penetrando de modo espontâneo e profundo, para deixar surgir a intuição, percepção, sentimento e sensações que brotam numa totalidade, proporcionando-lhe uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva, dessa vivência (FORGHIERI, 2017, p. 60).

Entretanto, é também de suma importância que o pesquisador fenomenológico exercite o distanciamento reflexivo, porque é nessa postura que se encontra a possibilidade de se pensar o fenômeno cientificamente, em outras palavras, isto significa sustentar a descrição do fenômeno de modo sistemático e rigoroso. Nesse contexto, Forghieri evidencia que

Após penetrar na vivência de uma determinada situação, nela envolvendo-se e dela obtendo uma compreensão global pré-reflexiva, o pesquisador procura estabelecer certo distanciamento da vivência para refletir sobre essa sua compreensão e tentar captar e enunciar, descritivamente, o seu sentido ou significado daquela vivência em seu existir (FORGHIERI, 2017, p. 60).

Para Forghieri (1984), a fenomenologia não se constitui apenas como conjunto de ensinamentos; antes, é um método que aspira a descrever o fenômeno por visão categorial, buscando descrever a sua a essência. Já a partir de Husserl (1967), podemos compreender a visão categorial como aquilo que é imediato, espontâneo, pré-reflexivo em que não há separação entre consciência e objeto. Nesse sentido, o fenômeno é captado na sua totalidade por intuição, porque

A Fenomenologia é uma ciência cujo propósito é descrever fenômenos particulares, ou a aparência das coisas, como experiência vivida. A experiência vivida do mundo, vida de todo dia é o foco central da investigação fenomenológica (MOREIRA, 2012, p. 67).

Assim, buscamos perceber o fenômeno revelado a nós nos modos de ser surdo implantado coclear, num processo simultâneo de envolvimento existencial e distanciamento reflexivo, considerando que esses são dois movimentos vitais ao pesquisador fenomenológico: “[...] é necessário refletir sobre o nosso cotidiano para que se revele a existência de nossa consciência” (FORGHIERI, 2017, p.15).

Já que toda pesquisa é também uma partida, não apenas no sentido de mover-se de algum lugar para outro, mas também no sentido de renovar o pensar, descobrimos, no processo de ser junto-com cada um dos colaboradores de pesquisa, que “viver consiste em comprometer-se com o mundo que nos dá a experiência através do pensar. Mas viver é também agir e valorar” (MOREIRA, 2012, p. 71).

Para Forghieri (2017, p. 63), “um dos requisitos básicos da pesquisa fenomenológica diz respeito a como é obtido seu material de estudo”. Pensamos as escolhas dos sujeitos a partir de Forghieri (2017), tendo em vista que realizamos leituras sobre suas produções e, a partir de tais leituras, concluímos que encontramos subsídios para pensar os modos de ser surdo implantado coclear “como o sujeito tem uma participação direta e consciente no fornecimento do material de estudo, além de participar da pesquisa, é necessário que ele compreenda a importância” (FORGHIERI, 2017, p. 12).

Ainda com base em Forghieri (2017), por abordar a construção da subjetividade do indivíduo nos mundos circundante, humano e próprio, buscamos nos aproximar da fenomenologia pelo viés da psicologia, muito embora saibamos que filosofia e psicologia dialogam com fluidez no processo de se pensar o modo de ser-sendo no mundo. Também encontramos apoio nas palavras de Giorgio:

[..] o investigador inicia os seus estudos obtendo descrições de experiências de outros sujeitos. Num segundo momento desenvolve a redução fenomenológica-psicológica e, simultaneamente, adapta uma perspectiva psicológica sobre o tema de estudo” (GIORGI, 2010, p. 74).

2.4 COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DOS DADOS À LUZ DAS NARRATIVAS DE JOANA E DE MALU ESTRELA

Por se tratar de uma descrição dos modos de ser surdo implantado coclear, consideramos o mundo humano como um importante elemento no processo de *autoforçar-se*, o que confirmamos na compreensão de dados, utilizamos como técnica para a compreensão fenomenológica dos dados, a **narrativa**.

Em cada encontro quer fosse fisicamente ou de modo remoto via WhatsApp, capturamos a importância da abertura do espaço para a escuta, em cada memória recontada uma, duas ou mais vezes; em cada instante o vivido sendo ressignificado no aqui-agora, de modo que

O caráter predominantemente dialógico promovido pelo pesquisador com o sujeito pode ser considerado uma pesquisa colaborativa, pois favorece o clima da intersubjetividade, dando consistência metodológica à construção do seu saber a partir das narrativas que ele produz sobre as experiências vividas (MACÊDO; CALDAS, 2011, p. 12).

2.5 UMA INTERROGAÇÃO PERSISTENTE NOS DIÁLOGOS DA ORIENTAÇÃO

Diante das histórias sobre surdez e implante coclear como eventos de exclusão, marginalização e escala de valores, buscamos compreender se Joana e Malu Estrela desenvolveram uma nova personalidade. Como pesquisadora imaginei sobre uma possível construção de uma outra e diferenciada personalidade das comumente descritas após o IC (acho que poderia criar um quadro de siglas para essa sigla e outra que vc repete muito e não esclarece...). Essa interrogação sobre a possibilidade de haver a produção de um quarto mundo, nos acompanhou durante toda a pesquisa e nos fundamentou para levantar, ao final, uma possível hipótese/ suposição/ tese da existência de um possível "quarto mundo", como um lugar de possibilidade de existência pessoal, singular e ao mesmo tempo materializada como ser no mundo. Sentimos ainda como uma oportunidade de discutir um conceito de quarto mundo em que o indivíduo cria para si uma nova realidade como resposta a um sistema excludente. Procuramos na fenomenologia autores que trabalhassem com o termo,

mas até esse momento encontramos somente as produções de Pinel. Nas palavras do autor:

[...] O quarto mundo imprime um espaço (num tempo) que se transforma também em lugar/tempo dos excluídos, em um tempo repressor ao povo, e ao mesmo tempo, sua proeminente ilusão – um ser e estar no limbo, falso limbo, mas percebido como real sentido. O imaginário está legitimado, a ação de oposição pode emergir forte contra tudo isso de ódio, maldade etc., tudo em um movimento subjetivo (e social) denso, tenso e intenso (PINEL, 2020, s/p).

Para além, existem outras citações sobre o quarto mundo, mas dentro de outras perspectivas que não a fenomenologia. O conceito de quarto mundo tem sido discutido pela sociologia, como sendo resultado do agrupamento dos excluídos sociais. Nesse sentido, encontramos na obra dos professores estadunidenses Ella Shohat e Robert Stam, intitulada “Crítica da Imagem Eurocêntrica” (1994), a definição desse termo como sendo “uma nova produção de si a partir dos padrões do outro”. Embora a obra não possua uma perspectiva assumidamente fenomenológica, nós nos utilizamos do termo “quarto mundo” dando a ele uma nova significação neste trabalho. Há um texto assumido fenomenológico em Bragio (2019) que aborda, em determinado momento, o termo quarto mundo de um modo existencial recorrendo a Pinel, que não cita e nem referenda em Shohat e Stam.

O corpo não só é a nossa morada, como é também instrumento utilizado no processo de nos espacializar no mundo. E assim, por meio dos deslocamentos físicos que fazemos em nossa trajetória, buscamos um lugar para ser, um espaço onde se torne real a certeza de pertencimento. Nesse contexto, o IC pode significar o ato de espacializar-se, como consequência dos atravessamentos da cultura ouvinte; o corpo surdo desloca-se num movimento de pertencer a si mesmo e ao meio por meio da intervenção clínica, haja vista que

A vivência do espaço se expressa desse modo através da fenomenologia da corporeidade vivida. Na sua presença e movimentação. Nesse ponto, o espaço *primitivo* é a morada do homem e como tal, o seu significado pode se aproximar a partir da análise da casa, espaço criado pelo homem para assegurar sua proteção (AUGRAS, 1986, p. 41).

Buscamos tecer reflexões do quarto mundo de Joana e Malu Estrela enquanto possibilidade de ressignificação da própria existência, dois corpos à deriva, buscando segurança num novo modo de ser surdo por meio da construção de uma

personalidade que se coloca entre ser surdo e ser ouvinte, entre o conceito de anormal e o normalizado, tendo em vista que

[...] o mundo das fantasias e dos enganos (que gera auto-engano), cujas origens, dentre outras, as mais poderosas, advêm certamente de um macrosistema manipulador, autoritário, antidemocrático, fascista, nazista etc., mas que nos ilude no jogo dos contrários (PINEL, 2019, no prelo).

A opção pelo implante coclear de Malu Estrela, bem como a escolha de Joana por voltar a ser surda, pôde ser percebida como um movimento de apropriação do espaço pelo corpo, numa nova perspectiva que só é pensada ante a impossibilidade de apropriação do espaço com plenitude ante a condição da surdez.

Segundo Augras (1984), “o espaço próprio não pode ser invadido, pois nele encontra-se toda a possibilidade de sobrevivência do sujeito”. Assim, ao situar-se na própria territorialidade, o sujeito pode definir os espaços que deseja habitar usando sua liberdade de ser no mundo. Sob o mesmo aspecto, Forghieri (2017) nos trouxe subsídio para discutir surdez, direito sobre o corpo, subjetividade e objetividade no processo de escolha por ser surdo ou surdo implantado coclear. Nosso anseio na descrição das vivências de Joana e Malu Estrela não foi o de ofertar um lugar de visibilidade a ambas, pois acreditamos que elas já possuem seu lugar de habitação e existência. Antes, nossa tarefa foi registrar de modo fenomenológico aquilo que foi revelado pelos próprios colaboradores de pesquisa e o modo como eles se percebem no mundo. Diante destes dois fenômenos que são Joana e Malu Estrela, sentimo-nos felizardos escuta-dor(es). O corpo tem sido historicamente objeto de manipulação, de exploração, de colonização, uma vez que

o corpo é uma condição de nossa existência, não apenas biológica, mas também histórica e social. É por meio dele que construímos nossa relação com o mundo, e é por meio dessa relação que se transforma, adquirindo uma nova performance de ser no mundo (NÓBREGA, 2010, p. 37).

Para Nóbrega (2010), contemporaneidade nos traz um desafio no pensar sobre o corpo. Isso porque o corpo imerso no mundo está sujeito a uma gama de transformações, ao mesmo tempo em que naturalizamos esse processo a tal ponto de não percebermos as condições significativas que nos transformam. Cotidianamente somos desafiados a seguir uma trajetória consciente do mundo e

sermos capazes de escolher quais transformações queremos atribuir ao nosso processo de nos autoformar.

Desse modo, ao descrevermos o aqui-agora de Joana e Malu Estrela, percorremos metaforicamente os caminhos que cada uma delas trilhou até chegar ao processo do implante coclear, e, nesse processo de percorrer metaforicamente, capturamos alguns dos atravessamentos e afetos que sofreram, bem como percebemos que ao narrar sua trajetória resgatando memórias desde a infância até os dias de hoje, as vivências tornaram-se experiências, pois ao falar de si, tanto Joana quanto Malu Estrela adquirem a consciência de sua condição existencial enquanto corpo no mundo, realizando o processo de *autotransformar-se, visto que* “[...] o corpo tem poder de síntese; ele unifica as sensações e percepções de si, bem como as que se referem ao mundo”(FORGHIERI, 2017, p. 29).

3 JOGOS DE ESPELHOS E A POÉTICA DO CORPO: O QUE É E COMO É SER SURDO IMPLANTADO COCLEAR A PARTIR DE FORGHIERI

Ser no mundo é descrito por Forghieri (2017, p. 39) como “[...] o inevitável processo de viver as experiências cotidianas, num jogo de tomadas de decisões que não provém dos ensinamentos científicos, mas sim de nossa familiaridade imediata ou pré-reflexiva”; cada uma dessas experiências do cotidiano nos leva a pensar o mundo e organizá-lo dentro de uma subjetividade própria. Desse modo, vamos construindo as histórias que queremos viver, aceitando ou refutando elementos que se constituem a partir do mundo circundante e do mundo humano e nos permitem ser corpo em carne lançado no mundo. Assim, “escrever poderia significar contar experiências próprias com as próprias palavras” (SKLIAR, 2014, p. 116).

Portanto, é impossível pensar ser no mundo sem ser com o outro, sem se sentir afetado com o movimento que ocorre nele. Os mundos circundante, humano e próprio têm um primordial papel na nossa constituição, e nos permitem, a partir do outro – que ser seja esse outro, um ser humano, um sistema, um governo ou uma cultura... – pensar sobre nós mesmos e decidirmos como usar a nossa indiscutível liberdade de ser. Nesse sentido, concordamos com Forghieri (2017), quando salienta que

[...] ser-no-mundo é uma estrutura originária e sempre total, não podendo ser decomposta em elementos isolados. Entretanto tal estrutura primordial pode ser visualizada e descrita em seus vários momentos constitutivos, mantendo a sua unidade. É desse modo que podemos considerar os vários aspectos do mundo e as diferentes maneiras do homem existir no mundo. (FORGHIERI, 2017, p. 28).

Ao descrevermos os modos de ser surdo implantado, assumimos o compromisso de registrar as vivências e experiências de nossos colaboradores. Encontramos sustentação sempre em dois movimentos essenciais à pesquisa fenomenológica: envolvimento existencial e distanciamento reflexivo.

Na pesquisa fenomenológica é possível afirmar que há um envolvimento do pesquisador com o fenômeno, não na posição de interferir naquilo que se revela à descrição. Mas, por sermos existências imbricadas no mundo, em muitos momentos da descrição do fenômeno podemos resgatar memórias que se aproximam do vivido pelo colaborador de pesquisa, ou até mesmo, apesar de não ter tido experiência semelhante, sentirmos profunda empatia pelo outro.

É necessário, porém, realizar um movimento de redução e suspensão dos valores que já trazemos conosco no decorrer de nossa existência; tais valores representam um conjunto de pré-conceitos que servem como bancadas para nossas escolhas, percepções e conclusões sobre o outro. Por esse prisma,

[...] a redução não é uma abstração relativamente ao mundo e ao sujeito, mas uma mudança de atitude-da natural para fenomenológica- que nos permite visualizá-lo como fenômeno, ou como constituintes de uma totalidade, no seio da qual o mundo e o sujeito revelam-se, reciprocamente, como significações (FORGHIERI, 2017, p.15).

Entretanto, a postura fenomenológica não significa indiferença, restrição e limitação para com o fenômeno. Segundo Forghieri (2017), significa aceitação do fato de que o outro é um ser livre, que faz as próprias escolhas, que afeta e é afetado, na busca de auto trans-formar-se, nessa jornada chamada vida. Ademais,

[...] a redução é o recurso da fenomenologia para chegar ao fenômeno como tal, ou a sua essência; pode ser sintetizada em dois princípios: um negativo, que rejeita tudo aquilo que não é apodiativamente verificado, outro positivo, que pela a intuição originária do fenômeno, na imediatez da vivência (FORGHIERI, 2017, p. 17).

Desse modo, nesta pesquisa, partimos das concepções dos mundos circundante, humano e próprio; refletimos sobre o fenômeno que se revela num corpo surdo imerso no mundo, e quais são as **vivências** e **experiências** vividas por estes seres, até o ponto em que se *trans-formam* em surdos implantados.

Para Forghieri (2017), a descrição de um fenômeno é sempre um desafio para o pesquisador, pois o corpo vivo se relaciona com o outro, imbrica-se no mundo. Daí a necessidade de estarmos atentos para que não sejam produzidos dados que não partam do próprio fenômeno, e sim da experiência e vivência do próprio pesquisador. Como ainda afirma a autora, há um pensamento de que a objetividade sozinha dá conta de explicitar o verdadeiro significado da realidade, contudo, a fenomenologia vem contestando isso; sustentada pelas ideias de Husserl (1901), Forghieri (2017) nos afirma que a compreensão do fenômeno se dá por meio da percepção objetiva e categorial.

Na percepção objetiva, o sujeito analisa o objeto de modo distante, característico das ciências da natureza. Na percepção categorial, há o imediatismo temporal, a

espontaneidade e a pré-reflexão, como movimentos próprios do cotidiano, num processo em que a consciência e o “sujeito” estão interligados, e o pesquisador capta esse fenômeno num processo intuitivo. Assim, deve ser a ciência que busca compreender o homem.

Influenciada por Heidegger (1927), Forghieri (2017) reafirma que o homem é simultaneamente criador e criatura. Desse modo, pensamos que a escolha do indivíduo surdo pelo implante coclear, tanto para surdos não emancipados quanto para surdos emancipados⁸ há um processo de imbricamento entre o mundo e o indivíduo que culminam na relação criador - criatura = **criatividade**. Assim,

[...] sobre a maneira racional de existir, verificamos que no decorrer da nossa vida, costumamos refletir a respeito da nossa vivência cotidiana, analisando-a, levantando hipóteses chegando a algumas conclusões a respeito dela e do nosso existir no mundo. Todas essas elaborações racionais vão nos fornecendo elementos constitutivos de “teoria” sobre a nossa própria vida, que nos permite explicá-la em seu decorrer até o momento presente, bem como planejá-la na direção daquilo que pretendemos para o futuro (FORGHIERI, 2017, p. 41).

Reside aí a nossa capacidade criativa, quando ao fazermos uma leitura do nosso eu no mundo, nós nos projetamos para fora com a finalidade de darmos um significado contínuo à nossa existência. Isso implica também as modificações que impomos ao nosso corpo físico, refletindo o modo como estamos nos percebendo intimamente. Um corte de cabelo, uma roupa alinhada, uma tatuagem, um rosto maquiado ou sem maquiagem e até mesmo o implante coclear são significações que revelam o quanto, estando no mundo, o mundo está em nós.

Há uma construção social sobre o conceito de homem, e dentro da construção “ser”; há várias outras formas de articular um modo de ser, mas ser nesse contexto social, parte sempre de um padrão. Assim, só é possível ser-sendo dentro de um determinado esquema de significação do ser. Por exemplo, ser ouvinte é um padrão buscado por muitos surdos no caminho de se significar no mundo enquanto existência. Estamos num processo contínuo de ressignificação de nós mesmos, e é a nossa criatividade em projetar nosso futuro que nos permite ser-sendo no mundo sem que sejamos diluídos num conjunto de proposições externas.

⁸ Emancipados, aqui, refere-se ao processo de liberdade e autonomia /responsabilidade civil.

Viver é um constante processo de se reinventar, e em nossa pesquisa buscaremos descrever estes momentos de criatividade nos modos de ser surdo num mundo ouvinte. No processo de descrição, vieram a lume unidades de análise sobre as quais refletimos. Afinal, fica claro que

[...] o homem não é algo pronto, e sim um conjunto de possibilidades que vai se atualizando no decorrer de sua existência. Ele é livre para escolher entre as muitas possibilidades, mas sua escolha é vivenciada com inquietação, pois a materialidade do seu existir não lhe permite escolher tudo- cada escolha implica a renúncia de muitas possibilidades (FORGHIERI, 1984, p.17).

Uma questão que merece atenção é o sentimento exposto pela comunidade surda ante os surdos que optam pelo IC. Embora muitos surdos implantados continuem utilizando a LIBRAS, os surdos implantados cocleares são considerados traidores da causa surda, desertores da militância do povo surdo. Assim, em muitas comunidades, esses sujeitos são rejeitados pelos surdos que não são implantados – quer não o sejam por escolha, quer não tenham o implante por impossibilidade financeira ou por não possuírem o perfil adequado para a implantação.

Pensamos, então, que a escolha do IC, embora venha sendo tratada pela mídia como um processo fácil, é na realidade um processo de extrema ansiedade para o candidato ao implante. É uma escolha que implica muitas situações paralelas, envolve muitos sentimentos, muitas variáveis que acreditamos poderem resultar em **saúde existencial** ou **adoecimento existencial**. Fundamentamos nosso pensamento em Forghieri (2017, p. 51), quando disserta sobre a saúde existencial:

[...] Consiste no bem-estar geral que cada um de nós experiêcia no decorrer da própria existência, caracterizado por uma vivência global de liberdade, acolhimento e sintonia em relação a si, aos seus semelhantes e ao mundo em geral. [...]adoecimento existencial consiste em um mal-estar, contrariedade e angústia, que se caracteriza por uma vivência global de impotência, insatisfação em relação a si mesmo, à própria vida e aos seus semelhantes, e por uma revolta, ou uma apatia, um conformismo pessimista de que nada adianta fazer para melhorar ou mudar essa situação (FORGHIERI, 2017, p. 51).

Constatamos que os caminhos percorridos até a concretização de uma escolha são sempre permeados por perdas e ganhos, são sempre uma situação de tensão em razão do receio do futuro, como diz Forghieri:

[...] nem sempre as possibilidades que se apresentam são de fácil escolha, há decisões que nos deixam indecisos e nos enchem de ansiedade. A inquietação diante da liberdade de escolha é tanto quanto maior for a importância da decisão para o nosso existir (FORGHIERI, 1984, p. 18).

O adoecimento existencial pode se concretizar quando, impedido de se valer da sua capacidade criativa, o ser humano não consegue se perceber de uma forma satisfatória. Sabemos que nosso cotidiano é permeado por situações positivas e negativas. Saber lidar com cada processo sem negar a veracidade dos sentimentos que ele nos traz, porém, consciente de que se é possível ser algo a partir de si e para si mesmo é, segundo Forghieri (2017), um processo de criatividade e autonomia existencial.

O contrário também é verídico. Quando as impossibilidades se tornam o prumo de sua existência, o ser humano tende a negar os sentimentos que lhe causam sofrimento, e nesse processo cria-se um círculo vicioso, em que a ação de projetar-se para fora de um modo outro do que se pensou antes não se concretiza, ou seja,

[...] finalmente, somos vivos, mas também mortais. Vivemos e morremos, de certo modo simultaneamente, pois, a cada dia que passa, nossa existência tanto vai se ampliando quanto vai se tornando mais curta. No decorrer do nosso existir caminhamos, a cada dia, para viver mais plenamente, assim como para morrer mais proximamente (FORGHIERI, 1984, p. 18).

Joana e Malu Estrela sedimentam nossas convicções sobre os conceitos que Forghieri (2017) nos traz sobre saúde e adoecimento existenciais. Temos pensado sobre a escolha do IC, e os atravessamentos que ambos sofreram nos processos de trans-formar-se. Assim, inclinamo-nos sempre sobre a percepção do que é saúde existencial e sobre o modo como pode ser percebida nos processos de se espacializar e se temporalizar que ambos realizaram no caminho percorrido até o momento da cirurgia para implante coclear. Ademais, refletimos também como ambos se colocaram no aqui-agora do transitar entre a surdez e o ouvir, tornando-se indivíduos ciborsurdo.

Forghieri (1984), sob influência de Heidegger, afirma que o homem não é só uma vivência preocupada. É possível amadurecer o modo de pensar, deixar-se fluir, mesmo em meio à incerteza do futuro. Desse modo, sentimentos de exclusão, ansiedade e preocupação podem ser superados quando nós nos projetamos na conquista de nossos desejos, quando nos especializamos, percebendo a própria

existência como algo que pertence exclusivamente a cada indivíduo. Para a autora, a tarefa intrínseca do homem é cuidar de si, do outro e das coisas para que elas possam ser, expandir-se, evoluir.

É nesse sentido que percebemos Joana e Malu Estrela como indivíduos responsáveis que buscam plenitude no próprio existir. Joana deseja regressar, retomar o corpo surdo. Ela foi para além do limite do corpo deficiente, enfrentou a surdez e agora deseja enfrentar o som: Joana deseja desfazer-se do implante coclear. Sua família discorda, pois acredita que “ouvir é melhor” (assim devem lhe dizer). Entretanto, Joana, decidida e conhecedora do próprio mundo, diz que não! Para ela, o melhor é ser, ser o que deseja ser: ser surda.

Malu Estrela é seu oposto. Ela submeteu-se ao implante coclear, mesmo tendo conhecido as delícias e dores de ser surda. João e Malu Estrela lançaram luz sobre minha existência, pois se lançam para fora com uma força apaixonada de quem não sabe o futuro, mas do presente podem dizer muito bem, e o que o presente de ambos nos diz é que eles são um verdadeiro fenômeno! Despertam em mim o desejo de apreender novos sentidos daquilo que aparentemente parecia estar em perfeita definição para mim: a surdez. Eu vejo neles uma coisa que há em mim também: o desejo de ser no mundo, junto-com.

Forghieri (2017) assevera que o saber básico é um conjunto de pensamentos, sentimentos, valores e ações que fundamentam nossa vida. Esse saber básico é adquirido quando alcançamos consciência do próprio existir, por meio de nossas vivências junto ao outro vamos expandindo esse saber básico. Concordamos com ela; afirmamos que somos seres de relação e o contato com outro é um dos fatores mais significantes na nossa constituição enquanto existência.

Nós buscamos continuamente um motivo pelo qual valha a pena viver. Desse modo, temos pensado o quanto o mundo humano tem responsabilidade sobre as escolhas de Malu Estrela e Joana quais são as escalas de valores que a eles têm sido impostas pelo outro, quais sejam, família, amigos, escola, mídia, paixões. Questionamos que situações lhes têm sido infligidas, e se a projeção do ouvinte é um fator determinante na escolha de ambos. Pensamos que se a surdez não fosse uma condição refutada, talvez ambos não tivessem optado pelo implante coclear, por entendermos que

[...] O homem é um ser que imagina e sua própria razão não é mais que uma das formas desse desejo de imaginar. Em sua essência, imaginar é ir além de si mesmo, é projetar, contínuo transcender. O homem, ser que imagina porque deseja, é o ser capaz de transformar o mundo inteiro em imagem do seu desejo (PAZ, 2017, p. 43).

Questionamo-nos durante toda a compreensão de dados, por que Joana desejava voltar a ser surda e retirar todo o implante de seu corpo quando já passara por todo o processo de seleção sendo considerada surda de perfil apta ao implante coclear? E concluimos que talvez o anseio de Joana de pode ouvir, não tenha sido pelo implante coclear, antes, tenha sido o desejo de ocupar um lugar de fala na sua condição de surdez, num conflituoso “jogo de espelhos, jogos de ecos, corpos que desfazem e se recriam incansavelmente” (PAZ, 2017, p. 43).

A descrição de um fenômeno é sempre um desafio, que nos coloca ante o exercício de perceber novos modos de ser que não o nosso. Portanto, não deve ser medido pela nossa experiência particular de vida. Porém, sabemos que não somos seres indissociados do mundo, do outro, e, mesmo estando na condição de pesquisador, a nossa relação com o fenômeno sempre há de se estender para além do papel que assumimos na pesquisa.

O envolvimento existencial do pesquisador com o fenômeno é a mais pura certeza de que o homem só pode ser em função de algo ou de alguém. A escolha por descrever o modo de ser surdo implantado coclear revela a posição que ocupamos no um mundo e é assim que sofremos inquietações perante os movimentos que acontecem no cotidiano social, percebemos o caminhar do povo surdo no Brasil, e sabemos da questão que se coloca ante a escolha de ser surdo, ou de ser surdo implantado coclear.

Acreditamos, no entanto, que um indivíduo saudável emocionalmente é capaz de trilhar a própria história, fazer sua rota, definir como deseja ser em corpo, em carne. Esse pensamento nos coloca numa linha muito tênue sobre qual é a bandeira que deve ou merece ser hasteada. Por essa razão, nos ancoramos no método fenomenológico, buscando segurança para problematizar o implante coclear, não no sentido de definir o que é certo ou errado – não somos juízes do outro nem mesmo das causas que os inquietam, mas no sentido de propiciar ao surdo a narração de suas experiências, advindas de seu próprio modo de perceber o mundo; somos

escuta-dor(es) do modo de ser surdo em terras capixabas, nosso local de pesquisa, uma vez que

[...] do mundo que tenho diante de mim nada afirmo com ideias pré-concebidas, nem como explicações psicológicas e científicas. Apenas interrogo, vejo, percebo e sinto. Também me interrogo, me ouço, me vejo, me percebo, me sinto; diante das informações desse mundo que chegam a mim, entedio-me, alegro-me, emociono-me. Nestes momentos desconheço o que aprendi, deixo de lado meus conhecimentos, evito a erudição. Entrego-me a intuição que é individual, pessoal, e tanto quanto possível, deverá ser sempre criadora, permito-me a relação intersubjetiva, uso a intencionalidade para integrar-me nos mundos que se abre para minha participação naquele instante. Procuo um estado télico (ALMEIDA, 1988, p. 30).

A escrita deste capítulo exigiu de mim um processo de me reinventar, pois, conforme meu modo de perceber o mundo, todo processo de escrita envolve um ato de recriação. No entanto, sabemos que a produção acadêmica segue um ritmo, uma normatização, um modelo estético que busca acomodar cada produção num modelo de produção científica. Concordando com Skliar (2014), que nos diz que a escrita perpassa tudo, reafirmamos que assim mesmo aconteceu conosco durante toda a pesquisa: Hiran e eu, orientador e orientanda, imbricados, provocados pelo querer saber do outro. E na condição de um aprendiz que desejou ganhar o mundo, sem, contudo, deixar de lado a certeza de que o mundo é um instigante mar de movimento em que tudo se transforma a cada instante, percebi a necessidade de registrar cada tempo para as transformações no modo de ser e de pensar do surdo implantado coclear para que ele possa ser percebido pela próxima geração. Nesse sentido,

[...] Há escritas que se situam a beira do abismo. Escritas que são como fogo remanescente, escritas se submergem no mar, escritas que se afogam em si mesmas e escritas que de tão certeiras nos fazem falar com o mesmo ritmo, com a mesma potencias e o mesmo mistério (SKLIAR, 2014, p.110).

Carregamos cada parágrafo com medo, coragem e paixão; e tecemos com querer, e a certeza aprendida com Lispector (1998, p. 120) que "[...] em matéria de viver, não se pode chegar antes". Em cada passo, em cada leitura, cada livro marcado, sentimos o impacto da escrita dos referenciais que ancoraram nossa jornada, ensaiando sempre um diálogo entre os autores e eu, desejando que cada "conversa" possibilite ir a campo, observar o fenômeno, descrevê-lo na forma tal qual ele se apresentar. Não buscando revelação. Antes, desejando descrever o ser sendo no mundo, na sua concretude, na sua inexatidão, naquilo que ele queira se mostrar "[...] deixar-me

penetrar na experiência vivida, sentida, penetrada por sentidos, produtoras de aprendizagens significativo-positivas ou negativas – que toca a pele e a alma desse ser sendo errático, ser da deriva” (PINEL, 2004, p. 17 apud PAIVA, 2006 p. 25).

Para Pinel (2019), é impossível falar de um fenômeno sem, de certa maneira, estar atrelado a ele, pois, o próprio processo de descrever compreensivamente constitui-se num ato contínuo de *envolver-se e distanciar-se*.

4 ESPELHOS D'ÁGUA: A IMAGEM DE SI, NARRADA NO RETORNO ÀS COISAS MESMAS

[...] assim, a brisa nos diz sem saber uma imprecisa coisa feliz.

Rubem Alves

Penso no modo como a escrita dessa pesquisa tem sido tecida. Cogitamos sobre os melhores modos de compor registros sobre o corpo surdo e suas lutas. Por falar sobre implante coclear e liberdade de ser, acredito ser pertinente trazer à memória a importância das lutas do povo surdo na busca pelo reconhecimento linguístico e ao mesmo tempo desconstruir a possibilidade de que tudo que temos construído nessa pesquisa seja utilizado com má fé. Sabemos que o discurso emana poder, e o poder move o mundo “[...] o que estarei dizendo será apenas nu. Embora tenha como pano de fundo – e agora mesmo – a penumbra atormentada que sempre há nos meus sonhos quando de noite atormentado durmo” (LISPECTOR, 1981, p. 16).

Desse modo, pensamos que nossa inquietação pôde ser diminuída ao trazermos a importância linguística para o povo surdo. Não objetivamos traçar uma linha histórica das lutas dos surdos, pois muitos outros pesquisadores no Brasil e no mundo já o fizeram. Para além, essa não é a base para nossa pesquisa, pois pesquisamos os modos de ser. O que pretendemos é reafirmar que respeitamos o povo surdo nas escolhas de ser surdo ou ser surdo implantado coclear.

O corpo surdo, viveu por muitos anos desconsiderado pelo ouvinte na sua condição de ser surdo, e foi por muito resistir, que sua existência floresceu. Assim,

[...] há muitos séculos prevaleceu o conceito de que ser surdo é ser inferior, anormal, deficiente. Ainda hoje, está fortemente presente em alguns lugares mais radicais, esse conceito que oprime e exclui o surdo da participação social (PERLIN; MÜLLER, 2006, p.170).

Segundo Perlin e Müller (2006), a percepção que o ouvinte tem do surdo é de um ser que transgride o belo, que infringe ou desconstrói a ideia de corpo perfeito, logo infalível (no sentido de pertencente à norma, pessoa sem deficiência) que o homem normal construiu ao longo dos tempos sobre seus pares deficientes. Por isso, nesse contexto, a concepção de saúde existencial, neste contexto, pode ser concebida como uma abertura de aceitação da própria condição de ser: ser surdo.

Desse modo, a oposição ao implante coclear não vem apenas pela transgressão do corpo, mas como um modo de resistência ao discurso estabelecido pelo outro, o ouvinte, de que só se é dono da própria existência a partir da audição, pois

Ter direito ao público é ter direito a constituir-se politicamente enquanto um sujeito que não mais pode ser julgado por uma essência que o condena, mas pelos atos que decorrem de sua ação no mundo, de sua ação consciente no mundo (ALMEIDA, 2009, p. 3).

Hiran e eu dialogamos em muitos momentos sobre saúde existencial e adoecimento existencial, na tentativa de perceber a figura-fundo que compõe e materializa toda o processo de subjetividade do ser surdo no Brasil, dada a estrutura oferecida e que pode ser ou não vivida pelo indivíduo surdo. Sabemos das possibilidades e dificuldades que um cidadão vivencia em nosso país, e em face disso pensamos que o indivíduo deficiente o vivencia de uma forma muito mais intensa comparada ao indivíduo não deficiente.

Durante conversas e orientações sobre o que é ser, Hiran e eu compartilhamos da fruição de obras de artes fílmicas. Tenho sido muito inspirada pelas adaptações de histórias reais, muitas das quais me levam a questionar o poder do discurso, das suposições que criamos e alimentamos sobre quem o outro é; a palavra é sempre uma faca de dois gumes. Na película fílmica “Doze anos de escravidão”, classificada como drama épico e histórico, encontramos uma adaptação da autobiografia homônima escrita em 1853 de Solomon Northp, muito elogiada pela crítica de cinema em 2014, recebendo nota 97 pela [Metacritic](#), e vencedora de três prêmios “Oscar” em diferentes categorias no ano de 2014.

Capturamos como produção de sentidos para a nossa pesquisa, o modo como o filme retrata a importância da consciência de si mesmo enquanto sujeito de direito; de como pode ser preservada por meio da resistência e da contraposição do discurso estabelecido sobre o corpo.

Assim como para Solomon Northp, era necessário não apenas resistir, mas dizer quem era, e ainda o é para o sujeito surdo. Solomon Northp nasceu livre, mas ao deslocar-se para outro lugar além de sua cidade, foi enganado, vendido, escravizado. Daí compreende-se que o surdo ao longo da história enfrenta desafios quanto à sua liberdade de se ser surdo num mundo majoritariamente ouvinte. Solomon Northp viveu seus anos de escravidão com uma condição de saúde existencial diferente dos

demais escravos, pois sempre reafirmava quem ele era, mesmo diante do sofrimento e da injustiça. Ele sabia que era importante, mesmo compreendendo a dor de seus irmãos negros, não ia se juntar a eles em resignação.

A partir dessa inspiradora obra, refletimos de outro modo sobre as críticas que os surdos dirigem aos surdos implantados. Entretanto, acreditamos que ser livre é poder falar sobre si tal qual se percebe; é questionar o modelo e as ações excludentes elaboradas pelo outro, e em muitas situações opor-se a um “outro” que também é um semelhante, para que a luta de que se alimenta não seja em vão.

4.1 ESCUTA VISUAL: JOANA E MALU ESTRELA, FLORES DE ONZE-HORAS

Chegou o momento crucial dessa pesquisa, que é o de registrar as narrativas cedidas a nós pelos colaboradores de pesquisa. Poeticamente pensamos que Joana e Malu Estrela desabrocham para nós como flores “*onze horas*” a qual é nativa da América do Sul; desabrocha em dias de sol e recolhe-se em dias cinzentos, sem jamais perder a resistência, a cor e o vigor. Pensamos, que as condições vivenciadas durante a vida de Joana e Malu Estrela são semelhantes às flores “onze-horas” e que ambas desabrocham e recolhem-se, adoecem e curam-se por meio da capacidade natural do homem, que é ser, temporalizando, espacializando-se e projetando-se para o mundo, para nós, sujeitos apaixonados pelos modos de ser revelados no outro.

Antes, preciso dizer que essa etapa da pesquisa ocorreu durante um período de grandes mudanças não previstas no mundo. O fato que temos enfrentado, a pandemia do COVID-19⁹, modificou muito a logística da compreensão de dados. Buscamos com o rigor científico organizar os encontros com cada participante sem pôr em risco a segurança de nenhum dos envolvidos. Tratamos sobre a pesquisa e a compreensão de dados em encontros, usando locais diversificados como: lanchonete, carro e outros lugares de modo presencial e em alguns momentos via Whatsapp; entretanto, senti que para a pesquisa seria interessante que ao transcrever as narrativas em Libras para a língua portuguesa, usássemos alguns mecanismos do cinema. Assim, lançando mão de narrativas reais, criamos tal qual no cinema uma estética de cenário

⁹ Do inglês *Coronavirus Disease 2019*, infecção causada pelo vírus SARS-CoV-2, cujos principais sintomas são febre, fadiga e tosse seca. A doença pode evoluir para dispneia ou, em casos mais graves, para a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG).

idealizado, imaginário, no qual a “composição consiste essencialmente em organizar e arranjar, da melhor forma possível, todos os elementos, do principal aos secundários, a fim de obter um equilíbrio harmonioso do conjunto, traduzindo efeito psicológico ou dramático” (BETTON, 1987, p. 29).

Os fenômenos de pesquisa são oralizados. Por esse motivo, e por estar pesquisando sobre os modos de ser surdo implantado coclear, intencionalmente iniciei os encontros falando e não sinalizando. Começo com Joana em 31/01/2020.

[...] após o divórcio, eu voltei a morar com meus pais, pois estando com eles eu pensei que seria mais fácil recomeçar a vida. No entanto, sentia-me muito sozinha; fiz uma amiga que sabia Libras, e assim por meio dela eu fiz muitos amigos surdos[...]. Eu sei que o implante me ajuda, mas eu queria muito voltar a ser surda porque o implante incomoda também. Quando tem muito barulho, ou muitas pessoas falando num mesmo lugar, eu sinto muito incômodo com os ruídos.

[...] você já pensou sobre o que é e como é não ouvir novamente?(perguntolhe)

- Nossa, se eu tirar o implante coclear(risos), meus pais me matam!¹⁰

Ao transcrever a narrativa acima, e por conhecer o endereço residencial de Joana, pude idealizar o seguinte cenário: Joana e eu, em total silêncio de palavras, circundadas só pelo barulho dos motores de alguns poucos barcos de pesca que podíamos avistar do píer, enquanto meus olhos passeavam pelo espelho das águas que refletiam as árvores do manguezal as quais fazem fundo ao quintal de Joana. Inspirada por esse momento de confiança dela, lembrei-me também de meus pais, e do meu medo de desapontá-los; vivi muita ansiedade com receio de não corresponder às suas expectativas com relação ao meu futuro.

Forghieri (2017) está, todo o tempo, a nos lembrar que nossa existência é feita de escolhas, sempre vivenciando o paradoxo do existir. Desse modo, o processo de cuidado de si é também uma escolha permeada por risco, pois “[...] nem sempre podemos cuidar de atender às solicitações de todas as pessoas que amamos. Às vezes, para cuidar de alguns, precisamos frustrar a outros [...]” (FORGHIERI, 2017, p. 92).

¹⁰ Optamos por diferenciar as citações de entrevistas das citações de obras e autores. Para tanto, todas as transcrições de depoimentos e entrevistas serão apresentadas em itálico, tanto as curtas, referidas no corpo do texto, quanto as extensas, em recuo. Aquelas que ultrapassarem três linhas serão apresentadas em fonte tamanho 10, espaçamento simples e recuo padrão de citação de 4 cm.

Não atender às expectativas da figura dos pais é um processo que gera sofrimento aos pais e também aos filhos. Os pais são, no meu modo de pensar o mundo, “jogos de corpos, jogos de espelhos, são corpos que se recriam incansavelmente” (PAZ, 2017, p.43). Lembro-me das coisas que não fazia por medo de “morrer”, pois meus pais não aprovariam. Tive poucos amigos na adolescência, e vivi o amor sempre clandestinamente. Segundo Forghieri,

[...] considerando que cada indivíduo possui suas peculiaridades, a princípio parece ser impossível chegar a uma elaboração do conhecimento pertinente a elas. Entretanto, embora seja praticamente impossível encontrarmos dois indivíduos iguais, também somos capazes de aprofundar em suas peculiaridades, chegando a características básicas que são comuns a todos eles (FORGHIERI, 2007, p. 92).

Portanto, posso perceber que o nosso modo de ser transita entre saúde e adoecimento existencial. Como é possível trilhar um caminho quando frequentemente nos empurram para fora de nós, escolhendo um lugar para nos inserir sem nosso conhecimento e consentimento prévios? Joana, ao ser expulsa da sua surdez, do seu corpo original, da sua casa corpórea, quais pistas terá deixado para voltar para si?

Segundo Forghieri (2007, p. 92), “[...] a abordagem fenomenológica do ser humano na psicologia procura investigar a vivência imediata do ser humano conforme é captada por ele próprio”; por isso, meu anseio é descrever o modo como Joana se percebe no mundo. Nossos encontros têm sido não apenas momentos em que ela se entrega a mim em narrativas, cede gentilmente parte da sua existência por meio das suas memórias, mas também, provocada pelos sentimentos das memórias dela, eu resgato minha história, de modo que posso pensar na forma de ser, ao mesmo tempo que alimento minha inquietação sobre as questões que afetam o corpo do ser surdo implantado coclear.

Forghieri (2017) também destaca que somos continuamente tomados por sentimentos paradoxais. Aqui, exemplifica-se por meio de Joana o sentimento de ansiedade, pois ela ensaia ser dona do próprio corpo desde a infância. Entretanto, como (des)fazer-se das expectativas dos pais quando aprendemos socialmente a submissão à tutela familiar? Deixo claro que compreendo que há uma hierarquia na constituição familiar e que ela se dá pela necessidade de manutenção do relacionamento entre tutor e tutelado. Entretanto, nada justifica apresentar o mundo a alguém sem lhe permitir, nesse processo, o ato de viver experiências e situações que envolvem o próprio corpo.

Essa vivência cotidiana do ser lançado no mundo pelo outro, pelas decisões que lhes são outorgadas, pode gerar naquele que é alvo do cuidado uma sensação ou até mesmo a certeza de ser fragmentado. Joana nunca pode falar de amor como seus irmãos, nem pode se permitir ser objeto de desejo dos olhares apaixonados, pois sempre foi julgada como alguém incapaz de estar no mundo por si mesmo. O que se evidencia em situações de entrevista como esta, em 15/02/2020:

[...] minha mãe é meu porto seguro, mas não é fácil, somos muito diferentes uma da outra. Sinto vontade de me mudar de cidade!

Por conhecer Joana e com ela partilhar muitas de suas aflições existenciais, acolho sua aflição, mas não interfiro, pois não estamos num processo de terapia familiar, e o meu papel é o de envolver-me e distanciar-me metodologicamente no processo de descrever o fenômeno.

Já em casa, enquanto realizo outras tarefas, ponho-me a pensar na pesquisa, e em que pistas Joana terá deixado para voltar para si. Na história de João e Maria, João ao voltar para casa ainda é uma criança, que acredita no amor e busca segurança na relação com o outro, seu familiar. Porém, não é mais o mesmo. Desde que foi abandonado na floresta, ele foi marcado por adventos como abandono, medo, incerteza e diante disso decide seguir uma jornada para o retorno à sua casa pois acredita estar lá a significação para sua existência. Quanto a nossa Joana (João, da história), colaboradora desta pesquisa, podemos dizer a mesma coisa, pois as experiências nos marcam de modo que não podemos ser mais as mesmas pessoas, uma vez que,

Para saber quem somos precisamos, de certo modo, saber onde estamos, pois, a identidade de cada um de nós está implicada nos acontecimentos que vivenciamos no mundo. Nosso elo de ligação pode não ser um lugar, mas uma pessoa a quem muito amamos[...] (FORGHIERI, 2017, p. 27).

Acredito que a figura materna seja valiosa na vida Joana e, para mim, ter tido a chance de conhecê-la brevemente e associar esse evento às confidências dela, me leva a acreditar que muitas das suas decisões são atravessadas pelas expectativas que sua genitora manifesta. Por essa razão, empenhei esforços para que Joana se sentisse à vontade ao narrar suas memórias de forma que ela não tenha receio de ser ela

mesma. Busco propiciar um ambiente onde Joana possa falar de si sem receio. Ninguém trai a própria história ao ser autêntico, pois,

Para que o indivíduo descubra e entre no processo de autenticidade, é necessário que ele tenha fidelidade para consigo mesmo. Com essa expressão queremos indicar duas coisas: primeiro, que o indivíduo seja capaz de “ouvir-se” a si mesmo, Segundo, que as suas deliberações sejam feitas de acordo com o que “ouve” em si (RUDIO, 1990, p. 52).

Joana saiu de férias. Isso impactou um pouco o tempo de compreensão de dados. Mas esse momento era dela e eu nada podia fazer ou deveria exigir. Acordamos que tentaríamos nos falar pelo Whatsapp. Entretanto, decidi que, simultaneamente iria agilizar meus encontros com Malu Estrela.

Em 19/02/2020, por cinco vezes num mesmo dia, tentei contato via *Whatsapp* com Joana, e ela não me atendeu! Frustrada, segui minha agenda com outras demandas. Estive ocupada o dia todo. Diante de tantos compromissos, me pus a pensar como era vida de João, ali no cotidiano familiar. Como seria sua rotina com filhos, divorciada e morando na casa dos pais... Quais seriam os segredos não confessados por ela nas relações de amizade... Nós escondemos nossas fraquezas e arrotamos nossas fantasiosas virtudes. Somos tão equivocados quanto ao outro, quanto a nós, que pensamos ser capazes de beber a vida em gargalos. Quanto dela desperdiçamos, sem sentir seu verdadeiro sabor!

Aqui iniciamos a fase de exposição das entrevistas. Assim como em alguns momentos desta dissertação assumi um tom ensaístico, em primeira pessoa, durante esta transcrição das experiências de meus sujeitos de pesquisa as palavras assumem aspecto de diário pessoal. Isso aconteceu naturalmente, durante o processo de registro dos encontros e depoimentos, e optei por não alterar o tom para não tirar a naturalidade da escrita.

São 08h31 (da manhã do dia 22/02/2020). Meus filhos ainda dormem; limpei toda a casa ontem à noite para que eu pudesse ler e escrever em paz. Joana me contactou (fato constatado agora). Confirmo que está *online* e retorno:

- *Bom dia! Te liguei ontem para bate-papo...(digito no WhatsApp).*

- *Bom dia. João me responde enquanto rasga com os dentes um pedaço de pão com manteiga. Eu me dou conta de que o celular é um termo acessório,*

que se imbrica em nós como parte de nossas vidas, ofertando facilidades e tirando de nós o corpo nu, livre.

- Não te liguei ontem à noite, porque estava ocupada; depois te conto (risos) disse, justificando o fato de não ter me atendido. Logo aparece sua filha de 11 anos com cara sonolenta e cabelos desgrelhados e beija-a carinhosamente. Aproveito para provocar suas memórias e pergunto-lhe como se sentia na infância, sendo a única surda de uma família de ouvintes. Joana começa a narrar uma leve lembrança das brincadeiras na infância, mas é interrompida pela filha, perguntando qual o biquíni que deveria usar para ir à praia. Percebo meu lugar, e não me sinto no direito de furtar o momento de afeto entre mãe e filha. Sinalizo que estou de saída e que podemos nos falar depois, encerrando, assim, nosso breve encontro virtual.

A maternidade para Joana tem sido outro grande desafio. Na maioria dos eventos a que comparece seus filhos a acompanham. O que ocorre, é que ela compartilha a maioria desses eventos com outros sujeitos surdos. Portanto, pesa-lhe sempre a decisão entre reproduzir a sua figura materna, exercendo grande influência sobre a vida de seus filhos na aquisição da cultura surda, ou deixá-los com a avó que certamente doará a eles sentidos outros sobre a vida. Sentidos esses que podem muitas vezes ser refutados por Joana, como, por exemplo, a ideia de que ser ouvinte é melhor do que ser surdo.

Leopoldo e Silva (2011, p. 127), influenciados por Sartre, descrevem a liberdade de ser como "um processo solitário, e apesar de ser um direito existencial de todos os homens, é um ato individualizado, particular". Entretanto, essa liberdade pode vir a ser carregada de muita angústia e ansiedade, pois, não raro, ao escolher algo, abre-se mão de outra coisa que talvez tenha igual ou maior importância que o objeto preferido na escolha, uma vez que

A liberdade em situação, isso é, num regime de tensão entre a liberdade subjetiva e os obstáculos postos pela dimensão da história, mais precisamente, do momento histórico em que existe, isso é, em que se projeta e age em função de seus projetos (LEOPOLDO; SILVA, 2011, p. 129).

Somos criadores e criatura simultaneamente: “sempre que penso ou sinto, isso acontece em relação a algo ou alguém” (FORGHIERI, 2017, p. 28).

Deduzimos, com base no que pudemos acessar, que a influência para o IC pode vir, em grande parte, das figuras materna e paterna na vida do surdo. Desconfiança essa que só seria sanada no decorrer das narrativas. Não pretendo perguntar isso

diretamente a Joana, pois creio que a resposta estará contida nas narrativas das memórias de suas vivências e experiências no mundo.

Tenho estado bastante cansada. Davi (um acontecimento inesperado) sinaliza que virá antes de 39 semanas. Por orientação da obstetra, não devo mais dirigir. Os picos de pressão arterial alta exigem de mim um tempo maior de descanso e, se possível, repouso. Para além, nesse tempo iniciam-se os primeiros informes sobre o COVID-19 na mídia como “uma pandemia de proporções globais”. Esse assunto dominou as fontes midiáticas, mecanismos pelos quais a maioria dos brasileiros consegue se manter atualizada sobre o que ocorre no país. As autoridades analisam quais medidas serão adotadas para inibir a disseminação do vírus no seio da população.

Há um embate que envolve muitas coisas: economia, saúde, cultura. O mundo está em debate, em discussões sobre vida e morte, e nem sequer nos trazem clareza sobre qual o lugar que o nosso corpo deve ocupar nesse contexto. Tenho acompanhado as notícias e penso comigo que a morte não respeita ninguém, não pede licença, nem é partidária. Sou, hipertensa e gestante. Tenho de ficar em casa!

Existem alguns eventos que não podemos controlar. Ousaria dizer que o nosso corpo também pode ser uma metáfora do mundo circundante. Sim: quando compelidos por um acontecimento que envolve nosso físico, estamos diante de algo que não podemos controlar.

Em isolamento social, então, Joana e eu fizemos uma chamada de vídeo em 27/02/2020, para que eu lhe explicasse mais uma vez a proposta de pesquisa, e pensamos que as narrativas poderiam ser gravadas como uma resposta a cada pergunta sobre o que é e como é. Entretanto, senti a necessidade de reajustar o processo, pois buscava o revelar do fenômeno de ser surdo implantado e senti que as narrativas gravadas tinham um aspecto de resposta de entrevistas. Assim, aguardei uma semana para que Joana esquecesse de nossa produção, e então comecei a fazer chamada de vídeos com o pretexto de querer conversar sobre as particularidades dos atuais tempos de isolamento social.

Essa escolha fez com que os encontros não fossem mais pré-agendados, e por assim serem, percebi que ela agora, revelava-se sem medo, sem mecanicismo, sem angústias, fato confirmado em 07/03/2020, conforme narrativa a seguir.

- Lembra quando te falei de tirar o implante coclear?

-Sim, lembro. (Respondi-lhe)

- Pois é, também não posso tirar porque ajuda quando vou dirigir, quando meus filhos gritam meu nome, quando o telefone de casa toca...

Joana continua a conversa que tivemos no dia 30/01/2020, à beira da maré. Esse fato me induz a pensar que a questão do corpo controlado pelo outro é algo que a acompanha e a faz pensar na própria existência. Ao que me parece, Joana teceu reflexão sobre si durante todo o período em que estivemos distantes, talvez na tentativa de perceber com mais consciência de si, condizente com a ideia de que “para que o corpo se reconquiste, é necessário que se recorde” (BRIGANTTI, 1987, p. 80).

Quando Joana discorre sobre os motivos pelos quais suporta o implante coclear, ela, de certo modo, está a nos revelar a influência dos mundos sobre o seu modo de ser. O mundo circundante é para ela um grande desafio, pois sua rotina diária é em torno dos filhos e da pós-graduação que está a fazer.

Para Forghieri (2017, p. 92), “constantemente passamos da vivência imediata para a racional, relacionando e integrando seus significados, e desse modo construímos o que chamo de nosso saber básico, que é peculiar a cada indivíduo”. Daí a importância da descrição do fenômeno: para que o homem declare sobre si o modo como se percebe, e para que o pesquisador seja empático e registre apenas o revelar do fenômeno, como evento ocorrido em 13/03/2020.

-Oi, Rute. Podemos nos encontrar pessoalmente para sua pesquisa? (João me pergunta via Whatsapp .)[...]Vou na sua casa. Pode? Eu fiz o teste do COVID-19. Não tenho, tá...(risos).

-Pode, mas lembra de vir de máscara...

Joana me procurou para falar de si, constato. Fico a pensar nas condições de silêncio e no cansaço de não ser compreendido quando fala de si. Penso então (conforme meu modo de perceber o mundo) que o processo de descrição do fenômeno, é também um processo de auto resgate. Joana está seguindo as pistas que deixou pelo caminho ao ser expulsa de sua surdez, sua primeira condição corpórea. Logo, acredito que no processo de narrar suas memórias, ela volta para casa da vida e, voltando para lá, ela pode compreender (ou não), o modo como se coloca no mundo hoje. Não se trata aqui de causalidade, pois a fenomenologia não se ocupa do inconsciente, não

em Forghieri. Trata-se de encontrar em meio às memórias vivenciais e agora refletir sobre elas de modo dialético.

No processo de escutar o outro, há também a possibilidade de que o narrador, aquele que entrega a sua história, adquira também saúde existencial. Para Miranda e Miranda (1983, p. 75) “escutar é um risco de entrar na intimidade daquele com quem se fala”. E no encontro de hoje, 21/03/2020, descobri mais sobre João, e tenho me apegado a ela de um modo muito empático. Compartilho com ela dos seus segredos, suas confissões... Como ser indiferente ao seu modo paradoxal de viver?! Não posso! Busco, então, apoio na literatura, no que diz respeito ao movimento de envolvimento existencial e distanciamento reflexivo.

Faço um café para nós, enquanto organizo a mesa em meu despreparo de dona de casa. É importante organizar o ambiente de escuta, segundo Miranda e Miranda (1983, p. 64), nos seguintes elementos: "Observando, atendendo fisicamente, acolhendo, preparando o ambiente de escuta".

E Joana principia:

-Estou louca para sair de casa.

[...]-Meu pai disse que se eu sair de casa, meu ex-esposo pode cortar a pensão que ele paga todo mês.

[...] Como meus pais dizem outras coisas, eu quero logo arrumar trabalho. Quero poder levar meu namorado em casa, sair sem precisar explicar tudo ou pedir para levar amigos em casa...

Diante desse desabafo, passo a pensar sobre o que é e como é ser ela, morando em uma mansão sem de fato sentir que pertence àquele lugar. Fico a imaginar se Joana compreende as questões que são colocadas diante do seu desejo. Ora, economicamente ela precisará de recursos para se manter sem os pais, buscando por vias próprias o seu sustento e o dos filhos. Tudo isso certamente mudaria muito seu estilo de vida, pois acredito que Joana não poderia arcar com todos os cuidados que hoje recebe e tampouco suprir todas as demandas de seus dois filhos.

O mundo circundante de minha entrevistada pode adquirir nuances outras em relação às que possui atualmente. Penso que não devo interferir nesse assunto. É um território perigoso e não quero arriscar os rumos da pesquisa. Para acolher Joana e ao mesmo tempo garantir meu distanciamento necessário, pergunto-lhe:

-Você já imaginou o que é e como é morar sozinha?

- Ela gargalha, e por um instante se esquece de sua angústia; logo me responde:

-Claro! Sexo todo dia, igual você (brincadeira)...

Enquanto realizo a escrita desse último encontro, percebo Joana entranhada em mim, penso sobre sua sexualidade, seu corpo censurado, vigiado e cerceado no prazer. A sexualidade do surdo, sobretudo da mulher surda, ainda é um tabu não só no seio familiar, mas também na escola, onde são vistas como sujeitos que necessitam de tutela sobre o corpo, inclusive nas relações amorosas, sexuais.

Forghieri (2017), ao narrar a sua experiência familiar no retorno de suas atividades como docente, narra o novo modo de ser em que precisou se adequar para manter seus dois amores, o casamento e à docência. Como acordado com seu esposo, em casa ela não falava da vida profissional. Penso então que o que Forghieri pode estar a nos dizer é que o processo de conviver com o outro é um constante processo de ensino e aprendizagem: é aprender a ser com o outro e permitir ao outro aprender a conviver conosco num acordo estabelecido entre ambos.

Pensando em Joana, ao que nos parece, é que esse processo de aprender a conviver com o outro fora uma condição imposta, sedimentada em ter ou não ter garantia de cuidados necessários, como saúde, moradia, roupa, estudos. Como pode, então, o surdo, nesse contexto capitalista, tornar-se independente? Por meio da educação. A educação é a sua garantia de pensar sobre si e sobre o mundo, e assim especializar-se, temporalizar-se e projetar-se para um mundo próprio.

Joana recentemente licenciou-se em pedagogia, e cursa atualmente uma pós-graduação *Lato sensu*. É por conhecê-la já há algum tempo que percebo como o espaço educacional lhe trouxe novos sentidos, de mundo. No conviver com outras pessoas, ela percebe o outro, e assim se percebe; Joana busca voltar para si e, para isso, precisa de um lugar, físico, geográfico, localizado.

Ela é um corpo transgredido que busca auto educar-se para ser no mundo de modo autêntico. Ao falar de si, Joana se escuta e por meio de ser narra(dor)a e escuta(dor)a de si, ela pode experienciar a vivência reflexiva. Ao narrar seus medos e desejos pode pensar sobre eles e os encarar de um modo outro que talvez não lhe seria possibilitado. No tocante a esse assunto, o método fenomenológico é um importante

instrumento para a revelação do fenômeno, pois permite a ela (Joana) ser no mundo, a partir do modo como o percebe. E o que ela hoje percebe já não sacia mais, por isso João pede para falar de si e novamente nos encontramos em 21/03/2020:

- Oiê! Hoje vou a sua casa tomar vinho e bater papo, pode? (Joana me pergunta via Whatsapp).

Ela chegou à hora marcada, pediu licença, puxou uma cadeira e sentou-se. Enquanto eu preparava um talharim para nós, Joana iniciou o diálogo falando e sinalizando simultaneamente:

- Ontem, eu estava no jantar do hotter club; aí encontrei Amélia (nome fictício), a gente estava conversando em Libras, daí saí pro banheiro e minha mãe foi à mesa da Amélia falar: - Oi, sou a mãe de Joana, não precisa sinalizar para ela não, ela escuta. Quando voltei, mamãe falou nada. Como?!

Embora essa conversa não tenha sido propositalmente agendada para a compreensão de dados, aproveito esse rico momento para trazê-lo à pesquisa, como Joana está ciente e concordou em participar da pesquisa, sinto-me tranquila quanto a esse fato.

O mundo humano de Joana tem sido relevado segundo suas narrativas. Confissões e entrega de memórias no aqui-agora revelam que ela busca o amor desesperadamente, e talvez já o tenha, mas o modo como seja amada pelos pais não lhe pareça mais do que uma confusa significação do amor. Isso percebi em suas confidências sobre sentir-se angustiada na relação com os pais. Para Joana, o amor ideal é um amor permeado de liberdade, de aceitação. Ela se sente perdida sobre ser amada ou ser objeto.

Para ela está claro a dificuldade em ser amada na sua condição de surdez, e por isso se angustia. Não julgo a família, nem suas projeções e consequentes atitudes. Joana já o faz, ela tem liberdade para tal, eu não! Comprometi-me com o processo de descrever e, portanto, as considerações feita por mim em cada narrativa são inerentes às próprias narrativas. Para Joana, têm sido ricos os nossos momentos, pois está descobrindo seus fantasmas de forma consciente. E mesmo contrariada com determinadas situações, é capaz de pensar no futuro e buscar reorganizar seus conflitos pessoais, de acordo com o que preconiza Forghieri

Todos nós temos uma tendência inicial de não aceitar as contrariedades pois, como me referi anteriormente, elas nos revelam nossos limites, nossa finitude, e encontram-se enraizadas naquilo de que temos plena certeza e mais tememos na vida: a nossa própria morte (FORGHIERI, 2007, p. 119).

O que Forghieri nos diz é que, a cada nova escolha, morre-se um modo anterior de ser. Portanto, ao homem, a liberdade de viver-morrer continuamente, pode lhe trazer muitas dúvidas sobre a própria existência. O medo e a incerteza sempre estarão presentes e qualquer processo de projeção para o futuro. Joana quer a liberdade de ser e sabe o quão caro ela custa. Talvez o passo inicial para que ela se sinta livre é decidir sobre o próprio corpo, ao desejar retirar o IC e vencer as barreiras colocadas ante esse desejo.

Buscando modificar aspectos de seu mundo circundante, Joana almeja também produzir novas performances nos mundos humano e próprio, pois tudo está interligado. Lógico, existem as arestas de desvio: o mundo circundante sozinho não pode responder por todas as escolhas que o homem faz para si. Entretanto a objetividade do mundo circundante produz sentidos subjetivos em um indivíduo, e isso verdadeiramente tem influência na decisão de ser ou não autêntico consigo mesmo, assim

[...] Livre, como um balão que sobe ao céu, sem dono.
Perdido, como um barco em meio à tempestade, sem leme.
Triste, como um órfão em noite de Natal, sozinho.
Esperançoso, como um náufrago sem forças, avistando a ilha.
Imagem: numa só linha, em poucas palavras, a mágica de fazer entrar o mundo inteiro. (MIRANDA; MIRANDA, 1983, p. 138).

Na página 138 da obra de Miranda e Miranda “Construindo a relação de ajuda” (1983), encontrei a poesia acima. Condiz com Joana, livre, perdida, triste, esperançosa, imagem. Ela é tudo isso, e isso compõe seu corpo, sua existência no mundo, adoecendo e buscando a saúde existencial por meio da narrativa, dos modos de ser. Antes, eu via Joana apenas; mas agora a conheço-conhecendo e assim, agradeço a entrega de tão ricos tesouros a esse aprendiz de pesquisa(dor)a que sou. Em Forghieri (2017), aprendemos que é possível aprender o amor, sobretudo o amor próprio. Sinto gratidão ao perceber que por meio desta pesquisa, nossa entrevistada está aprendendo de si mesma, e talvez aprendendo do outro, o ouvinte seu tutor, por enquanto.

Após as experiências vividas com Joana, é hora de ir ao encontro de Malu Estrela. Iniciamos nossas conversas, com uma videoconferência no Whatsapp e, por solicitação do pai, acordamos que ele também participaria das reuniões. Pedido aceito, até mesmo porque tendo Malu Estrela a idade de 15 anos, é compreensível o desejo do seu pai, como tutor, de observar e monitorar os movimentos que acontecem em torno da filha: é dele o dever moral e legal de proteger os filhos não emancipados. É obvio que tive um secreto receio de que o pai – a quem, para fins de preservação de identidade, doravante passaremos a chamar de Sr. Sol - interferisse na compreensão de dados, mas não podia negar seu pedido, não apenas pela posição que ele ocupa nesse contexto, como também porque poderia revelar alguma outra narrativa que merecesse ser evidenciada para agregar e possibilitar tecer com mais clareza as questões que envolvem o implante coclear. Assim, começamos nossa conversa em 26/03/2020:

- Boa noite Sr. Sol, agradeço a disponibilidade em participar da compreensão de dados. Vou explicar rapidamente sobre a proposta de pesquisa, e caso o senhor queira mais informações é só me solicitar tudo bem?

Após conhecer a pesquisa, o Sr. Sol, emenda a conversa, e diz o quanto está feliz por poder contribuir com questões que não são passíveis de discussão no dia a dia de pais de surdos.

- Bem, Rute, eu sei que o interesse é nas narrativas de Malu, mas se possível gostaria de iniciar a conversa, pois, o processo de implante coclear não é um fato que se dá somente com o surdo. A família, e no meu caso eu, como pai, também vivencio todo esse processo de mudança e de expectativas. A questão do futuro dos nossos filhos é algo que nos angustia e nos atormenta no sentido de qual decisão será a melhor: a surdez ou o implante.

Como você sabe, a Malu Estrela tem uma perda bilateral de grau moderado, ela enquanto surda pode ouvir alguns sons, entretanto, esse resquício de audição é limitado. A fala, por exemplo. Nem sempre ela conseguiu compreender o que se fala, com clareza. Ela sempre fez terapia fonoaudiológica, motivo pelo qual ela é muito bem oralizada. A LIBRAS, ela aprendeu no 4º ano do ensino fundamental I, quando decidimos tirá-la da escola privada e matricular na rede pública. Eu percebi vários avanços também com o uso de LIBRAS. Mas assim que Malu Estrela manifestou o desejo de ouvir, eu, como pai, considereei propiciar-lhe essa possibilidade.

Inicialmente, por meio do programa de atendimento a pessoas com surdez na UFES, buscamos o atendimento para a cirurgia no SUS. Mas o processo foi muito demorado e cansativo. E após dois anos, mais ou menos, sequer tínhamos uma situação definida. Então, fomos orientados pela fonoaudióloga com quem Malu Estrela estava fazendo a terapia de reabilitação da fala, de que a ANS- Agência Nacional De Saúde - havia determinado que os planos de saúde cobrissem o implante coclear. Nas

primeiras tentativas, tivemos negativa do plano. Mas, eu lhes informei que entraria judicialmente. Acredito que fui percebido como um cliente ciente de seus direitos. Então para evitar um grande processo judicial, o plano liberou o implante. Foi muito rápido, das entrevistas com psicólogos, fonoaudiólogos aos demais profissionais da equipe multidisciplinar.

A cirurgia foi rápida. Estamos nos adaptando a esse novo modo de ser, mas toda a experiência me leva a pensar nas famílias que não possuem plano de saúde ou que desconhecem seus direitos enquanto cidadão. Eu testemunhei coisas que eu não gostaria de vivenciar, como a desatenção com aqueles que só querem o melhor para seus filhos. Muitas vezes ofereci auxílio a pais menos favorecidos financeiramente, pais que estavam ali com o filho e até eles mesmo com fome, pois mal tiveram tempo de se alimentar dado o horário de atendimento ser inflexível. Fui marcado por isso, e pelo tempo de espera. É doído pensar que se precise alimentar as esperanças por dois, três, quatro ou mais anos na resposta sobre o futuro do filho, se poderá ou não ser implantando. Compreendo porque muitos pais desistem.

Ao ouvir o relato do Sr. Sol, pude compreender que ele está a denunciar não apenas a incapacidade do Estado em cumprir o seu dever de cuidar do indivíduo que o procura, como também está a nos dizer que por trás de todo surdo há um contexto de solidão, isolamento, medo e angústia. São os pais que exercem poder sobre o corpo dos filhos porque sabem bem que uma sociedade capitalista, moralista, patriarcal, é incapaz de acolher o surdo na sua condição de surdez, na sua diferença, no seu corpo em seu modo de ser-sendo.

Após tantos atravessamentos, eu, que sempre levantei a bandeira da LIBRAS, devo confessar: sinto-me egoísta, pois, por muito tempo, desconsiderei as questões que envolvem a decisão de ferir o próprio corpo em busca de cura para a surdez. Nisso, a fenomenologia me presenteia: na possibilidade de descrever o fenômeno e numa descrição hermenêutica, posso trazer a lume aquilo que foi revelado nas entrelinhas das narrativas dos participantes dessa pesquisa. Portanto, existem coisas que não são ditas, mas que estão ali sendo mostradas e nos provocando para que as mostremos ao mundo.

Sr. Sol também me deu belos exemplos de anatomias; com grande entusiasmo me explicou como funciona a audição e o modelo do aparelho Kenko, o qual Malu Estrela traz em seu corpo. O brilho nos olhos e a alegria em suas palavras me dizem que fiz certo ao aceitar ouvi-lo. Percebo que todo o processo de participar do implante coclear lhe possibilitou conhecer mais sobre um assunto que tanto o incomodava, a surdez. Desde que compreendeu que Malu Estrela, embora fosse surda implantada coclear, ainda gostava de usar LIBRAS, ele passou a respeitar sua opção, compreendeu-a melhor e acolheu a existência de Malu Estrela.

Hoje, em 31/03/2020, início a escrita a partir de Malu Estrela. No encontro anterior, após ouvir o Sr. Sol, encerramos a compreensão de dados com a seguinte retórica: o que é e como é ouvir? E recomeçamos a partir da resposta dela:

- Ouvir é bom! Ouvir meus pais, meus amigos, músicas, novelas... Eu danço a dança do ventre, sabia? Desde quando eu era surda porque agora não sou mais, eu ouço.... Tem sido bem estranho, porque, por exemplo, quando você fala, chega atrasado aqui, você sabe, né?

-Mas eu ouço!

Para Malu Estrela não importa o modo como ouve, mas sim que ela pode ouvir. Ouvir é crucial na relação com outro. É pelo outro que Malu Estrela entregou seu corpo à clínica. Penso que, se fôssemos uma nação bilíngue de forma efetiva, em que a LIBRAS fosse naturalizada, talvez (ou não), Malu Estrela não teria optado pelo IC. Mas a mim isso não importa tanto. Importa compreender os processos de adoecimento e saúde existencial nos modos de ser surdo implantando coclear.

-Eu sempre quis ouvir, ficava imaginando o que as pessoas falavam quando mexiam a boca. Sabia que eu grito? Eu gosto...

A percepção do próprio corpo agora é marcada pelo autodomínio. O que Malu Estrela revela ao gritar sem motivo aparente e afirmar que gosta?! Arrisco: ela intenta romper o estabelecido, primeiro rompendo a deficiência, depois rompendo a ordem do silêncio, o silêncio que incomoda. Não espero de Malu Estrela confissões de igual teor às de Joana que é adulta e tem mais e diferentes experiências de vida. Malu Estrela é adolescente com sede de viver, regada pela inocência. Penso se a ideia de futuro é algo que a incomoda. Assim, pergunto-lhe: Malu Estrela, você sabe de quantos anos é a durabilidade do aparelho? Ela sorri e responde: *Sei.*

É o corpo lançado no mundo, de peito aberto, enquanto os movimentos surdos dizem que a LIBRAS é a única opção. Malu Estrela é-sendo, fazendo escolhas que lhe despertam paixões. Perguntei em dado momento: Malu Estrela, quando alguém está falando algo que você não quer ouvir...

-Não ouço, dá para desligar, sabia? (risos).

O corpo maquinado não é um corpo preso, como poderíamos pensar. Há sempre a possibilidade de assumir o controle e tomar as rédeas da própria vida, do próprio querer. Malu Estrela não rompe com seu passado, mas demonstra que é possível ser atravessada e ainda perceber o mundo de um modo singular. Nesse sentido, posso dizer o quão importante é o acolhimento aos pais de surdos, não apenas pela clínica que vai comprovar que o corpo precisa ser corrigido, mas também por uma equipe multidisciplinar que possa lhes apresentar várias realidades sobre ser surdo.

Enquanto professora de educação especial, percebo o medo que os pais têm sobre a possibilidade de o filho não aprender o bastante para que possa ter sucesso profissional. Logo, me instiga saber como tem sido o retorno de Malu Estrela ao ambiente escolar, de modo que provoco memórias das suas experiências como surda implantada no início de 2020. A narrativa abaixo pode ser capturada em 09/04/2020.

- Eu nunca imaginei que diria isso, mas como meus amigos falam! Falam muito... E eu junto, né (risos). Eu gosto de ouvir o professor, mas ainda tenho muita dificuldade porque são muitas palavras novas, ainda estou confusa. O professor acha que só porque tenho o IC, agora entendo tudo... Assim, tipo mágica!

A fala de Malu Estrela revela um pensamento que tenho alimentado há muito tempo: o de que a clínica e a escola devem se conversar, e juntas propiciarem melhor entendimento sobre a surdez, tanto no campo pedagógico quanto no campo clínico de reabilitação da fala, o que se alicerça na assertiva de Schwarz:

O programa terapêutico/escolar/educacional mais eficaz será aquele que focalize o desenvolvimento das habilidades auditivas da criança através do implante para a comunicação e o aprendizado verbal. O programa educacional/escolar 23 deverá ter um membro da equipe de implante trabalhando e ajudando os professores na reabilitação (SCHWARZ, 2009, p. 23).

Tenho conversado com alguns profissionais que atuam como docentes junto a Malu Estrela, e todos são unânimes em dizer que não receberam formações específicas para lidar com questões de aprendizado do aluno implantado coclear. Embora a escola em que Malu Estrela estuda seja uma unidade com bastante empenho no que se refere ao seu progresso, orientações de cunho pedagógico para os docentes são fundamentais e de extrema importância, embora não deve ser o único dispositivo de inclusão do aluno com IC. Portanto, é fundamental a oferta de cursos de formação

continuada sobre esse perfil de aluno para que juntos, docentes, corpo pedagógico, família e programas de reabilitação auditiva propiciem melhores condições de aprendizado a essa clientela tão carente de atenção.

É preciso por hora terminar nossas conversas, pelo menos no que se refere a essa pesquisa, pois é necessário seguir o cronograma proposto na qualificação de Mestrado. Então, em 08 de maio de 2020...

-Malu Estrela, o que é e como é ser surdo? (Sinto que preciso provocá-la)

- você sabe... (Responde-me, faceira).

-Ah, não sei... Eu era surda e as pessoas ouvintes...entende?! (Respondeu-me).

Entendo, Malu Estrela. Se até entre pessoas iguais temos nossas peculiaridades, o que se dirá do corpo julgado deficiente? (Penso em silêncio). E enquanto penso, observo que Malu Estrela agora se sente uma igual: igual ao surdo porque usa e ama LIBRAS. Igual ao ouvinte porque agora ouve. Sempre tive a ideia de que o surdo implantado habitava um entre lugar, uma existência numa fenda imaginária. Com Malu Estrela, percebo que não. Que ser surdo implantado coclear é um novo modo de ser, um novo modo de perceber o mundo e de transitar entre duas culturas, com um corpo híbrido, ciborsurdo, implantado coclear.

De modo geral, o método fenomenológico nos permite discutir a questão da surdez para além dos discursos afirmados pelos dois movimentos mais potentes em nosso país na atualidade: Surdos que amam LIBRAS e Surdos que ouvem. As narrativas produzidas até aqui nos levam a pensar que políticas públicas vêm sendo organizadas, bem como o modo e o Acesso aos serviços de saúde e educação que esse público vem recebendo do Estado.

As narrativas de Joana e Malu Estrela são uma resposta à sociedade e um sinal de que os ouvintes são também existências imbricadas nos mundos circundante, humano e próprio.

5 PÓS-ESCRITOS

Caminho para o término dessa pesquisa. O pensamento que habita minha mente nesse tempo tem sido sobre os modos de ser e os mundos circundantes, as aflições que vivenciamos e o quanto elas podem ser aumentadas ou diminuídas quando em contato com o mundo humano. É quase sempre pelo outro que estamos em movimento, que estamos a dispor nossos corpos, nossa existência. É pelo outro que Joana quer voltar para casa, seguindo pistas do seu passado a fim de compreender o lugar que ocupa hoje. O sentimento de abandono pela expulsão do próprio corpo justifica seu desejo de retornar à surdez, pois essa seria uma possibilidade de recomeço com liberdade.

Acredito, pessoalmente, que Joana não irá retirar o IC como deseja. Nosso breve contato me deixou com a impressão de que o mundo circundante tem sobre ela uma grande influência. Ela sabe que o mundo é inóspito, e o medo de estar sozinha, abandonada concretamente, é algo que a apavora.

Assim, humildemente acredito que Joana precisa recorrer à terapia, com um profissional que saiba também LIBRAS. Quem sabe assim ela decida pela não retirada do implante coclear, mas pense no outro e em si mesma como alguém que está lançada no mundo e que de um modo ou outro, tem a incumbência de zelar por si mesma apesar dos atravessamentos dos mundos circundante e humano serem de nossa reponsabilidade. É nosso dever lutar por nós mesmos, lembrando sempre que somos junto-com outros em sociedade.

Malu Estrela, que direi de você daqui a alguns anos? Não sei! Não somos inocentes para sempre, mas sua ingenuidade e coragem de decidir ser ouvinte e ser surda, de falar feito uma maritaca e sinalizar belo como uma pluma, lembram-me da garota que outrora fui. Mas nós não somos os mesmos para sempre. A mudança faz parte de nós, é inevitável, imprescindível e necessária.

Levo comigo duas certezas. Primeiro, a de que gostaria de ter ido mais a fundo no assunto sobre os modos de ser surdo implantado coclear, mas sei que outros o farão, talvez até com maior rigor. Depois, a de que só podemos compreender o mundo próprio a partir da realidade que nos cerca, do mundo circundante com suas belezas e aflições, do mundo humano com sua inexatidão, loucura e lucidez.

Não pretendo concluir, pois sei que nenhum assunto tocante à existência humana pode ser considerado como uma missão cumprida. O que quero é dizer que, buscamos provocar reflexões sobre o tema da pesquisa, e desejamos que novos olhares possam ser produzidos a partir desse escrito. Já o que capturamos sobre os modos de ser surdo implantado coclear é que todo indivíduo é um corpo lançado no mundo, imbricado nos mundos circundante, humano e próprio.

Tudo nos levou a crer que é inevitável o processo de ser criador e criatura da realidade cotidiana que nos cerca. Assim, o surdo, implantado coclear ou não, é um indivíduo que merece ser pensado como alguém digno de cuidado, respeito e consideração. A ele – e a cada um deles! - deve ser propiciado o direito de falar de si e do modo como se percebe no mundo, garantindo-lhe a posse do próprio corpo bem como a produção estética que deseja de forma criativa transcriar em seu corpo, sua morada, seu patrimônio pessoal e intransferível.

Termino minha escrita do modo como comecei: pensando sobre a vida, sobre nossa finitude e admirando a capacidade singular de ser no mundo, junto com o outro. Acerca disso, nos diz, de modo poético, Coralina:

Saber Viver

Não sei...
se a vida é curta
ou longa demais para nós.
Mas sei que nada do que vivemos
tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,
silêncio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que sacia,
amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo:
é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira e pura...
enquanto durar (CORALINA, 2006).

REFERÊNCIAS

12 ANOS de escravidão. Direção: Steve McQueen. Produção: Brad Pitt, Dede Gardner, Jeremy Kleiner *et al.* Intérpretes: Chiwetel Ejiofor, Michael Fassbender, Benedict Cumberbatch, Paul Dano *et al.* Roteiro: John Ridley. [S. l.]: Plan B Entertainment, São Paulo: River Road Entertainment, 2019. Blu-ray (134 min).

ALMEIDA, W. C. de. **Psicoterapia Aberta Formas do Encontro**. 2. ed. São Paulo: Ágora, 1988. INICIAIS MINÚSCULAS

ALMEIDA, Marco Antônio Bettine. **Luta, resistência e cidadania: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v9n18/v9n18a11.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

ALVES, Rubem. **A educação dos Sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

AS AVENTURAS de Pi. Direção: Ang Lee. Produção: Ang Lee, Gil Netter e David Womark. Intérpretes: Suraj Sharma, Irrfan Khan, Adil Hussain *et al.* Roteiro: David Magee. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2012. Blu-ray 3D (127 min.).

AUGRAS, M. **Ser da compreensão: Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BELL, Judith. **Como realizar um projecto de investigação em Ciências Sociais: Trajectos**. 5. ed. Lisboa: Gradativa, 2010.

BENTO, Ricardo Ferreira *et al.* **Tratado de implante coclear e próteses auditivas implantáveis**. Rio de Janeiro: Thieme Revinter, 2014.

BETTON, Gérard. **Estética do cinema**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BRAGIO, Jaqueline. **A fenomenologia de ser professora em uma classe hospitalar**. Vitória, ES.: PPGE/ UFES. 2019. Dissertação de mestrado.

BRASIL. **Parecer Técnico Cobertura: Implante Coclear**. Disponível em: <[http://www.ans.gov.br/images/stories/Participacao_da_sociedade/2016_gt_opme/3reuniao-2016-04-08-Parecer_Tecnico_Implante_Coclear](http://www.ans.gov.br/images/stories/Participacao_da_sociedade/2016_gt_opme/3reuniao-2016-04-08-Parecer_Tecnico_Implante_Coclear.pdf)>.pdf. Acesso em: 30 ago. 2019.

BRASIL. **Código de ética do orientador educacional**. Disponível em: <http://www.drearaguaina.com.br/minutas/anexo_5_minuta_oficio_gab_circ_100_2011.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2019.

BRASIL. **Implantes cocleares: sistema de implante coclear SYNCHRONY**. Disponível em: <<https://www.medel.com/br/hissory/>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Imprensa Oficial, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca**. Brasília: Corde, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

BRASIL. **Procedimentos relativos à assistência à saúde auditiva hospitalar na tabela SUS**. Disponível em:<https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/37027066/do1-2018-08-16-portaria-n-2-161-de-17-de-julho-de-2018--37026915>. Acesso em: 01 ago. 2019.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <Disponível em: <http://bit.ly/2fmnKeD> >. Acesso em: 20 jun. 201.

BRASIL. **SESA/Superintendência Regional de Saúde de Colatina/NREC**, PREGÃO ELETRÔNICO de acordo com as leis 8666/93 e 10520/02 e decreto nº 2458-R/10, por sistema eletrônico es-compras. Diário Oficial da União, Espírito Santo, ES, 4 jun. 2014. Seção 2, p. 5 1. DOES.18.09. 2020. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOSP/2020/09/18> >. Acesso em:18 set. 2020.

BRIGANTI. Carlos Rosário. **Corpo virtual: Reflexões sobre a clínica psicoterápica**. São Paulo: Summus,1987.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CALADO, Silvia dos Santos; FERREIRA, Silvia Cristina dos Reis. **Análise de documentos: métodos de recolha e análise de dados**. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos>. Acesso em 30 de ago. 2019.

CAPES. **Banco de teses**. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco->>. Acesso em: 05 ago. 2019.

CARMO, Paulo Sérgio. **Merleay Ponty: uma introdução**. São Paulo: Educ., 2004.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CLARO, Ana Carolina Iacuzio. **Diretrizes de seleção e o perfil dos pacientes que receberam o implante coclear em um serviço público de saúde auditiva**. 2018. 93 f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Comunicação Humana)- Faculdade de Ciências Médicas, Santa Casa de São Paulo, São Paulo, 2018.

CORALINA, C. **Poema dos becos de Goiás e estórias mais**. 23. ed. São Paulo: Global, 2006.

COSTA, Juliana Pêgas. **A prática docente na inclusão educacional de um aluno surdo com implante coclear**. 103 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ECHER, Isabel Cristina. **A revisão de literatura na construção do trabalho científico**. Disponível em: < file:///C:/Users/Dell/Documents/Downloads/1194-6369-1-PB.pdf >. Acesso em: 10 ago. 2019.

ELERT, Hiltrud. **Corpos em fronteiras identitárias: os implantes cocleares instituindo e ensinando “novas” maneiras de ser surdo**. 2008. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2008.

FORGHIEIRI, Yolanda Cintrão. **Fenomenologia e Psicologia**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

FORGHIEIRI, Yolanda Cintrão. **Aconselhamento terapêutico: Origem, Fundamentos e Práticas**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

FORGHIEIRI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. Reimpressão. São Paulo: Cengage, 2017.

FORGHIEIRI, Yolanda Cintrão. Saúde existencial: vivência a ser periodicamente reconquistada. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 46-57, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94624114.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

GARCIA, Eduardo de Campos. **Implante Coclear: estudos concernentes à biopolítica, ao biopoder e ao biocapital em III volumes**. 2015. 608 f. Tese (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIORGI, Amadeo; SOUZA, Daniel. **Método fenomenológico da investigação em Psicologia**. Lisboa: O fim do Século- Edições, Sociedade Unipessoal LTDA., 2010.

GIORGI, Amadeo. Método psicológico fenomenológico: alguns tópicos teóricos e práticos. **Educação**, Porto Alegre, ano 24, n. 43, p.133-150, abr. 2001.

HARAWAY, D. J. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano / organização e tradução Tomaz Tadeu**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Coordenador de tradução Entino Stefano Pivatto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LIMA, Clevisvaldo Pinheiro. **TV Globo e a surdez: compreensões acerca do discurso sobre o implante coclear**. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico

em Letras) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade federal do Piauí, Teresina, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, Maura; FABRIS, Elis. **Inclusão e educação**. Belo Horizonte. Autêntica, 2016.

MACÊDO, S.; CALDAS, M. T. Merleau-Ponty e Gadamer: possibilidades de se pesquisar a prática de psicólogos clínicos diante de demandas de sofrimento no trabalho. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO, 4, 2010, São Bernardo do Campo. **Resumos** [...]. São Bernardo do Campo: UNESP, 2010.

MAIA, Dayane Thomazi. **Direitos fundamentais e deveres dos pacientes com implante coclear**: revisão jurídica para (re)habilitação auditiva. 2018.107f. Dissertação (Mestrado em Processos e Distúrbios da Comunicação) - Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru, 2018.

MAY, Rollo. **Poder e Inocência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MIRANDA, Clara Feldman de; MIRANDA, Mário Lúcio de. **Construindo a relação de ajuda**. Belo Horizonte: Crescer, 1988.

MOREIRA, A. D. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2012.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOREIRA, Luciano. **A história do implante coclear**. Disponível em: <<https://portalotorrino.com.br/hissoria-do-implante-coclear/>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **A reinvenção da roda**: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. Disponível em:<<file:///C:/Users/Dell/Documents/Downloads/18338-39759-1-PB.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2019.

MÜLLER, Ronice de Quadros; PERLIN, Gladis. Ouvinte: O Outro Do Ser Surdo. In: _____. (org.). **Estudos Surdos I**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006. p. 170.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Bananeira Filmes. Intérpretes: José Dumont, Gero Camilo, Rui Resende *et al.* Roteiro: Eliane Caffé e Luis Alberto de Abreu. [S.l.]: Videolar S. A., Rio de Janeiro: Videofilmes Produções Artísticas LTDA., 2003. DVD (102 min.).

NOBREGA, Terezinha Petrucia. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

OLIVEIRA, José Antônio A. **Cochlear Implant**. Disponível em: http://auditivo.fmrp.usp.br/implante_coclear.php. Acesso em: 23 ago. 2019.

OLIVEIRA, José Clóvis *et al.* **O Questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas**, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA13_ID8319_03082016000937.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

PAIVA, Jaciara Silva. **(Sobre)vivências: um estudo fenomenológico-existencial acerca dos modos de ser sendo crianças e adolescentes em situação de rua**. 2006. 223 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

PAZ, Octavio. **A busca do presente e outros ensaios**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. B. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

PESSOA, Fernando. **Obras em prosa**. Organização, introdução, e notas de Cleonice Beradinelli. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1998.

PINEL, Hiran. **A pessoa surda: o mundo próprio de "ser no mundo"**. Vitória: Do autor, 2019. No prelo.

PINEL, Hiran. **Correspondência via e-mail sobre a temática ser surdo, em orientação**. Vitória: hiranpinel@gmail.com.br, 2018.

PINEL, Hiran *et al.* **Ser-sendo gay no estado islâmico: uma investigação fenomenológica a partir de um texto jornalístico que narra o caso Taim**. **ARTE-FACTUM- Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, v. 13, n. 2, 2016. Disponível em: [phttp://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1333/643](http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1333/643). Acesso em: 10 mar. 2019.

PINEL, Hiran. Texto de três post's no *Facebook*: **Grufei - Grupo de (estudos e pesquisas) Fenomenologia, Educação (Especial) e Inclusão**. Vitória, 02 out. 2020. Facebook: Hiran Pinel. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1813130458712051>. Acesso em: 02 out. 2020.

RIGAMONTI, Carla. **Constituição psíquica e implante coclear: linguagem e psicanálise no Programa Espaço Escuta**. 2014. 155 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

RUDIO, Franz Victor. **Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

SCHWARZ , Andressa, **Implante Coclear: o que modifica na escola para uma criança surda?** Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/121106/schwarz_a_tcc_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 ago. 2019.

SEIXAS, Raul. **Carimbador maluco**. São Paulo: EMI-Odeon, 1983.

SILVA, Alessandro Soares da. **Luta, resistência e cidadania: uma análise psicopolítica dos movimentos e paradas do orgulho LGBT**. [S.l.: s.n.], 2009.

SILVA, Franklin Leopoldo. **O conhecimento de si**. São Paulo: Casa do Saber, 2011.

SILVA, Jaqueline Ahnert Siqueira da. **A Educação da criança surda com implante coclear: reflexões sobre a família, a clínica e a escola**. 2013. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_6800_Disserta%E7%E3o%20vers%E3o%20final%20PDF.pdf. Acesso em: 06 de ago. 2019.

SKLIAR, Carlos. **O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação**. Salvador: EDUFBA, 2014.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SOUZA *et al.* **Mídias Sociais: construção de narrativas de si de adolescentes**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v30/1807-0310-psoc-30-e169654.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

UFES. **Normalização de referências: NBR 6023:2002**. Universidade Federal do Espírito Santo, Biblioteca Central. Vitória, ES: A Biblioteca, 2006.

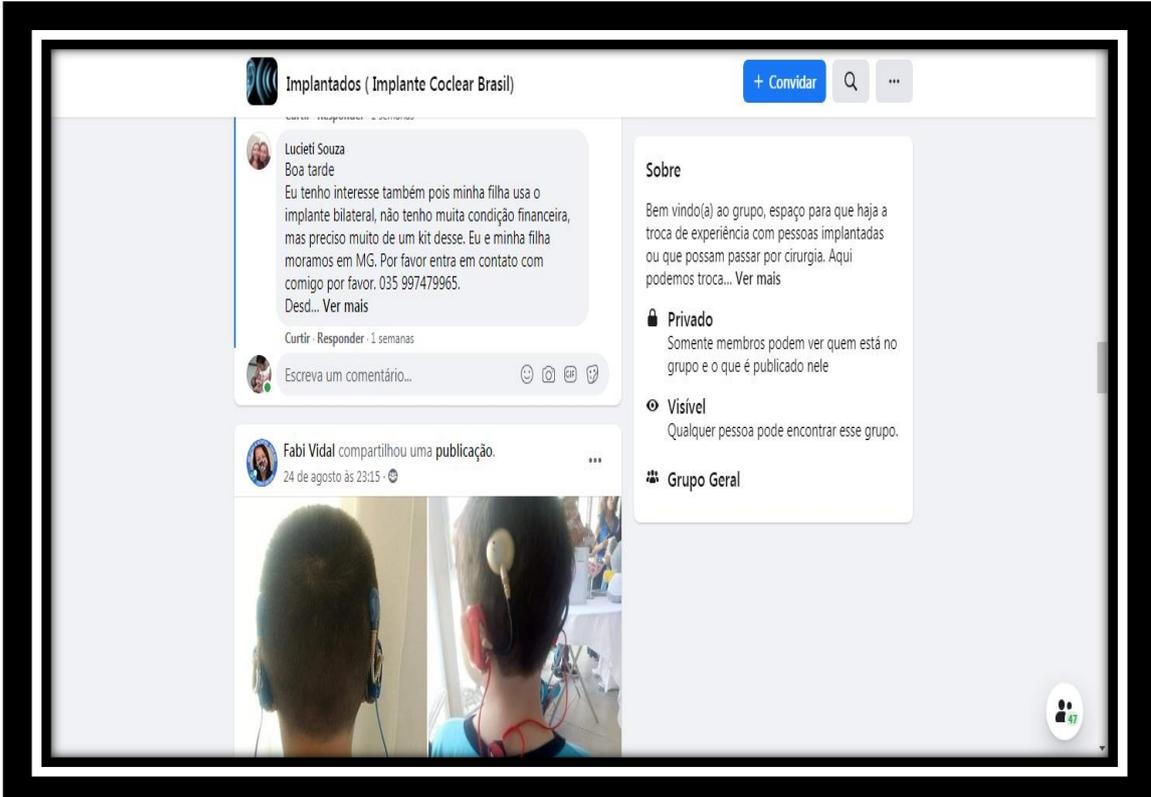
UFES. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos**. Universidade Federal do Espírito Santo, Biblioteca Central. Vitória, ES: A Biblioteca, 2006.

VIEIRA, Sheila de Souza. **Enfrentamento da surdez em adultos usuários de implante coclear: uma busca de independência e autonomia**, 217.127f. Tese (Doutorado em Distúrbios da Comunicação Humana -Fonoaudiologia)- Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, 2017.

YAMADA, Midore Otaka; VALLE, Elizabeth Ranier. **Vivência de mãe na trajetória de seus filhos com implante coclear: Fatores afetivos e Emocionais**. São Paulo: Book Toy, 2014.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. **Fenomenologia e Psicologia**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

ANEXO I: Sentidos capturados em alguns *posts* de Facebook



Implantados (Implante Coclear Brasil)

Lucietti Souza
Boa tarde
Eu tenho interesse também pois minha filha usa o implante bilateral, não tenho muita condição financeira, mas preciso muito de um kit desse. Eu e minha filha moramos em MG. Por favor entra em contato com comigo por favor. 035 997479965.
Desd... Ver mais

Curtir · Responder · 1 semana

Escreva um comentário...

Fabi Vidal compartilhou uma publicação.
24 de agosto às 23:15

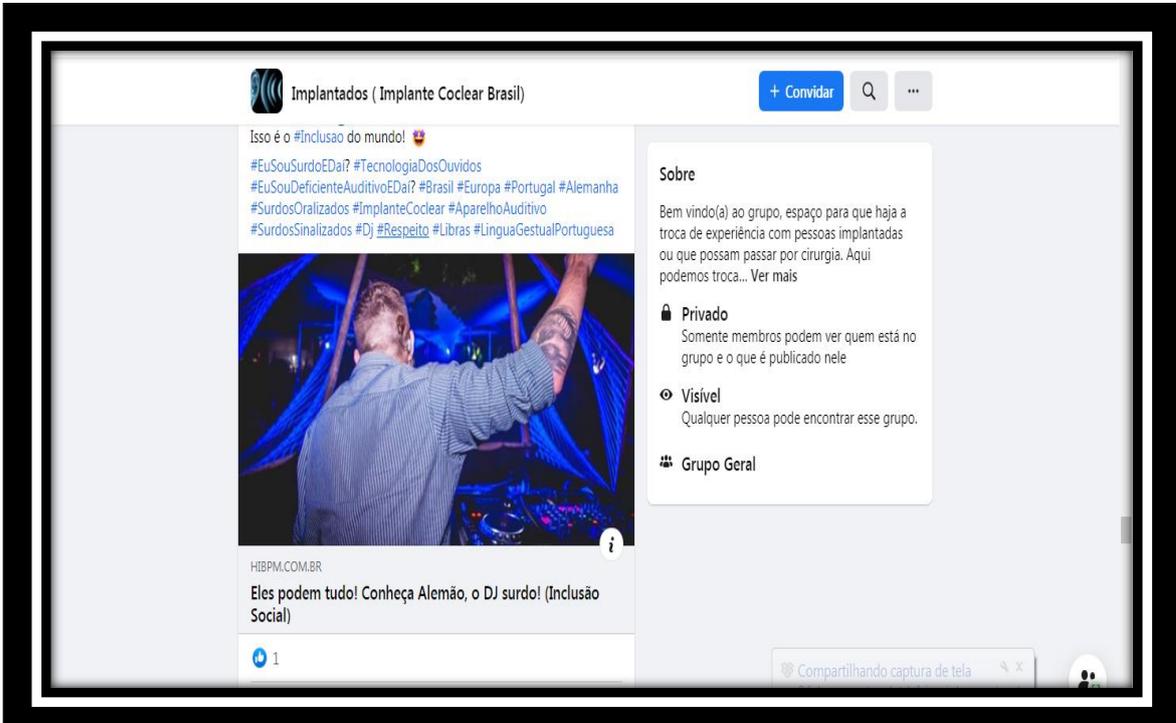


Sobre
Bem vindo(a) ao grupo, espaço para que haja a troca de experiência com pessoas implantadas ou que possam passar por cirurgia. Aqui podemos troca... Ver mais

Privado
Somente membros podem ver quem está no grupo e o que é publicado nele

Visível
Qualquer pessoa pode encontrar esse grupo.

Grupo Geral



Implantados (Implante Coclear Brasil)

Isso é o #Inclusão do mundo! 🤖
#EuSouSurdoEDa? #TecnologiaDosOuvidos
#EuSouDeficienteAuditivoEDa? #Brasil #Europa #Portugal #Alemanha
#SurdosOralizados #ImplanteCoclear #AparelhoAuditivo
#SurdosSinalizados #Dj #Respeito #Libras #LinguaGestualPortuguesa



HIBPM.COM.BR
Eles podem tudo! Conheça Alemão, o DJ surdo! (Inclusão Social)

1

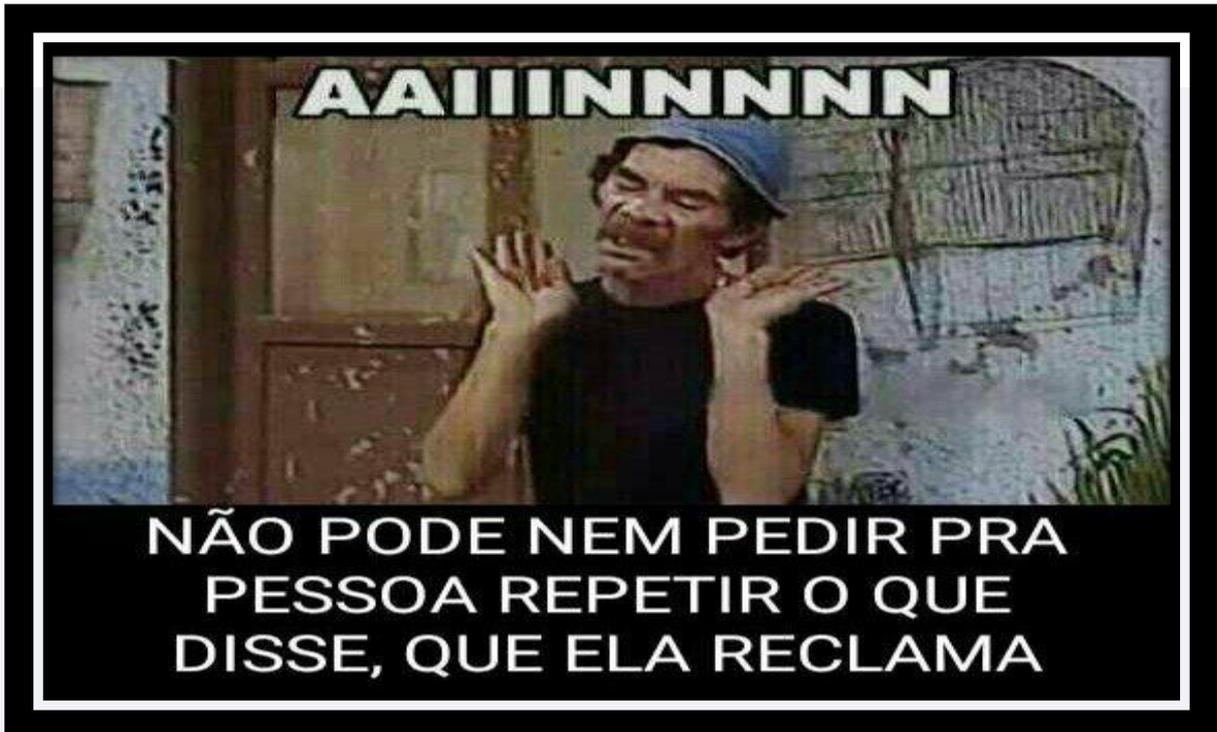
Sobre
Bem vindo(a) ao grupo, espaço para que haja a troca de experiência com pessoas implantadas ou que possam passar por cirurgia. Aqui podemos troca... Ver mais

Privado
Somente membros podem ver quem está no grupo e o que é publicado nele

Visível
Qualquer pessoa pode encontrar esse grupo.

Grupo Geral

Compartilhando captura de tela



Angela Maria da Silva
 Pregoeiro Oficial CPL/SRSV
Protocolo 611382

AVISO DE LICITAÇÃO
Nº 0043/2020

SESA/Superintendência Regional de Saúde de Colatina/NREC, torna público que fará realizar licitação na modalidade PREGÃO ELETRÔNICO, de acordo com as leis 8666/93 e 10520/02 e decreto nº 2458-R/10, por sistema eletrônico es-compras. O Edital está disponível no Sistema "SIGA" www.compras.es.gov.br para a licitação abaixo:

PREGÃO ELETRÔNICO Nº 0043/2020
PROC.2020-TZ1TH

Objeto: aquisição de peças para a reposição/manutenção de APARELHO DE IMPLANTE COCLEAR - MARCA MEDEL, para atender mandado judicial da SRSC, em favor de G.R

Início de acolhimento das propostas: à partir das 10:00 horas do dia 18/09/2020.

Limite de acolhimento das propostas: dia 01/10/2020 às 08:00 horas

Nota explicativa: **Narrativas extraídas de páginas do facebook. Utilizamos cores diferenciadas para marcar individualmente cada uma das narrativas.

[...] Aprendi a construir meu mundo, PARALELO ao mundo dos "deuses" do Implante coclear, para que consiga EVOLUIR com LIBERDADE de expressão e manter o meu mundo preservado pela manipulação que tenta me regressar ao mundo do SILÊNCIO. Do que me adianta OUVIR se tenho que me CALAR???!?!!

Colaborador em ascensão 18 de julho.

[...] sou implantado, mas não tive sucesso; não funciona preciso de ajuda

Puxador de conversa · 17 de julho.

[...] VOCÊ SABIA QUE EXISTE LICITAÇÃO PARA ATENDER AÇÕES JUDICIAIS NA ÁREA DE IMPLANTE COCLEAR?

Puxador de conversa · 14 de julho.

[...] Sou Bimodal. Uso AASI desde 1999, sou Paciente do Centrinho, e conheço outros 4 centros de referência em Implante Coclear e AASI.. Tenho 55 anos e estou lutando TODOS os dias para ser aceito nesse mundo "secreto " de soluções auditivas. O problema é que tem muitos "deuses" nesse meio FANTÁSTICO do som e eu fico na observação...rsrsrsrs...No grupo da Lak, estou lá escondido. No grupo Surdos que Ouvem, estou lá escondido....uma LUTA...rsrsrsrs Por isso eu copio TUDO desses grupos de gente CHIQUE do Implante, e levo pro debate aos meus grupos SECRETOS, desse jeito, estamos separando as coisas boas e más e vamos até que calem nossa BOCA e retirem-nos os SONS....Abraços e boa sorte e sucesso pra gente.

[...] Hoje eu li no grupo da Lak que , tudo que falamos na web e que não concordamos com ela, alguém faz uma CÓPIA e entrega.

[...] Li, escondido pois, não posso me expressar lá então COPIE E COLE.

[...] preciso com urgência de uma bateria do Nucleus5.

[...] sou implantada unilateral e a minha parou de funcionar. Se alguém tiver uma que não usa mais com um valor mais em conta agradeço muito.

[...] Somente para aqueles que AINDA estão na "ATIVA"...Uma das grandes diferenças entre AASI e Implante Coclear será no momento do RALA E ROLA. Não pense que você vai ficar usando o PROCESSADOR DE FALA e se movimentar NOS LENÇÓISkkkkk Ô COITADO !!!!! o PROCESSADOR simplesmente NÃO para no lugar então, você se concentra no AMORECO ou no PROCESSADOR do Implante: você decide.

APÊNDICE A:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Rute Leia Augusta da Silva, convido o(a) senhor(a) a participar da pesquisa intitulada: “**Uma Descrição fenomenológica dos modos de ser surdo implantado coclear**”. A pesquisa pretende investigar o que é e como é ser surdo implantado coclear. Realizaremos, se concordar e autorizar, compreensão de dados por meio do processo de escuta dos colaboradores dessa pesquisa. Assim, nosso interesse é descrever as histórias de vida, as memórias e as experiências nos modos de ser surdo implantado coclear. A concordância na participação dessa pesquisa é voluntária, livre e gratuita, não haverá nenhum tipo de pagamento, ou despesa alguma durante a realização do estudo.

É de garantia plena à pessoa colaboradora do estudo, sigilo de sua identidade e o anonimato das informações prestadas à pesquisadora, antes da ampla divulgação do trabalho. As informações coletadas serão tratadas com zelo, de forma ética, a fim de que seja evitada a identificação do colaborador no corpo do trabalho. É garantida liberdade de recusar sua participação na pesquisa bem como de desistir da continuidade em qualquer etapa da investigação, não estando sujeito(a) a nenhum tipo de penalidade. Acreditamos ser importante esclarecer que os dados produzidos poderão posteriormente ser utilizados para fins acadêmicos de reflexão sobre assuntos tocantes à surdez, implante coclear, modos de ser e mundo do sujeito. Garantimos manter uma conduta ética que vise resguardar a participantes, mantendo-se o princípio sigiloso de suas identidades.

Caso surjam dúvidas referentes ao teor da pesquisa ou em qualquer aspecto de sua essência, e deseje obter informações sobre seu andamento ou opte pela desistência em sua participação, por favor, comunique sua decisão à pesquisadora Rute Leia Augusta da Silva, e-mail: silcra@hotmail.com, contato telefônico: (27) XXXX- XXXX. Endereço: Rua XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, n. XXX, Bairro XXXXXXXXXXXXX, CEP XXXXX-XXX– Cidade XXXXX– XX.

Rute Leia Augusta da Silva

Declaro estar ciente das informações acima postadas e consinto em participar desta pesquisa. Declaro também ter recebido cópia deste termo de consentimento.

Assinatura do colaborador e ou/representante legal

XXXXXXXXXX, XX de XXXXXXXXXXXX de 2020.